



SANTO AGOSTINHO

UM PECADOR SE CONFESSA

ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO
HUGO LANGONE



COLEÇÃO
**BIBLIOTECA
DIAMANTE**

**SANTO
AGOSTINHO**

**UM PECADOR
SE CONFESSA**

ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO
HUGO LANGONE

TRADUÇÃO DE
FREDERICO OZANAM PESSOA DE BARROS

COLEÇÃO
**BIBLIOTECA
DIAMANTE**



**EDITORA
NOVA
FRONTEIRA**

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Candelária, 60 – 7º andar – Centro – 20091-020
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3882-8200

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430

Um pecador se confessa / Agostinho, Santo, Bispo de Hipona; organização Hugo Langone; tradução Frederico Ozanam Pessoa de Barros. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. – (Coleção Biblioteca Diamante)
160 p.

ISBN 978-65-5640-272-7

1. Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. Confissões 2. Santos cristãos - Biografia I. Langone, Hugo. II. Título III. Série.

21-60923

CDD-922.22

Índices para catálogo sistemático:

1. Santos : Igreja Católica : Autobiografia 922.22
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO · HUGO LANGONE

LIVRO I

LIVRO II

LIVRO III

LIVRO IV

LIVRO V

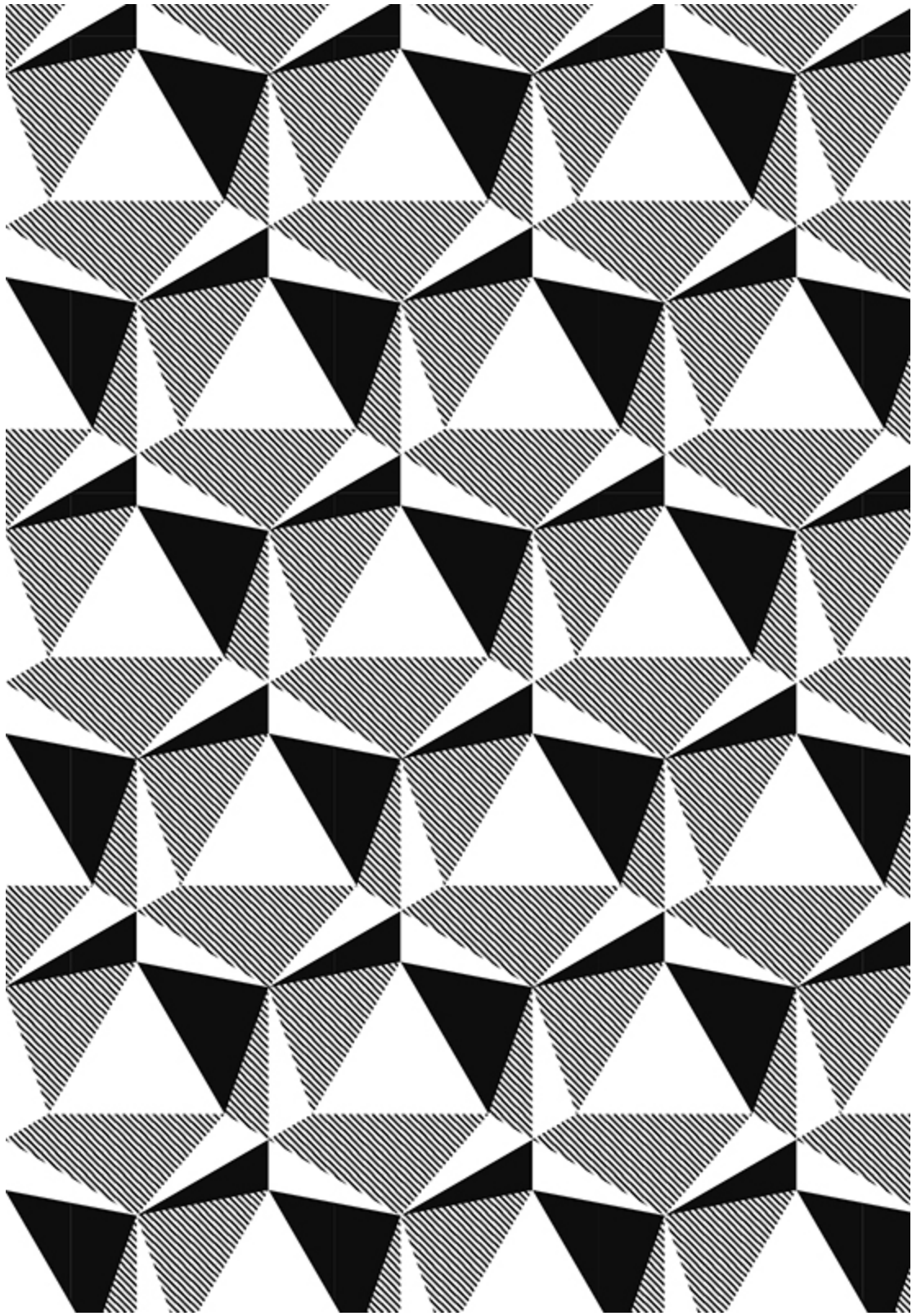
LIVRO VI

LIVRO VII

LIVRO VIII

LIVRO IX

SOBRE O AUTOR



APRESENTAÇÃO

HUGO LANGONE

Já se assinalou, a respeito das *Confissões* de Agostinho, que um dos sinais de sua riqueza está precisamente nas contribuições que o texto é capaz de dar às mais distintas áreas do conhecimento. Da filosofia à psicologia, passando pela teologia, pelos estudos literários, pela linguística, pela história, pela sociologia e por uma miríade de outros campos do saber, as *Confissões* têm sempre algo a ser dito — e algo que não veio a se exaurir nem mesmo hoje, mais de 1.600 anos após sua elaboração.

Os estudiosos já se dividem há tempos no que diz respeito a quem se teria destinado a obra maior do bispo de Hipona. A verdade, no entanto, é que ela sobreviveu a quais fossem seus interlocutores, que sobreviverá também a nós, que marcará homens e mulheres por tanto tempo quanto for o tempo em que continuarem a existir mulheres e homens.

A razão para essa vitalidade não é uma só razão, mas várias: Agostinho é um mestre da expressão, um exímio construtor de imagens, uma forja de metáforas, de referências e de toda sorte de figuras de linguagem, de retórica; é, também, um inquiridor nato, alguém que não se furta às questões mais fundamentais, à busca sincera da verdade em todas as esferas da vida. No entanto, é preciso ir além: deve-se declarar que, se Agostinho nos diz tanto, é porque, ao olhar para seu passado e suas fraquezas, olhou também para as nossas. O eu que narra essas *Confissões* poderia muito bem ser o nosso, um eu igualmente acossado pela inquietude de um coração que só encontrará repouso verdadeiro no Sumo Bem que é Deus. Quando Agostinho se confessa, fá-lo lançando luz sobre nossa alma, a fim de que também nós possamos nos apresentar de peito contrito e confiante a Ele.

Ao pensar, pois, os critérios que norteariam esta antologia de trechos das *Confissões*, optou o organizador por priorizar os livros e segmentos que mais revelassem a dinâmica e as tensões da vida interior de Agostinho — os livros e

segmentos, pois, que mais se voltam para as vicissitudes de sua biografia. Se deve haver uma seleta capaz de fazer-nos vislumbrar o porquê de Agostinho ter alcançado a estatura que alcançou como pensador, que ela o faça trazendo à baila a fonte real de todas as discussões técnicas em que o intelectual se embrenhou um dia. E essa fonte, sabemos, é ele mesmo, com sua sede do absoluto. A partir do conhecimento do relato autobiográfico agostiniano, todos os temas para os quais o santo é ainda hoje referência nos serão abertos naturalmente — e, desta forma, este pequeno livro terá cumprido alegremente sua função.

LIVRO I

I. I. Grande és, Senhor, e infinitamente digno de ser louvado; grande é teu poder, e incomensurável tua sabedoria. E pretende louvar-te o homem, pequena parte de tua criação, e precisamente o homem que, revestido de sua mortalidade, leva consigo o testemunho do pecado e o testemunho de que resistes aos soberbos? Contudo, o homem, pequena parte de tua criação, deseja louvar-te. Tu mesmo o excitas a isso, fazendo com que se deleite em te louvar, porque nos fizeste para ti, e nosso coração está inquieto enquanto não encontrar em ti descanso. Faze, Senhor, que eu entenda e conheça se é mais importante invocar-te e louvar-te, ou se devo antes conhecer-te, para depois te invocar. Mas haverá alguém que te invoque antes de te conhecer? Porque, não te conhecendo, facilmente poderá enganar-se em suas invocações. Ou, porventura, deves antes ser invocado para depois ser conhecido? Mas como invocarão aquele em quem não creem? Ou como haverão de crer sem pregador?

Com certeza, louvarão ao Senhor os que o buscam, porque os que o buscam o encontram, e os que o encontram hão de louvá-lo.

Que eu, Senhor, te busque invocando-te, e te invoque crendo em ti, pois já me falaram de ti. Invoca-te, Senhor, minha fé, a fé que tu me deste e inspiraste pela humanidade de teu Filho e o ministério de teu pregador.

[...]

v. 5. Quem me dera descansar em ti? Quem me dera que viesses a meu coração e que o embriagásseis, para que eu me esqueça de minhas maldades e me abrace contigo, meu único bem? Que és para mim? Tem piedade de mim, para que eu possa falar. E que sou eu para ti, para que me mandes que te ame, e, se não o faço, te ires contra mim e me ameaces com terríveis castigos? Acaso é pequena a miséria de não te amar? Ai de mim! Dize-me, por tuas misericórdias, meu Senhor e meu Deus, que és para mim? Dize a minha alma:

“Eu sou a tua salvação.” Que eu corra atrás dessa voz e te alcance. Não queiras esconder-me teu rosto. Morra eu para que não morra, e para que eu possa vê-lo.

[...]

vi. 7. [...] E que pretendo dizer-te, Senhor, senão que não sei de onde vim aqui a esta não sei se vida mortal ou morte vital? Não o sei.¹ Mas receberam-me os consolos de tuas misericórdias, de acordo com o que ouvi de meus pais carnis, de quem e em quem me formaste no tempo, pois eu de mim nada recordo. Receberam-me, digo, os consolos do leite humano, do qual nem minha mãe, nem minhas amas enchiam os seios; mas eras tu que, por meio delas, me davas aquele alimento da infância, de acordo com tua ordem, e segundo os tesouros dispostos por ti até no mais íntimo das coisas?

Também por tua causa é que eu não queria mais do que me davas, por tua causa é que minhas amas queriam dar-me o que tu lhes davas, pois elas, movidas de sadio afeto, queriam dar-me aquilo de que abundavam em ti, já que era um bem para elas receber eu delas aquele bem, embora, realmente, não fosse delas, porque de ti procedem, com certeza, todos os bens, ó Deus, e de ti, Deus meu, depende toda minha salvação.

Tudo isto vim a saber mais tarde, quando me falaste por meio dos mesmos bens que me concedias interior e exteriormente. Porque então a única coisa que eu sabia era mamar, aquietar-me com os afagos, chorar as dores de minha carne, e nada mais.

vi. 8. Depois também comecei a rir, primeiro dormindo, depois acordado. Isto disseram de mim, e o creio, porque o mesmo acontece com outros meninos, pois eu não tenho a menor lembrança dessas coisas.

Pouco a pouco comecei a dar-me conta de onde estava, e a querer dar a conhecer meus desejos a quem mos podia satisfazer, embora realmente não o pudessem, porque meus desejos estavam dentro, e eles fora, e por nenhum sentido podiam entrar em minha alma. Por isso, agitava os membros e gritava sinais semelhantes a meus desejos, os poucos que podia e como podia, embora verdadeiramente não se lhes assemelhassem.

Mas, se não era atendido, ou porque não me entendessem, ou porque o que desejava me era prejudicial, eu me indignava: com os adultos, porque não

se me submetiam, e com os livres, por não quererem ser meus escravos, e de uns e de outros me vingava chorando. Assim são as crianças que pude observar; e que eu também fosse assim, mais me ensinaram elas, sem sabê-lo, do que os que me criaram, sabendo-o.

[...]

VI. 10. [...] Com efeito, de onde poderia vir semelhante criatura, senão de ti, Senhor? Acaso alguém pode ser artífice de si mesmo? Porventura existe alguma outra veia por onde corra até nós o ser e a vida, diferente da que nos dais, Senhor, em quem ser e vida não são coisas distintas, porque és o Sumo Ser e a Suprema Vida? Com efeito, és sumo, e não te mudas, nem caminha para ti o dia de hoje, apesar de caminhar por ti, apesar de estarem em ti com certeza todas estas coisas, que não teriam caminho por onde passar se não as contivesses. E porque teus anos não fenecem, teus anos são um perpétuo hoje. Oh! Quantos dias nossos e de nossos pais já passaram por este teu hoje, e dele receberam seu modo, e de alguma maneira existiram, e quantos passarão ainda, e receberão seu modo, e existirão de alguma maneira? Mas tu és sempre o mesmo, e todas as coisas de amanhã e do futuro, e todas as coisas de ontem e do passado, nesse hoje as fazes, nesse hoje as fizeste.

[...]

VII. 2. Escuta-me, ó Deus! Ai dos pecados dos homens! E isto o diz um homem, e tu te compadeces dele porque o fizeste, embora não fizesses o pecado que nele existe.

Quem me há de lembrar o pecado de minha infância, já que ninguém está diante de ti limpo de pecado, nem mesmo a criança, cuja vida conta um só dia sobre a terra? Quem mo recordará? Acaso alguma criança ou menino de hoje, em quem vejo o que não me recordo de mim? E em que eu poderia pecar nesse tempo? Acaso por desejar o peito chorando? Porque se agora eu suspirasse com a mesma avidez, não pelo seio materno, mas pela comida própria de minha idade, seria justamente escarnecido e repreendido. Logo, era digno de repreensão o que eu então fazia; mas como não podia entender a quem me repreendesse, nem o costume, nem a razão permitiam que eu fosse repreendido. A prova está em que, segundo vamos crescendo, extirpamos e

afastamos de nós essas coisas, e jamais vi homem sensato que, para limpar uma coisa, a prive do que tem de bom.

Acaso, mesmo para aquele tempo, era bom pedir chorando o que não se me podia dar sem dano, indignar-se acremente com as pessoas livres que não se submetiam, assim como com pessoas respeitáveis, e até com meus próprios pais, e com muitíssimos outros, que, mais prudentes, não davam atenção aos sinais de meus caprichos, enquanto eu me esforçava por ofendê-las com meus golpes, quanto podia, por não obedecerem às minhas ordens, por me serem prejudiciais? Daqui se segue que o que é inocente nas crianças é a debilidade dos membros infantis, e não a alma.

[...]

vii. 12. [...] Tenho vergonha, Senhor, de ter que juntar à vida que agora vivo aquela idade que não recordo ter vivido, na qual acredito por ter ouvido de outros, por vê-lo assim em outras crianças, embora essa conjectura mereça toda a fé. Porque as trevas em que está envolto meu esquecimento a seu respeito assemelham-se à vida que vivi no seio de minha mãe.

Assim, se fui concebido em iniquidade, e se em pecado me alimentou minha mãe, onde, suplico-te, meu Deus, onde, Senhor, eu, teu servo, onde e quando fui inocente? Mas eis que omito esse tempo. Para que ocupar-me dele, se dele já não conservo nenhum vestígio?

viii. 13. Acaso não foi caminhando da infância até aqui que cheguei à puerícia? Ou, para dizer melhor, esta veio a mim, e suplantou a infância, em que ela se retirasse, porque para onde poderia ir? Contudo, deixou de existir, porque eu já não era mais infante, que não falava, mas um menino que sabia falar. Disso me recordo; mas como aprendi a falar, só mais tarde é que vim a saber. Certamente não me ensinaram os mais velhos, apresentando-me as palavras com certa ordem e método, como logo depois me ensinaram as letras, mas eu mesmo, com o entendimento que me deste, meu Deus, ao querer manifestar meus sentimentos com gemidos e vozes várias, e diversos movimentos do corpo, a fim de que atendessem a meus desejos, e ao ver que não podia exteriorizar tudo o que queria, nem ser compreendido por todos aqueles a quem me dirigia. Assim, pois, quando me designavam alguma coisa pelo nome, eu a retinha na memória, e, se ao pronunciar de novo a tal palavra,

moviam o corpo na direção do objeto, eu entendia e notava que aquele objeto era o denominado com a palavra que pronunciavam, porque assim o chamavam quando o desejavam mostrar.

Que esta fosse sua intenção, deduzia-o eu dos movimentos do corpo, que são como as palavras naturais de toda gente, feitas com a expressão do rosto, a atitude dos membros e o tom da voz, que indicam os afetos da alma para pedir, reter, rejeitar ou evitar alguma coisa. Deste modo, das palavras postas em várias frases e em seus lugares, e ouvidas repetidas vezes, ia notando eu pouco a pouco os objetos que significavam, e, vencida a dificuldade de minha língua, comecei a dar a entender minhas vontades por meio delas.

Foi assim que comecei a fazer uso dos sinais comunicativos de meus desejos com as pessoas entre as quais vivia, e entrei a fazer parte do proceloso mar da sociedade, dependendo da autoridade de meus pais e das indicações das pessoas mais velhas.

IX. 14. Ó meu Deus, meu Deus! Que de misérias e enganos não experimentei então, quando se me propunha a mim, menino, como norma de bem viver, obedecer aos que me admoestavam a brilhar neste mundo, e sobressair nas artes da língua, com as quais depois pudesse lograr honras humanas e falsas riquezas! Para este fim puseram-me na escola, para que aprendesse as letras, nas quais eu, miserável, desconhecia o que havia de útil. Contudo, se era preguiçoso para aprendê-las, era fustigado, sistema louvado pelos mais velhos, muitos dos quais levaram esse gênero de vida antes de nós, nos traçaram caminhos tão trabalhosos, pelos quais éramos obrigados a caminhar, multiplicando assim o trabalho e a dor aos filhos de Adão.

Mas, por fortuna, encontrei homens que te invocavam, Senhor, e com eles aprendemos a te sentir, quanto possível como a um Ser grande que podia escutar-nos e vir em nosso auxílio, embora sem aparecer aos sentidos. Por isso, ainda menino, comecei a invocar-te como refúgio e amparo, e, invocando-te, desatei os nós de minha língua, e, embora pequeno, te rogava já com não pequeno afeto para que não me açoitassem na escola. E quando não me escutavas, o que servia para mim de lição, os mestres assim como meus próprios pais, que certamente não queriam que me sucedesse nenhum mal, riam-se daquele castigo, que então era para mim muito grave.

IX. 15. [...] Contudo, pecávamos escrevendo ou lendo, estudando menos do que nos era exigido, e não o fazíamos por falta de memória ou de inteligência, que, para aquela idade, Senhor, me deste de modo suficiente, senão porque eu gostava de me divertir, embora os que nos castigavam não fizessem outra coisa. Mas os jogos dos mais velhos chamavam-se negócios, enquanto que os dos meninos eram por eles castigados, sem que ninguém se compadecesse de uns e de outros, ou melhor, de ambos. Um juiz honesto poderia aprovar os castigos que eu, menino, recebia porque jogava bola, e porque com este jogo impedia o aprendizado das letras, com as quais, adulto, haveria de jogar mais perniciosamente.

Acaso fazia outra coisa o mesmo que me castigava? Se nalguma questiúncula era vencido por algum colega seu, não era mais atormentado pela cólera e pela inveja do que eu, quando em uma partida de bola era vencido por meu companheiro?

[...]

XII. 19. Nessa minha meninice, na qual eu tinha menos que temer por mim do que em minha adolescência, eu não gostava dos estudos e odiava que me obrigassem a estudar. Contudo, era coagido, e me faziam grande bem. Quem não fazia bem era eu, que não estudava a não ser obrigado, pois ninguém faz bem o que faz contra vontade, mesmo que seja bom o que faz. Tampouco os que me obrigavam a estudar agiam corretamente; antes, todo o bem que eu recebia me vinha de ti, meu Deus, porque eles não tinham outro fim ao me obrigarem a estudar senão saciar o apetite de abundante miséria e de glória ignominiosa. Mas tu, Senhor, que tens contados os cabelos de nossa cabeça, usavas do erro de todos os que me coagiam a estudar para minha utilidade e do meu não querer estudar para meu castigo, de que certamente não era indigno, sendo ainda tão pequeno, e tão grande pecador.

Assim, convertias em bem o mal que eles me faziam, e dos meus pecados me davas justa retribuição porque é teu desígnio, e assim acontece, que toda alma desordenada seja castigo de si mesma.

XIII. 20. Por que odiava eu as letras gregas, que me ensinavam quando eu era criança? Não o sei, nem agora o posso explicar. Em compensação, as letras latinas me apaixonavam, não as que ensinavam os professores primários, mas a

que é explicada pelos chamados gramáticos, porque aquelas primeiras, com as quais se aprende a ler, a escrever e a contar, não me foram menos pesadas e insuportáveis que as gregas. Mas donde podia proceder essa aversão, senão do pecado e da vaidade da vida, porque eu era carne e vento que caminha e não volta?

Pois, sem dúvida, aquelas primeiras letras, por cujo meio poderia chegar, como ainda o faço, a ler tudo o que há escrito e a escrever tudo o que quero, eram melhores, por serem mais úteis, que aquelas outras nas quais me obrigavam a decorar os erros de um tal Eneias, esquecido dos meus, e a chorar a morte de Dido, que se suicidou por amor, enquanto eu, miserabilíssimo, suportava a mim mesmo com olhos enxutos, morrendo para ti em tais coisas, ó meu Deus, minha vida!

[...]

xiv. 23. Por que então esse ódio pela literatura grega [...]? Porque também Homero é perito em inventar essas historiazinhas, dulcíssimo na sua frivolidade, embora para mim, menino, fosse bem amargo. Creio que o mesmo acontecerá com Virgílio para os meninos gregos, obrigados a estudá-lo, como a mim me faziam com relação a Homero. Era a dificuldade; sim, a dificuldade de ter que aprender totalmente uma língua estranha era como fel que aspergia de amargura todas as doçuras gregas das histórias fabulosas.

Porque eu ainda não conhecia uma palavra daquela língua, e já me obrigavam com veemência, com cruéis terrores e castigos, a que a aprendesse. Em compensação, embora eu, ainda criança, também não conhecesse nenhuma palavra de latim, contudo, com um pouco de atenção, o aprendi entre o carinho das armas e os chistes dos que se riam, e as alegrias dos que brincavam, sem medo algum nem tormento. Eu o aprendi, digo, sem a pressão dos castigos, impelido unicamente por meu coração, desejoso de dar à luz seus sentimentos, e não via outro caminho para isso senão aprender algumas palavras, não dos que as ensinavam, mas dos que falavam, em cujos ouvidos ia eu depositando quanto sentia.

Por aqui se vê claramente quanto maior força tem para instruir a curiosidade livre do que a necessidade inspirada pelo medo. Contudo, os excessos da curiosidade encontram nesse constrangimento um freio segundo tuas leis, ó Deus, que desde as palmatórias dos professores até os tormentos

dos mártires sabem dosar suas salutares amarguras, que nos reconduzem a ti desde o pestífero deleite que de ti nos apartara.

[...]

xvii. 27. Permite-me, Senhor, que diga também algo de meu talento, dádiva tua, e dos delírios em que o empregava. Propunha-se-me como assunto — coisa mui inquietante para minha alma, tanto pelo prêmio de louvor ou desonra, como por medo dos açoites — que repetisse as palavras de Juno, irada e ressentida por não poder “afastar da Itália ao rei dos troianos”, embora jamais tenha ouvido que tivessem sido pronunciadas por Juno. Mas obrigavam-nos a errar seguindo os passos das invenções poéticas e a repetir em prosa o que o poeta havia dito em verso, dizendo-o mais elogiosamente aquele que, conformando-se à dignidade da pessoa representada, soubesse pintar com mais vivacidade e semelhança, e revestir com palavras mais apropriadas seus afetos de ira ou de dor.

Mas, de que me serviria — ó vida verdadeira, meu Deus! —, de que me serviria ser aplaudido por minha declamação mais que todos os meus coetâneos e condiscípulos? Não era tudo aquilo fumo e vento? Acaso não havia outra coisa em que exercitar meu talento e minha língua? Teus louvores, Senhor, teus louvores, contidos em tuas Escrituras, poderiam sustentar os frágeis ramos de meu coração, e eu não teria sido arrebatado pela vaidade de bagatelas, presa imunda das aves. Com efeito, há mais de um modo de oferecer sacrifício aos anjos rebeldes.

[...]

xix. 30. À beira de tais costumes jazia eu, pobre criança, sendo esta a arena em que me exercitava, temendo mais cometer um barbarismo do que cuidando de não invejar, se o cometia, aqueles que o tinham evitado.

[...]

Também cometia furtos na despensa e na mesa de meus pais, ora provocado pela gula, ora para ter que dar aos meninos para brincar com eles, associação que lhes dava tanto prazer quanto a mim, mas que eles me faziam pagar. No jogo procurava frequentemente conseguir vitórias fraudulentas,

vencido pelo desejo vão de sobressair. Contudo, que podia haver que eu quisesse mais evitar, e que repreendesse mais atrozmente em outros, se o descobrisse, que o mesmo que eu fazia aos demais? Mas ainda, se por casualidade eu era o prejudicado e o acusado, ficava furioso, mas não cedia. Será essa a inocência infantil? Não, Senhor, não o é, eu to confesso, meu Deus. Porque essas mesmas coisas que se fazem com os criados e mestres por causa de nozes, bolas e passarinhos, se fazem quando se chega à maioridade com os prefeitos e reis por causa de dinheiro, palácios e servos, do mesmo modo que à palmatória sucedem-se maiores castigos. Assim, quando tu, nosso rei, disseste: “Desses é o reino dos céus”, quiseste sem dúvida dar-nos na pequenez de sua estatura um símbolo de humildade.

[...]

Nota

1. Santo Agostinho nasceu a 13 de novembro de 354, em Tagaste, hoje Souk-Aharás, na atual Argélia.

LIVRO II

I. I. Quero recordar minhas torpezas passadas e as impurezas carnavais de minha alma, não porque as ame, mas por te amar, ó meu Deus. Por amor de teu amor o faço, percorrendo com a memória, cheia de amargura, aqueles meus perversíssimos caminhos, para que tu me sejas doce, doçura sem engano, ditosa e eterna doçura, e me recolhas da dispersão em que me dissipei, quando, afastando-me de tua unidade, me desvaneci em muitas coisas.

Por que houve tempo de minha adolescência em que ardi em desejos de me faltar das coisas mais baixas e ousei animalizar-me com vários e sombrios amores, e se murchou minha beleza, e me transformei em podridão diante de teus olhos, para agradar-me a mim e desejar agradar aos olhos dos homens.

II. 2. E que era o que me deleitava, senão amar e ser amado? Mas eu não era moderado, indo de alma para alma, de acordo com os sinais luminosos da amizade, mas, da lodosa concupiscência de minha carne e do manancial da puberdade, levantava-se como que uma névoa que obscurecia e ofuscava meu coração, a ponto de não discernir a serenidade da dileção da tenebrosidade da libido. Uma e outra abrasavam e arrastavam minha fraca idade pelo declive abrupto de meus apetites, afogando-me em um mar de torpezas. Tua ira se acumulava sobre mim, e eu não o sabia. Fiquei surdo com o ruído da cadeia de minha mortalidade, e cada vez mais me afastava de ti, e tu o consentias; e me agitava, e me dissipava, e me multiplicava, e fervia com minha concupiscência, e tu te calavas — ó alegria que tão tarde encontrei! —, tu te calavas então, e eu me ia cada vez mais para longe de ti, atrás de muitíssimas sementes estéreis de dores, com soberba baixeza e inquieto cansaço.

[...]

II. 4. Eu, miserável, deixando-te, converti-me em torrente, seguindo o ímpeto de minha paixão, e transgredi todos os teus preceitos, embora não

tenha escapado de teus castigos. E quem o logrou dentre os mortais? Porque sempre estavas a meu lado, irritando-te misericordiosamente comigo, e aspergindo com amargosíssimas contrariedades todos os meus gozos ilícitos, para que assim buscasse o gozo sem te ofender, e, quando o achasse, de modo algum fosse fora de ti, Senhor, fora de ti, que finges dor em mandar, e feres para sarar, e nos tiras a vida para que não morramos sem ti.

Mas onde estava eu? Oh! E quão longe, desterrado das delícias de tua casa naquele ano 16º de minha idade carnal, quando empunhou seu cetro sobre mim, e eu me rendi totalmente a ela, a fúria da concupiscência, permitida pela degradação humana, porém, ilícita, de acordo com tuas leis.

Nem mesmo os meus pensavam em livrar-me pelo casamento ao ver-me cair; cuidavam apenas de que eu aprendesse a compor discursos magníficos e a persuadir com a palavra.

III. 5. Nesse mesmo ano tive de interromper meus estudos, quando voltei de Madaura,¹ cidade vizinha, onde fora estudar literatura e oratória, enquanto se faziam os preparativos necessários para minha viagem mais longa a Cartago, levado mais pela ambição de meu pai do que pela abundância de seus bens, pois era mui modesto cidadão de Tagaste.²

[...]

Quem havia então que não cumulasse a meu pai de louvores, pois, indo além de seus deveres familiares, gastava com o filho quanto era necessário para tão longa viagem por causa de seus estudos? Porque muitos cidadãos, e muito mais ricos do que ele, não mostravam para com os filhos igual cuidado.

Contudo, esse mesmo pai não se importava de que eu crescesse diante de ti, ou que fosse casto, contanto que fosse diserto, ou, para dizer melhor, deserto, por carecer de teu cultivo, ó Deus, único, verdadeiro e bom senhor de teu campo, o meu coração.

III. 6. Porém, naquele 16º ano tornou-se necessária uma interrupção em meus estudos por falta de recursos familiares, e, livre da escola, tive de viver com meus pais. Levantaram-se então sobre minha cabeça os espinhos de minhas paixões, sem que houvesse mãos que mos arrancassem.

Pelo contrário, meu pai, certo dia, percebendo ao banho os sinais de minha puberdade e vendo-me revestido de inquieta adolescência, como se já se alegrasse pensando nos netos, foi contá-lo alegre à minha mãe, contente pela embriaguez com que este mundo se esquece de ti, seu criador, e ama em teu lugar a criatura, embriaguez que nasce do mundo invisível de sua perversa e mal inclinada vontade para as coisas baixas.

Mas, nessa época, já começavas a levantar no coração de minha mãe teu templo e os alicerces de tua santa morada, pois meu pai não era mais que catecúmeno, recente ainda. Por isso minha mãe turbou-se com santo temor e tremor, pois, embora eu ainda não fosse cristão, temia que eu seguisse as sendas tortuosas por onde andam os que te voltam as costas, e não o rosto.

[...]

III. 8. Eis com que companheiros andava eu pelas praças de Babilônia, revolvendo-me na lama, como em cinamomo e unguentos preciosos. E, para que esse lodo se me pegasse com mais força, pisava-me o inimigo invisível e me seduzia, por ser eu presa fácil da sedução.

Nem então minha mãe carnal, que já havia começado a fugir do meio de Babilônia, mas que em outras coisas caminhava mais devagar, cuidou — como antes havia feito aconselhando-me a pureza — de conter com os laços do matrimônio aquilo de que seu marido lhe falara a meu respeito, e que já via que me era pestilencial, e que mais adiante me seria mais perigoso, já que essa paixão não podia ser cortada pela raiz. Não pensou nisso, digo, porque tinha medo de que o vínculo matrimonial frustrasse a esperança que sobre mim alimentava, não a esperança da vida futura, que minha mãe tinha posto em ti, mas a esperança das letras, que ambos, meu pai e minha mãe, desejavam ardentemente: meu pai, porque não pensava quase nada de ti, mas apenas muitas coisas vãs a meu respeito; minha mãe, porque considerava que aqueles tradicionais estudos da ciência não só não me haviam de servir de estorvo, senão de pouca ajuda para chegar a ti. Assim julgo eu, agora, enquanto me é possível, o caráter de meus pais.

Por esse motivo também soltavam-me as rédeas para o jogo mais do que o permite uma moderada severidade, deixando-me ir em pós da dissolução de várias paixões, e em todas havia uma obscuridade que me interceptava, ó meu

Deus, a luz de tua verdade, e, por assim dizer, de meu corpo brotava minha iniquidade.

iv. 9. É certo, Senhor, que tua lei castiga o furto, lei de tal modo escrita no coração dos homens, que nem a própria iniquidade a pode apagar. Que ladrão há que suporte com paciência que o roubem? Nem mesmo o rico tolera isto ao que o faz forçado pela indignação. Também eu quis cometer um furto, e o cometi, não forçado pela necessidade, senão por penúria, fastio de justiça e abundância de iniquidade, pois roubei o que tinha em abundância, e muito melhor. Nem me atraía ao furto o gozo que me proporcionava seu resultado, mas atraía-me o mesmo furto em si, o pecado.

Nas imediações de nossa vinha, havia uma pereira carregada de frutos, que nem pelo aspecto, nem pelo sabor nada tinham de tentadores. Alta noite — pois até então ficáramos jogando nas eiras, de acordo com nosso mau costume — dirigimo-nos ao local, eu e alguns jovens de maus costumes, com o fim de sacudi-la e colher-lhe os frutos. E levamos grande quantidade dos mesmos, não para saboreá-los, mas para jogá-los aos porcos, embora comêssemos alguns, sendo nosso deleite fazer o que nos agradava justamente pelo fato de ser coisa proibida.

Aí está meu coração, Senhor, meu coração, do qual tiveste misericórdia quando se encontrava na profundidade do abismo. Que este meu coração te diga agora que era o que ali buscava, para fazer o mal gratuitamente, não tendo minha maldade outra razão que a própria maldade. Era feia, e eu a amei; amei minha morte, amei meu pecado; não o objeto que me fazia cair, mas minha própria queda. Torpe alma minha, que, saltando para fora de tua base, te lançavas ao extermínio, não buscando na ignomínia senão a própria ignomínia.

[...]

vi. 12. Que amei, então, em ti, ó meu furto, crime noturno de meus 16 anos? Porque não eras belo, já que eras furto. Mas, por acaso és algo para que eu fale contigo? Belas eram as peras que roubamos, por serem criaturas tuas, ó formosíssimo Criador de todas as coisas, bom Deus, Deus sumo, meu bem e meu verdadeiro bem: belas eram aquelas peras! Porém, não eram elas que apeteciam minha alma miserável. Eu as tinha em abundância, e melhores. Mas

arranquei-as da árvore só para roubar, pois apenas colhidas joguei-as fora, saboreando nelas apenas a iniquidade, que me proporcionava prazer. Porque se alguma delas entrou em minha boca, somente o crime é que lhe deu sabor.

E agora pergunto, meu Deus: que é que me deleitava no furto? Porque não encontro nenhuma formosura nele. Já não falo da beleza que reside na justiça e na prudência, mas nem sequer da que resplandece na inteligência do homem, na memória, nos sentidos ou na vida vegetativa; nem da que brilha nos belos astros em seus giros, ou na terra e no mar, cheios de criaturas, que nascem para sucederem umas às outras; nem sequer da defeituosa e umbrátil formosura dos vícios enganadores.

Porque o orgulho imita a altura; mas só tu, Deus excelso, estás acima de todas as coisas.

[...]

VI. 14. Assim peca a alma, quando apartada de ti, e busca fora de ti o que não pode achar puro e sem mescla senão quando se volta para ti. Perversamente te imitam todos os que se afastam de ti e se levantam contra ti. Porém, mesmo imitando-te assim, indicam que és o criador de toda criatura, e que, portanto, não existe lugar onde alguém se possa afastar de ti de modo absoluto.

Que amei, então, naquele furto, ou em que imitei, embora viciosa e imperfeitamente, a meu Senhor? Acaso em deleitar-me obrando contra a lei enganosamente, já que não o podia fazer por força, simulando, cativo, uma falsa liberdade ao fazer impunemente o que estava proibido, imagem tenebrosa de tua onipotência?

Eis aqui o servo que, fugindo de seu senhor, seguiu uma sombra. Ó podridão! Ó monstro da vida e abismo da morte! Como pôde agradar-me o ilícito, e não por outro motivo, senão porque não era lícito?

[...]

VIII. 16. E que fruto tirei eu, miserável, daquelas ações que agora recordo com rubor? Sobretudo daquele furto em que amei o próprio furto, e não outra coisa? Nenhum, pois o furto em si nada valia, ficando eu mais miserável com ele. Contudo, é certo que eu sozinho não o teria praticado — a julgar pela

disposição de meu ânimo na ocasião; não, de modo algum; eu sozinho não o faria. Portanto, apreciei também nessa ocasião a companhia de outros culpados, com quem o cometi. Logo, tampouco, é certo que não apreciei nada mais além do furto, embora não apreciasse nada mais, pois também essa cumplicidade era nada.

Mas que é na verdade? E quem mo poderá ensinar, senão o que ilumina meu coração e rasga suas sombras? De onde me vem a ideia desta pesquisa, desta discussão, destas considerações? Se eu então amei as peras que roubei, e queria apenas seu deleite, podia ter cometido sozinho, se isso bastasse, aquela iniquidade pela qual alcançaria aquele deleite, sem necessidade de excitar o prurido de meu apetite com a convivência de almas cúmplices. Porém, como não achava deleite algum nas peras, colocava este no próprio pecado, que consistia na companhia dos que pecavam comigo.

[...]

ix. 17. E que sentimento era aquele de minha alma? Certamente, mui torpe, e eu, um desgraçado por alimentá-lo. Mas que era na realidade? E quem há que entenda os pecados? Era como um riso, como que a fazer-nos cócegas no coração, provocado por ver que enganávamos os que não suspeitavam de nós tais coisas, e porque sabíamos que haviam de detestá-las.

Porém, por que me deleitava o não pecar sozinho? Acaso por que ninguém se ri facilmente quando está só? Isso é verdade; porém, também é verdade que às vezes o riso tenta e vence os que estão sós, sem que ninguém os veja, quando se oferece nos sentidos ou à alma algo extraordinariamente ridículo. Porque a verdade é que eu sozinho nunca teria feito aquilo; não, eu sozinho jamais faria aquilo. Tenho viva, diante de mim, meu Deus, a lembrança daquele estado de minha alma, e repito que eu sozinho não teria cometido aquele furto, no qual não me deleitava o objeto do roubo, mas a razão do roubo, o que, sozinho, não me teria agradado de modo algum, nem eu o teria feito.

Ó amizade inimiga! Sedução inescrutável da alma, vontade de fazer mal por passatempo e brinquedo, apetite do dano alheio sem proveito algum próprio e sem desejo de vingança! Só porque sentimos vergonha de não ser sem-vergonhas quando nos dizem: “Vamos! Façamos!”

[...]

Notas

1. Hoje, Nidaourach.
2. Hoje, Souk-Ahrás.

LIVRO III

I. 1. Cheguei a Cartago, e por toda parte crepitava a meu redor a sertã de amores impuros. Ainda não amava, mas já gostava de amar, e com secreta indigência odiava a mim próprio por não me sentir mais indigente. Gostando do amor buscava o que amar, e odiava a segurança e os caminhos sem perigos, porque tinha dentro de mim fome de alimento interior, de ti mesmo, ó meu Deus, embora eu não sentisse essa fome como tal; antes, estava sem apetite algum dos manjares incorruptíveis não porque estivesse saciado deles, mas porque, quanto mais vazio, tanto mais enfastiado me sentia.

E por isso minha alma não se sentia bem, e, ferida, lançava-se fora de si, ávida de se roçar miseravelmente às coisas sensíveis, as quais, se não tivessem alma, não seriam certamente amadas.

Amar e ser amado era para mim a coisa mais doce, sobretudo se podia gozar do corpo da criatura amada. Desse modo manchava com torpe concupiscência a fonte da amizade, e obscurecia seu candor com os vapores tartáreos da luxúria. E com ser tão torpe e desonesto, desejava com afã, transbordando de vaidade, passar por elegante e cortês.

Caí também no amor, em que desejava ser colhido. Porém, ó meu Deus, misericórdia minha, quanto fel não misturaste àquela suavidade, e quão bom foste ao fazê-lo! Porque, enfim, fui amado, e cheguei secretamente aos laços do prazer, e me deixei atar alegre com trabalhosos laços, para ser logo açoitado com as varas de ferro ardente do ciúme, das suspeitas, dos temores, das iras e das contendas.

II. 2. Arrebatavam-me os espetáculos teatrais, cheios de imagens de minhas misérias e incentivos para o fogo de minha paixão. Mas por que quer o homem condoer-se quando contempla coisas tristes e trágicas, que de modo algum gostaria de padecer? Contudo, o espectador deseja sofrer como elas, e até essa mesma dor é seu deleite. Que é isso, senão incompreensível loucura? Porque tanto mais se comove alguém com elas quanto menos livre se está de

semelhantes afetos, embora chamemos de misérias os sofrimentos, e de misericórdia a compaixão.

Porém, que misericórdia pode haver em coisas fingidas e representadas? Porque nelas não se incita o espectador a que socorra a alguém, senão que o mesmo é convidado apenas a se condoer, apreciando tanto mais o autor daquelas histórias quanto maior é o sentimento que elas nos inspiram. De onde resulta que, se tais desgraças humanas — quer sejam tomadas das histórias antigas, quer sejam inventadas — são representadas de forma que não causem sofrimento ao espectador, este sai aborrecido e murmurando; porém, se, pelo contrário, é levado à tristeza, fica atento e satisfeito.

[...]

II. 4. Mas eu, desventurado, amava então a dor, e buscava motivos para senti-la quando, naquelas desgraças alheias, falsas e mímicas, me agradava tanto mais a ação do ator, e me mantinha tanto mais atento quanto mais copiosas lágrimas me fazia derramar.

Mas que pode haver de estranho em que eu, infeliz ovelhinha transviada de teu rebanho, por não suportar tua proteção, estivesse atacado de ronha asquerosa? De aqui nasciam, sem dúvida, os desejos daqueles sentimentos de dor, que, todavia, não queria que fossem muito profundos em mim, porque não desejava padecer coisas como as representadas, mas comprazia-me que aquelas coisas, ouvidas ou fingidas, me tocassem superficialmente. Mas, como acontece com os que se coçam com as unhas, costumava terminar provocando em mim mesmo um tumor abrasador, podridão e pus repelente.

Tal era minha vida. Mas seria isto vida, meu Deus?

[...]

III. 6. [...] Eu já conseguira ser o primeiro da escola de retórica, e por isso me vangloriava soberbamente, e me inflava de orgulho. Contudo, tu sabes, Senhor, que eu era muito mais sossegado que os demais, e totalmente alheio às turbulências dos *eversores* (demolidores) — nome sinistro e diabólico que logrou converter-se em distintivo de urbanidade, entre os quais vivia com impudente pudor por não pertencer a seu grupo. É verdade que andava com eles, e que me deleitava às vezes com sua amizade, porém, sempre aborreci o

que faziam, as troças com que impudentemente surpreendiam e ridicularizavam a timidez dos novatos, sem outra finalidade senão divertir-se enganando-os, fazendo disso alimento para suas malévolas alegrias. Nada há mais parecido a essas ações que as dos demônios, pelo que nenhum nome lhes quadra melhor que o de *eversores* ou *perversores*, por serem eles antes transtornados e pervertidos totalmente pelos espíritos malignos, que assim os burlam e enganam, sem que o saibam, justamente no que eles gostavam de ludibriar ou enganar aos demais.

iv. 7. Entre esses tais estudava, em tão tenra idade, os livros da eloquência na qual desejava sobressair com o fim condenável e vão de satisfazer a vaidade humana. Mas, seguindo a ordem usada no ensino desses estudos, cheguei a um livro de um tal Cícero, cuja linguagem quase todos admiram, embora o mesmo não aconteça com seu conteúdo.

Esse livro contém uma exortação sua à filosofia, e se chama *Hortênsio*.¹ Esse livro mudou meus sentimentos, e transferiu para ti, Senhor, minhas súplicas, e fez com que meus votos e desejos fossem outros. De repente, mostrou-se vil a meus olhos toda esperança vã, e com incrível ardor de meu coração suspirava pela imortalidade da sabedoria, e comecei a me reerguer para voltar a ti. Porque não era para limar o estilo — aperfeiçoamento que, parece, eu deveria comprar com o dinheiro de minha mãe, naquela idade de meus 19 anos, fazendo dois que morrera meu pai —, não era, repito, para limar o estilo que eu me dedicava à leitura daquele livro, nem era o estilo o que a ela me incitava, mas o que ele dizia.

iv. 8. Como ardia, meu Deus, como ardia em desejos de voar para ti das coisas terrenas, sem que eu soubesse o que obravas em mim! Porque em ti está a sabedoria, e o amor à sabedoria tem um nome em grego, que é filosofia, pela qual aquelas páginas me apaixonavam. Não faltam os que enganam servindo-se da filosofia, colorindo ou encobrendo seus erros com nome tão grande, tão doce e honesto. Mas quase todos os que tal fizeram em seu tempo e em épocas anteriores são apontados e refutados nesse livro. Também se encontra ali bem claro aquele salutar aviso de teu Espírito, dado por meio de teu servo bom e piedoso (Paulo): vede que ninguém vos engane com vãs filosofias e argúcias sedutoras, de acordo com a tradição dos homens e com a

tradição dos elementos deste mundo, e não de acordo com Cristo, porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade.

Mas então — tu bem o sabes, luz de meu coração —, como eu ainda não conhecia o conselho de teu Apóstolo, só me deleitava naquela exortação o fato de me excitarem fortemente, inflamando-me com sua palavra a amar, a buscar, a conquistar, a reter e a abraçar energicamente não a esta ou àquela seita, senão a própria sabedoria, onde quer que estivesse. Só uma coisa me esfriava tão grande incêndio: não ver ali o nome de Cristo. Porque este nome, Senhor, este nome de meu Salvador, teu Filho, por tua misericórdia eu o bebera piedosamente com o leite de minha mãe, e o conservava no mais profundo de meu coração; e assim, tudo quanto fosse escrito sem este nome, por mui verídico, elegante e erudito que fosse, não me arrebatava totalmente.

v. 9. Em vista disso, decidi dedicar-me ao estudo da Sagrada Escritura, para a conhecer. Mas eis que deparo com algo encoberto para os soberbos e obscuro para as crianças, mas humilde a princípio e sublime à medida que se avança e coberto de mistérios, e eu não era tal que pudesse entrar por ela, dobrando a cerviz à sua passagem. Contudo, ao fixar nela a atenção, não pensei o que agora estou dizendo, mas simplesmente me pareceu indigna de ser comparada com a majestade dos escritos de Túlio. Meu orgulho recusava seu estilo, e minha mente não lhe penetrava o íntimo. Contudo, as Escrituras eram tais que haveriam de crescer com os pequenos; mas eu de nenhum modo queria ser criança, e, enfatuado de soberba, considerava-me grande.

vi. 10. Desse modo vim a dar com uns homens que deliravam soberbamente, demasiado carnaís e loquazes, em cuja boca há laços diabólicos e liga viscosa feita com as sílabas de teu nome, do de nosso Senhor, Jesus Cristo, e do de nosso Paráclito e Consolador, o Espírito Santo. Estes nomes nunca se afastavam de seus lábios, porém, só no som e ruído da boca, pois nos demais seu coração estava vazio de toda verdade.

Diziam: “Verdade! Verdade!”, e, incessantemente, falavam-me da verdade, que nunca existiu neles; antes, diziam muitas coisas falsas, não apenas de ti, que és verdade por excelência, mas também dos elementos deste mundo, criação tua, sobre os quais, mesmo quando os filósofos diziam a verdade, tive de ultrapassá-los nos raciocínios por amor de ti, ó pai sumamente bom, beleza de todas as belezas!

Ó verdade, verdade!, quão intimamente suspirava então por ti desde o íntimo de minha alma, quando eles te faziam soar ao meu redor frequentemente e de muitos modos, embora apenas com as palavras e em seus muitos e volumosos livros. Estes eram as bandejas nas quais, estando já faminto de ti, serviam-me em teu lugar o Sol e a Lua, formosas obras de tuas mãos, porém, obras tuas, e não a ti, e nem ainda sequer das principais. Porque tuas obras espirituais são mais excelentes que estas corporais, embora estas sejam brilhantes e celestes. Mas eu tinha sede e fome não daquelas primeiras, mas de ti mesmo, ó verdade, na qual não há mudança alguma nem obscuridade momentânea!

E continuavam eles servindo-me nessas bandejas esplêndidos fantasmas, de acordo com os quais teria sido melhor amar a este Sol, pelo menos verdadeiro à vista, em lugar daquelas falsidades que pelos olhos do corpo enganavam à alma.

Contudo, como as tomava por ti, comia delas, não certamente com avidez, porque não tinham o teu gosto — pois não eras aqueles vãos fantasmas —, nem me nutria com elas, antes sentia-me cada vez mais extenuado. Isso porque a comida que se toma em sonhos, não obstante ser muito semelhante à que se toma acordado, não alimenta aos que dormem, porque estão dormindo. Aqueles, porém, não eram semelhantes a ti de modo algum, como agora me certificou a verdade, porque eram fantasmas corpóreos ou falsos corpos, em cuja comparação são mais reais estes corpos verdadeiros — celestes ou terrestres — que vemos com os olhos da carne assim como os veem os animais e as aves.

[...]

VI. 2. Mas onde estavas então para mim? E quão longe, sim, quão longe peregrinava eu longe de ti, privado até das bolotas com que eu alimentava os porcos! Quão melhores eram as fábulas dos gramáticos e poetas que todos aqueles enganos! Porque os versos, a poesia e a fábula de Medeia voando pelo ar são coisas certamente mais úteis que os cinco elementos do mundo diversamente disfarçados, conforme os cinco antros ou covas tenebrosas, que não existem, mas que matam a quem neles acredita. Porque versos e poesia eu os posso converter em iguaria saborosa, e, quanto ao voo de Medeia, se o

recitava bem, não o afirmava, e, se me agradava ouvi-lo, não lhe dava crédito. Mas eu acreditei naqueles erros.

Ai de mim, por que degraus fui descendo até a profundidade do abismo, cheio de fadiga e devorado pela falta de verdade! E tudo isso, meu Deus — a quem me confesso porque te compadeceste de mim quando ainda não te conhecia —, tudo por buscar-te, não com a inteligência — com a qual quiseste que eu fosse superior aos animais —, mas com os sentidos da carne, porque estavas dentro de mim, mais profundo do que o que em mim existe de mais íntimo, e mais elevado do que o que em mim existe de mais alto.

Assim vim a encontrar aquela mulher procaz e desprovida de prudência — enigma de Salomão — que, sentada em uma cadeira à porta de sua casa, diz aos que passam: comei à vontade dos pães escondidos, e bebei da doçura da água roubada, a qual me seduziu por andar vagando fora de mim, debaixo do império do sentido carnal da vista, ruminando em meu íntimo o que meus olhos haviam devorado.

vii. 12. Não conhecia em outra realidade — a verdadeira — e me sentia como que movido por um agulhão a concordar com a opinião daqueles insensatos impostores quando me perguntavam de onde procedia o mal, se Deus estava limitado por forma corpórea, se tinha cabelos e unhas, e se deviam ser considerados justos os que tinham várias mulheres simultaneamente e os que causavam a morte de outros ou sacrificavam animais.

Eu, ignorando essas coisas, perturbava-me com essas perguntas, e, afastando-me da verdade, pensava caminhar para ela, porque não sabia que o mal nada mais era que privação do bem, até chegar ao próprio nada. E como haveria eu de saber isso, se com a vista dos olhos não conseguia ver mais do que corpos e com a da alma não ia além dos fantasmas?

Tampouco sabia que Deus é espírito e que não tem membros dotados de comprimento ou largura, nem quantidade material alguma, porque a quantidade ou matéria é sempre menor na parte que no todo, e, mesmo que fosse infinita, sempre seria melhor em uma parte definida por um espaço determinado do que em sua infinitude, não podendo estar toda inteira em todas as partes, como o espírito, como Deus.

Ignorava também totalmente o princípio de nossa existência, pelo qual somos, e com verdade a Escritura nos chama de *imagem de Deus*.

[...]

XI. 19. Mas estendeste tua mão do alto e livraste minha alma deste abismo de trevas, enquanto minha mãe, tua fiel serva, chorava-me diante de ti muito mais do que as outras mães costumam chorar sobre o cadáver dos filhos, porque via minha morte com a fé e o espírito que havia recebido de ti. E tu a escutaste, Senhor, tu a escutaste e não desprezaste suas lágrimas, que, correndo abundantes, regavam o solo debaixo de seus olhos por toda parte onde fazia sua oração; sim, tu a escutaste, Senhor. Com efeito, donde podia vir aquele sonho, com que a consolaste, condescendendo por isso a me admitir em sua companhia e mesa, o que havia começado a me negar, porque aborrecia e detestava as blasfêmias de meu erro?

Nesse sonho viu-se de pé sobre uma régua de madeira, e um jovem resplandecente, alegre e risonho que vinha ao encontro dela, toda triste e aflita. Este, ao lhe perguntar a causa de sua tristeza e lágrimas diárias, não por curiosidade, como acontece ordinariamente, mas para instruí-la, e respondendo-lhe ela que chorava a minha perda, mandou-lhe e admoestou-lhe, para sua tranquilidade, que prestasse atenção e visse que onde ela estava também estava eu. Apenas olhou, viu-me junto de si, de pé sobre a mesma régua.

De onde veio este sonho, senão porque tinhas os ouvidos atentos a seu coração, ó Deus bom e onipotente, que cuidas de cada um de nós como se não tiveras mais que cuidar, cuidando de todos como de cada um!

[...]

XII. 21. Nessa mesma ocasião lhe deste outra resposta, de que ainda me lembro — pois passo em silêncio muitas circunstâncias, pela pressa que tenho de chegar àquelas que te devo confessar com mais urgência, ou porque não as recordo. Deste, digo, outra resposta à minha mãe por meio de um sacerdote teu, um bispo educado em tua Igreja e exercitado em tuas Escrituras, a quem, como ela pedisse que se dignasse falar comigo, para refutar meus erros, enganar-me de minhas más doutrinas e ensinar-me as boas — isto fazia com quantos julgava idôneos —, ele negou-se com muita prudência, pelo que pude ver depois, contestando-lhe que eu estava incapacitado para receber qualquer ensinamento, por estar muito orgulhoso com a novidade da heresia

maniqueísta, e por haver posto em apuros muitos ignorantes com algumas questões fáceis, como ela mesma lhe havia indicado: “Deixe-o”, disse, “e unicamente ore por ele ao Senhor! Ele mesmo, lendo os livros dos hereges, descobrirá o erro e conhecerá sua grande impiedade.” Ao mesmo tempo contou-lhe como, quando criança, sua mãe, seduzida pelo erro, entregara-o aos maniqueus, chegando não só a ler, mas a copiar quase todas as suas obras, e como ele mesmo, sem necessidade de que ninguém o contestasse ou convencesse, chegou a conhecer quão digna de desprezo era aquela seita, abandonando-a enfim.

Mas como, depois de assim falar, minha mãe não se aquietasse, instando com maiores rogos e mais abundantes lágrimas a que me visitasse, para discutir comigo sobre o tal assunto, o bispo, cansado já de sua insistência, lhe disse: “Vai-te em paz, mulher, e continua a viver assim, que não é possível que pereça o filho de tantas lágrimas” — palavras que ela recebeu como vindas do céu, segundo me recordava muitas vezes em seus colóquios comigo.

Nota

1. Diálogo do qual só nos restam fragmentos. Cícero fazia aí o elogio da filosofia, respondendo às perguntas de Hortênsio.

LIVRO IV

I. 1. Durante esse período de nove anos — desde os 19 até os 28 —, fui seduzido e sedutor, enganado e enganador, de acordo com a diversidade de minhas paixões; publicamente, por meio daquelas doutrinas que se chamam liberais; ocultamente, com o falso nome de religião, mostrando-me aqui soberbo, ali supersticioso, e em toda parte vaidoso. De um lado, perseguindo a aura da glória popular até os aplausos do teatro, os certames poéticos, os torneios de coroas de feno, as bagatelas de espetáculos e a intemperança da concupiscência; por outro lado, desejando muito purificar-me dessas imundícies, levando alimento aos chamados eleitos e santos, para que na oficina de seu estômago fabricassem anjos e deuses que me libertassem. Tais coisas seguia eu e praticava com meus amigos, iludidos comigo e por mim.

Riam-se de mim os arrogantes, e que ainda não foram prostrados e salutarmente esmagados por ti, meu Deus; mas eu, pelo contrário, hei de confessar diante de ti minhas torpezas para teu louvor. Permite-me, te suplico, e concede-me que me lembre fielmente dos desvios passados de meu erro, e que eu te sacrifique uma hóstia de louvor.

Porque, sem ti, que sou eu para mim mesmo, senão um guia que conduz ao precipício? Ou que sou eu, quando tudo me corre bem, senão uma criança que mama teu leite, e que se alimenta de ti, alimento incorruptível? E que é o homem, seja quem for, se é homem?

Riam-se de nós os fortes e poderosos, que nós, débeis e pobres, confessaremos teu santo nome.

II. 2. Naqueles anos eu ensinava retórica, e, vencido pela cobiça, vendia a arte de vencer pela loquacidade. Contudo, bem sabes, Senhor, que preferia ter bons discípulos, dos que se chamam “bons”, aos quais ensinava sem artifício a arte de enganar, não para que usassem dela contra a vida de um inocente, mas para algum dia defender algum culpado. Mas, ó Deus, tu me viste de longe vacilar sobre um caminho escorregadio, viste brilhar, entre espesso fumo, os

fulgores da boa-fé que eu demonstrava ao ensinar àqueles amantes da vaidade, àqueles pesquisadores de mentiras, eu, seu irmão, seu semelhante.

Por essa mesma época tive em minha companhia uma mulher não reconhecida pelo chamado matrimônio legítimo, mas procurada pelo inquieto ardor de minha paixão imprudente; mas era só uma, e eu lhe era fiel. E assim experimentei pessoalmente a distância que há entre o amor conjugal contraído com o fim de ter filhos, e o amor lascivo, no qual a prole também nasce, mas contra o desejo dos pais, embora, uma vez nascida, os obrigue a amá-la.

[...]

III. 5. Havia então um varão sábio, peritíssimo na arte médica, na qual era célebre; sendo procônsul, pôs com as próprias mãos sobre minha cabeça insana a coroa da vitória, como procônsul, e não como médico, porque daquela minha enfermidade só tu me podias sarar, pois resistes aos soberbos e dás tua graça aos humildes.

Não obstante, porventura deixaste de cuidar de mim também por meio daquele ancião? Ou talvez desististe de curar minha alma? Digo isto porque, tendo-me familiarizado muito com ele, e sendo assistente assíduo e frequente de suas conversas, que eram agradáveis e graves, não pela elegância da linguagem, mas pela vivacidade das sentenças, como ficasse sabendo, por conversa, que eu me dedicava à leitura dos livros dos genetlíacos ou astrólogos, admoestou-me benigna e paternalmente que os deixasse, e que não gastasse inutilmente nessas quimeras meus cuidados e trabalho, que devia empregar em coisas úteis, acrescentando que também ele havia cultivado aquela arte, a ponto de querer adotá-la, em sua juventude, como profissão para ganhar a vida, pois, se havia entendido Hipócrates, podia também entender aqueles livros; mas que, por fim, deixara aqueles estudos pelos da medicina, apenas por sua falsidade, não querendo, como homem sério, ganhar o pão enganando aos outros. “Mas tu”, disse-me ele, “que tens de que viver entre os homens com tuas aulas de retórica, segues essas mentiras não por necessidade, mas por livre curiosidade, razão mais para que acredites no que te digo, pois cuidei de aprendê-la tão perfeitamente que quis viver apenas de seu exercício.”

Mas, como eu lhe perguntasse por que muitas das coisas prognosticadas pela tal ciência eram verdadeiras, respondeu-me, como pôde, que a força do

acaso está espalhada por toda a natureza. “Porque” dizia ele, “se às vezes, consultando alguém as páginas de um poeta qualquer, por acaso encontra um verso que, não obstante pensar o poeta em coisas muito diversas quando o compôs, adapta-se, contudo, de modo admirável, ao assunto que o preocupa, assim também nada tem de estranho que a alma humana, movida por instinto superior, inconsciente do que se passa em si, diga, não por arte, mas por sorte, algo que corresponda aos atos e gestos do consulente.”

III. 6. E isto, Senhor, me ensinou ele, ou melhor, me ensinaste por seu intermédio, e delineaste em minha memória o que eu mesmo mais tarde devia procurar. Mas então, nem ele, nem meu caríssimo Nebrídio, jovem adolescente muito bom e casto, que zombava de toda aquela arte divinatória, puderam persuadir-me a que abandonasse essas coisas, porque impressionava-me mais a autoridade daqueles autores, e não havia encontrado ainda argumento certo, qual eu desejava, que me demonstrasse sem ambiguidade que os presságios que os astrólogos acertam são obra da sorte ou casualidade, e não da arte de observar os astros.

IV. 7. Por aqueles anos, quando pela primeira vez comecei a ensinar em minha cidade natal, conheci um amigo, a quem amei excessivamente por ser meu condiscípulo, de minha idade, e por estarmos ambos na flor da adolescência. Juntos fomos criados quando crianças, juntos íamos à escola, juntos havíamos brincado. Mas nessa época não era amigo tão íntimo como o foi depois, embora também depois não o fosse tanto quanto o exige a verdadeira amizade, porque não há verdadeira amizade senão entre os que unes por meio da caridade, derramada em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.

Contudo, aquela amizade, aquecida ao calor de estudos semelhantes, era-me sumamente grata. Consegui até afastá-lo da verdadeira fé, pouco profunda e arraigada em sua adolescência, inclinando-o para as fábulas supersticiosas e prejudiciais, razão das lágrimas de minha mãe.

Comigo esse homem já errava em espírito, e minha alma não podia viver sem ele.

Mas eis que, seguindo de perto no encalço de teus servos fugitivos, ó Deus das vinganças, que és ao mesmo tempo fonte de misericórdias, e nos convertes a ti por modos surpreendentes, eis que tu o arrebataste desta vida, quando eu

apenas havia gozado um ano de sua amizade, mais doce para mim que todas as doçuras da vida que então levava.

iv. 8. Quem será capaz de enumerar teus louvores, mesmo limitando-se ao que experimentou em si mesmo? Que fizeste então, meu Deus! E quão impenetrável é o abismo de teus juízos! Porque, sendo meu amigo atacado de febre, ficou por muito tempo sem sentidos, banhado no suor da morte, e como temessem por sua vida, batizaram-no sem que ele o soubesse, com o que não me importei, persuadido de que seu espírito guardaria melhor os sentimentos que eu lhe havia inculcado do que o sinal que recebera no corpo inconsciente.

A realidade, contudo, foi muito outra. Porque, melhorando, e sendo posto a salvo, logo que lhe pude falar — e o fiz logo que ele o pôde, pois não me afastava um momento de seu lado, e dependíamos mutuamente um do outro —, tentei rir-me em sua presença do batismo, julgando que também ele zombaria comigo de um batismo recebido sem conhecimento nem sentido, mas ele já sabia que o havia recebido. Olhando-me então com horror, como a um inimigo, admoestou-me com admirável e repentina franqueza, dizendo-me que se queria continuar a ser seu amigo deixasse de dizer tais coisas. Admirado e perturbado, reprimi toda a minha emoção, esperando que convalescesse primeiro, e recobradas as forças, estivesse disposto a discutir comigo no que mais me agradasse. Mas tu, Senhor, livraste-o de minha loucura, guardando-o em ti para meu consolo, pois, poucos dias depois, estando eu ausente, voltaram as febres e ele morreu.

iv. 9. Com que dor se ensombreou meu coração! Tudo o que via era morte para mim. A pátria me era um suplício, e a casa paterna tormento insuportável, e tudo o que o lembrava transformava-se para mim em cruelíssimo martírio. Buscavam-no por toda parte meus olhos, e ele não aparecia. Cheguei a odiar todas as coisas, porque nada o continha, e ninguém mais me podia dizer como antes, quando chegava depois de alguma ausência: “Ali vem ele.” Tornei-me para mim mesmo um grande problema, perguntando à minha alma por que estava triste, e me conturbava tanto, e ela não sabia que responder-me. E se eu lhe dizia “Espera em Deus”, minha alma não me obedecia, e com razão, porque para mim era mais real e melhor o amigo queridíssimo que perdera que o fantasma em que mandava que

esperasse. Só o pranto me era doce, e ocupava o lugar de meu amigo nas delícias de meu coração.

[...]

vii. 12. Ó loucura, que não sabe amar os homens humanamente! Ó homem insensato, que sofre imoderadamente os reveses humanos! Tudo isso era eu então, e assim agitava-me, suspirava, chorava, perturbava-me, e não encontrava descanso nem conselho. Trazia a alma rota e ensanguentada, impaciente de ser levada por mim, e não encontrava lugar onde a pudesse depor. Nem os bosques amenos, nem os jogos e cantos, nem os lugares suavemente perfumados, nem os banquetes esplêndidos, nem os deleites da alcova e do leito, nem, finalmente, os livros e os versos podiam dar-lhe descanso. Tudo me causava horror, até a própria luz. Tudo o que não era o que ele era se me tornava insuportável e odioso, exceto gemer e chorar, pois somente nisto achava algum descanso. E se minha alma deixava de chorar, logo pesava sobre mim o grande fardo de minha miséria.

A ti, Senhor, deveria ser elevada, para ter cura. Eu o sabia, mas não o queria nem podia. Tanto mais quanto o que pensava de ti não era algo sólido e firme, mas um fantasma, e meu erro era o meu Deus. Se nele tentava descansar minha alma, logo resvalava como quem pisa em falso, e caía de novo sobre mim. Eu era para mim mesmo uma infeliz morada, na qual não podia estar e da qual não podia sair. E para onde iria meu coração, fugindo de si mesmo? Para onde fugir de mim mesmo? Para onde não me seguiria?

Por isso fugi de minha pátria, porque meus olhos buscariam menos meu amigo onde não estavam acostumados a vê-lo. E assim me fui de Tagaste para Cartago.

[...]

xii. 19. Nossa verdadeira vida veio até nós, e sofreu nossa morte, e a matou com a abundância de sua vida, e gritou como trovão, clamando para que voltássemos a ele, para o lugar escondido de onde veio até nós, passando primeiro pelo seio de uma virgem, onde se desposou com ele a natureza humana, carne mortal, para não ficar sempre mortal.

Dali, como o esposo que sai do leito nupcial, deu saltos como um gigante, para correr seu caminho. E não se deteve, mas correu gritando com suas palavras, com suas obras, com sua morte, com sua vida, com sua descida aos infernos e com sua ascensão, clamando para que voltássemos a ele, porque, se se afastou de nossa vista, foi para que entremos em nosso coração, e ali o achemos; porque, se partiu, ainda está conosco. Não quis ficar por muito tempo em nossa companhia, mas não nos abandonou. Retirou-se de onde nunca se afastou, pois o mundo foi criado por ele, e no mundo estava, e ao mundo veio para salvar os pecadores. E a ele se confessa minha alma, e ele a cura das ofensas que lhe fez.

Filhos dos homens, até quando sereis duros de coração? Será possível que, depois de haver baixado a vida até vós, não queirais subir e viver? Mas para onde subis, quando estais no alto, e pondes no céu vossa boca? Descei para subir, para subir até Deus, já que caístes levantando-vos contra Deus.

Dize-lhes isto, minha alma, para que chorem neste vale de lágrimas, e assim os arrebatos contigo para Deus, porque, se dizes estas palavras ardendo em chamas de caridade, com espírito divino as dizes.

XIII. 20. Então, eu nada sabia dessas coisas, e por isso amava as belezas inferiores, e caminhava para o abismo, dizendo a meus amigos: “Porventura, amamos algo que não é belo? E que é o belo? E que é a beleza? Que é que nos atrai e prende às coisas que amamos? Porque, certamente, se nelas não houvesse certa graça e formosura, de nenhum modo nos atrairiam.”

E eu notava e via que nos próprios corpos uma coisa era o todo, e, como tal, belo, e outra o que lhe era conveniente, por acomodar-se de maneira perfeita a alguma coisa, como a parte do corpo em relação ao conjunto, o calçado em relação ao pé, e outras coisas semelhantes. Essa consideração brotou em minha alma do íntimo de meu coração, e escrevi alguns livros sobre o belo e o conveniente,¹ creio que dois ou três — tu o sabes, Senhor —, pois já me esqueci, e não os tenho mais porque se me extraviaram não sei como.

XIV. 21. Mas, meu Senhor e meu Deus, por que dediquei esses livros a Hiério, orador de Roma, a quem não conhecia, apreciando-o apenas pela fama de sua doutrina, que era grande, e por alguns ditos seus, que ouvira, e que me agradaram? Mas eu o apreciava principalmente porque ele agradava aos

outros, que o exaltavam com estupendos elogios, admirados de que um sírio, educado na eloquência grega, chegasse tão depressa a ser orador admirável na latina, e grande conhecedor de todas as matérias relativas ao estudo da sabedoria. Assim, ouve-se louvar a um homem, e, embora ausente, começa-se a amá-lo. Será que o amor entra no coração do que ouve pela boca do que louva? De maneira alguma, mas o amor de um se inflama ao contato do amor do outro. Esta é a razão pela qual se ama ao que é louvado, porém, só quando se está persuadido de que o louvor vem de coração sincero ou, o que é o mesmo, quando o louvor é inspirado pelo amor.

xiv. 22. Desse modo amava eu então aos homens, pela opinião dos homens, e não pela tua, meu Deus, em quem ninguém se engana. Contudo, por que não o louvava como se louva a um cocheiro célebre ou a um caçador afamado pelas aclamações do povo, mas de modo mais distinto e mais sério, tal como eu gostaria de ser louvado?

Porque, certamente, eu não gostaria de ser louvado e amado como os histriões, embora eu também os ame e louve; antes, preferiria mil vezes permanecer desconhecido a ser louvado dessa maneira, e mesmo ser odiado a ser amado assim. De que modo se equilibram em uma alma gostos tão vários e diversos? Como é que amo em outro o que não rejeitaria nem afastaria para longe de mim se não o odiasse, sendo eu e ele homens? Aprecia-se um bom cavalo, sem que se queira ser cavalo, se isso fosse possível. Mas de um histrião não se pode dizer o mesmo, pois tem a mesma natureza que nós. Logo, amo em um homem o que teria horror de ser, embora também eu seja homem! Grande abismo é o homem, cujos cabelos tu, Senhor, tens contados, sem que se perca um sem que tu o saibas; e, contudo, mais fáceis de contar são seus cabelos que suas paixões e os movimentos de seu coração.

xiv. 23. Mas aquele orador era do número dos que eu amava a ponto de desejar ser como ele; mas eu andava errante por meu orgulho e era arrastado por toda espécie de vento, embora em segredo fosse governado por ti. E como sei, e como te confesso com tanta certeza que amava mais a ele por amor do que o louvavam do que pelos méritos que lhe valiam esses louvores?

Porque, se em vez de o louvarem, aquelas mesmas pessoas o criticassem, e se me contassem dele as mesmas coisas, mas como censura e desprezo, certamente não me entusiasmaria por ele; não obstante, as coisas não seriam

distintas nem o homem outro, mas unicamente os sentimentos dos narradores.

Eis onde jaz enferma a alma débil que ainda não se apoiou na firmeza da verdade, levada e trazida, lançada e rechaçada, segundo os sopros das línguas que ventam dos peitos dos que opinam! E de tal modo se lhe obscurece a luz que não distingue a verdade, não obstante estar ela à nossa vista.

Para mim era importante que aquele homem conhecesse meu estilo e meus trabalhos. Se ele os considerasse bons, me entusiasmaria ainda mais por ele; mas se, pelo contrário, os reprovasse, meu coração, fútil e vazio de tua firmeza, se lastimaria. Contudo, meu prazer era pensar e refletir no problema do belo e do conveniente, objeto do livro que lhe dedicam, admirando-o na minha imaginação, mesmo que ninguém o louvasse.

[...]

xvi. 29. De que me aproveitava tudo isso, se até me prejudicava, porque, julgando que naqueles dez predicamentos se achavam compreendidas, de modo absoluto, todas as coisas, esforçava-me por compreender-te também a ti, meu Deus, ser maravilhosamente simples e imutável, como se fosses subordinado à tua grandeza e formosura, como se estas estivessem em ti como em seu sujeito, como se fosses um corpo, sendo que tua grandeza e beleza são uma mesma coisa contigo, ao contrário dos corpos, que não são grandes ou belos por serem corpos, pois, embora fossem menores e menos belos, nem por isso deixariam de ser corpos.

Mentira, portanto, era o que pensava de ti, e não verdade; ilusões de minha miséria, e não representação sólida de tua beleza. Havia ordenado, Senhor, e pontualmente se cumpria em mim tua vontade, que a terra me produzisse abrolhos e espinhos, e que eu só conseguisse meu sustento à custa de trabalho.

[...]

Nota

1. *De pulchro et apto*, primeira obra de Santo Agostinho, da qual não se encontram exemplares.

LIVRO V

[...]

III. 3. Falarei, na presença de meu Deus, do ano 29º de minha vida. Já havia chegado a Cartago um dos bispos maniqueus, chamado Fausto, grande laço do demônio, no qual caíam muitos pelo encanto sedutor de sua eloquência, que, embora também exaltada por mim, eu a sabia contudo distinguir das verdades objetivas, que eu desejava conhecer. Não era o prato do estilo que eu considerava, mas o alimento doutrinal que nele me era servido por aquele famoso Fausto, tão reputado entre os seus.

A fama mo apresentara como homem doutíssimo em toda espécie de ciência e particularmente instruído nas artes liberais. E como eu tinha lido muitas coisas dos filósofos, e as conservava na memória, pus-me a comparar algumas destas com as grandes fábulas do maniqueísmo, parecendo-me mais prováveis as doutrinas daqueles que chegaram a conhecer a ordem do mundo, embora não tivessem encontrado seu Criador, porque tu és grande, Senhor, e pondes os olhos nas coisas humildes, e as elevadas as conheces de longe, e não te aproximas senão dos contritos de coração. Nem serás encontrado pelos soberbos, embora sua curiosa perícia seja capaz de contar as estrelas do céu e as areias do mar; seja capaz de medir as regiões do céu e de investigar o curso dos astros.

III. 4. Com a inteligência e o engenho que lhes deste investigam estas coisas, e descobriram muitas delas, e predisseram com muitos anos de antecedência os eclipses do Sol e da Lua, no dia e hora em que hão de suceder, e a parte que se há de ocultar, sem que lhes falhe nunca o cálculo, acontecendo sempre tal e como haviam anunciado.

Além disso, deixaram por escrito as leis por eles descobertas, as quais ainda hoje se leem, e de acordo com elas se prediz em que ano, e em que mês do

ano, e em que dia do mês, e em que hora do dia, e em que parte de sua luz se hão de eclipsar o Sol e a Lua; e tudo acontece como está predito.

Admiram-se disto os ignorantes, e ficam pasmados, mas os sábios gloriam-se disso, e se desvanecem, e com ímpia soberba afastam-se e se eclipsam de tua luz. E, prevendo com tanta antecipação o eclipse do Sol, que há de suceder, não veem o seu, que já está presente, porque não procuram religiosamente saber de onde lhes vem a inteligência, com que investigam essas coisas, e, achando que tu os criaste, não se entregam a ti, para que conserves o que lhes deste, nem se te oferecem em sacrifício, como se se tivessem feito a si mesmos; nem dão morte às suas soberbas, que alçam voo como aves do céu; nem às suas insaciáveis curiosidades, que, como peixes do mar, passeiam pelas secretas sendas do abismo; nem às suas concupiscências, que os igualam aos animais do campo, a fim de que tu, ó Deus, fogo devorador, destruas estas suas preocupações de morte e os tornes a criar para uma vida imortal.

III. 5. Mas não conheceram o caminho, teu Verbo, por quem fizeste as coisas que numeram, e eles próprios que as numeram, e os sentidos com que percebem as coisas que numeram, e a mente em virtude da qual as numeram. Tua sabedoria escapa aos números, mas teu Filho Unigênito se fez para nós sabedoria, justiça e santificação, e foi contado entre nós, e pagou tributo a César. Não conheceram este caminho, por onde desceriam de seu orgulho até ele, e por ele subiriam até ele; não conheceram, digo, este caminho, e se julgaram mais elevados e resplandecentes que estrelas, e assim vieram a rolar por terra, e seu coração insensato se obscureceu.

É verdade que dizem muitas coisas verdadeiras acerca das criaturas; mas, como não procuram piedosamente a Verdade, isto é, o autor da Criação, por isso não o encontram, e, se o encontram, reconhecendo-o por Deus, não o honram como a Deus, nem lhe dão graças. Antes, se desvanecem em seus pensamentos, e se dizem sábios, atribuindo a si próprios o que é teu, e, do mesmo modo, atribuindo a ti, com perversíssima cegueira, suas coisas, isto é, suas mentiras, a ti, que és a própria Verdade, alteram a glória de um Deus incorruptível, concebendo-a à semelhança de imagem do homem corruptível, das aves, dos quadrúpedes, das serpentes. E convertem tua verdade em mentira, e adoram e servem à criatura antes do que ao Criador.

[...]

iv. 7. Senhor, Deus de verdade, acaso, para te agradar, basta conhecer essas coisas? Infeliz do homem que, conhecendo-as todas, te ignora; mas feliz de quem te conhece, embora as ignore! Quanto ao que conhece a ti e a elas, este não é mais feliz por causa de sua ciência, mas só é feliz por ti, se, conhecendo-te, te glorifica como Deus, e te dá graças, e não se desvanece em seus pensamentos.

Porque, assim como é melhor quem reconhece estar na posse de uma árvore e te dá graças por sua utilidade, embora ignore quantos côvados tem de altura e quantos de largura, que o que a mede, e conta todos os seus ramos, mas não a possui, nem conhece, nem ama a seu Criador, assim o homem fiel, a quem pertencem todas as riquezas do mundo, e que, nada possuindo, possui tudo, por estar unido a ti, a quem servem todas as coisas — embora desconheça até o curso dos setentriões, seria insensatez duvidar —, é certamente melhor do que o que mede os céus e conta as estrelas, e pesa os elementos, mas é negligente contigo, que dispuseste todas as coisas em número, peso e medida.

v. 8. Mas quem pediu ao tal Manés que escrevesse sobre coisas cujo conhecimento não é necessário à piedade? Porque disseste ao homem: vê que a piedade é a sabedoria. Manés podia muito bem ignorar essa piedade e, todavia, ser muito instruído nas ciências profanas. Mas, porque não as conhecia, e se atrevia desavergonhadamente a ensiná-las, claramente indicava que de nenhum modo conhecia a piedade. Porque é por certo vaidade alardear conhecimentos humanos, mesmo verdadeiros, e é piedade confessar-te a ti. Por isso Manés, afastando-se dessa regra, falou tanto sobre essas coisas, que, convencido de ignorante pelos que as conhecem bem, viu-se claramente o crédito que merecia em matérias mais obscuras. Porque ele não quis ser pouco estimado, mas empenhou-se em persuadir aos demais de que tinha em si, pessoalmente, na plenitude de seu poder, o Espírito Santo, que consola e enriquece teus fiéis. Assim surpreendido em erro ao falar do céu e das estrelas, e do curso do Sol e da Lua, embora tais coisas não pertençam à doutrina da religião, claramente se descobre ser sacrílego seu atrevimento ao dizer coisas não só ignoradas, mas também falsas, e isso com tão insensato orgulho a ponto de querer atribuí-las à pretensa divindade de sua pessoa.

v. 9. Assim, pois, quando ouço dizer que este ou aquele irmão em Cristo ignora esses problemas e confunde uma coisa com outra, suporto com paciência seu modo de opinar, e nada vejo que lhe possa ser prejudicial enquanto não fizer indigna de ti, Senhor, criador do Universo, mesmo que ignore até o lugar e a natureza das coisas materiais. O mal é ele acreditar que esses problemas pertencem à essência da piedade, e com grande pertinácia atrever-se a afirmar o que ignora. Mas ainda essa fraqueza é suportada nos começos da fé pela mãe caridade, até que o homem novo cresça e se transforme em varão perfeito, e não possa ser arrebatado por qualquer vento de doutrina.

Quanto a Manés, que se atreveu a se fazer de doutor, de autor, de guia e cabeça daqueles a quem persuadia tais coisas, e de tal forma que os que o seguiam acreditassem que iam atrás não de um homem qualquer, mas de teu Espírito Santo, quem não julgaria que tão grande loucura, uma vez demonstrada sua falsidade, deveria ser detestada e lançada para bem longe?

Contudo, eu ainda não estava certo se o que havia lido em outros livros, sobre as mudanças dos dias e das noites, uns mais longos, outros mais curtos, e sobre o suceder-se dos dias e das noites, e dos eclipses do Sol e da Lua, e outros fenômenos semelhantes, poderiam ser explicados conforme sua doutrina. Caso isso fosse possível, eu ainda ficaria em dúvida quanto ao modo por que se realizariam esses fenômenos, caso em que anteporia à minha fé a autoridade de Manés, pelo grande crédito de santidade em que o tinha.

vi. 10. Durante os quase nove anos em que meu espírito errante deu ouvidos aos maniqueus, esperei ansiosamente a vinda de Fausto. Porque os demais adeptos, com os quais topava casualmente, não sabendo responder às objeções que eu lhes fazia, mandavam-me a ele, que, à sua chegada com uma simples entrevista, resolveria facilmente todas aquelas minhas dificuldades e ainda outras maiores que me ocorressem, de maneira claríssima.

Logo que chegou, pude averiguar que se tratava de um homem simpático, de conversa atraente, e que expunha os temas comuns dos maniqueus, mas com muito mais agrado que eles. Mas que interessava à minha sede este elegantíssimo servidor de copos preciosos? Eu já tinha os ouvidos fartos daquelas teorias, e não me pareciam melhores por serem expostas em melhor estilo, nem mais verdadeiras pela elegância de suas formas; nem eu considerava Fausto mais culto porque seu rosto tinha mais graça e sua

linguagem, mais finura. Aqueles que mo haviam elogiado não eram bons juízes: recomendavam-me Fausto como homem sábio e prudente somente porque agradava-lhes sua facúndia, ao contrário de outra espécie de homens, com que mais de uma vez tive de tratar, que tinham como suspeita a verdade, e se negavam a reconhecê-la, se lhes era apresentada com linguagem cuidada e abundante.

Mas eu, meu Deus, nessa época já tinha aprendido de ti, por modos ocultos e maravilhosos — e creio que eras tu que me ensinavas, porque era verdade, e ninguém pode ser mestre da verdade senão tu, seja qual for o lugar e modo onde ela se manifeste —, já havia aprendido de ti que não se deve considerar verdadeiro um pensamento porque se exprime eloquentemente, nem falso porque é dito sem atavios; e que, pelo contrário, um pensamento não é verdadeiro porque é enunciado com simplicidade, nem falso porque sua forma é brilhante; mas que a sabedoria e a ignorância são como manjares, proveitosos ou nocivos, e as palavras, elegantes ou triviais, como pratos preciosos ou toscos, nos quais se podem servir ambos os manjares.

VI. II. Assim, pois, a ânsia com a qual por tanto tempo esperara por aquele homem deleitava-se enfim com o ardor e a vivacidade de suas disputas, com os termos apropriados que empregava, e a facilidade com que lhe vinham à boca para revestir seu pensamento. Deleitava-me, certamente, e eu o louvava e exaltava com os outros, e muito mais ainda do que eles.

Contudo, na reunião dos ouvintes, molestava-me não poder apresentar-lhe minhas dúvidas, e dividir com ele os cuidados de meus problemas, conferindo com ele minhas dificuldades em forma de perguntas e respostas. Quando, enfim, o pude fazer, acompanhado de meus amigos, comecei a falar-lhe em ocasião e lugar oportunos para tais discussões, apresentando-lhe algumas objeções das que mais me preocupavam; mas então vi que se tratava de homem completamente ignorante das artes liberais, com exceção da gramática, que conhecia de modo vulgar. Contudo, como havia lido alguns discursos de Cícero, e pouquíssimos livros de Sêneca, alguns poemas e livros da seita, escritos em bom latim e com arte, e como se exercitava todos os dias em falar, adquirira grande facilidade de expressão, que ele tornava mais agradável e sedutora com o bom emprego de seu talento e certa graça natural.

É ou não assim como estou contando, meu Senhor e meu Deus, juiz de minha consciência? Diante de ti estão meu coração e minha memória, e que já

então guiavas no segredo oculto de tua providência, pondo diante de meus olhos meus erros vergonhosos, para que os visse e odiasse.

vii. 12. Por isso, quando reconheci sua ignorância naquelas artes em que eu o julgava mui avantajado, comecei a desesperar de que me pudesse esclarecer e resolver as dificuldades que me preocupavam. É verdade que podia ignorar tais coisas e possuir a verdadeira piedade, contanto que não fosse maniqueu, porque seus livros estão cheios de fábulas intermináveis acerca do céu e dos astros, do Sol e da Lua, as quais eu já não esperava que mas pudesse explicar tão sutilmente como eu o desejava, cotejando-as com os cálculos matemáticos que eu lera em outras partes, para ver se deveria preferir o que diziam os livros de Manés, ou se, pelo menos, estes apresentavam demonstrações de igual valor.

Mas, quando apresentei minhas dificuldades à sua consideração e crítica, com grande modéstia, não se atreveu a tomar sobre si tal encargo, pois certamente sabia que ignorava o assunto, e não se envergonhava de confessá-lo. Não pertencia ao número daquela classe de charlatões que me vi obrigado a suportar, que pretendiam ensinar-me tais coisas, mas não me diziam nada. Este, pelo menos, tinha coração, se não dirigido a ti, pelo menos não demasiado incauto com referência a si próprio. Não ignorava totalmente sua ignorância, razão pela qual não quis meter-se temerariamente em questões de onde não pudesse sair, ou de mui difícil retirada. Por isso mesmo agradou-me muito mais, por ser a modéstia de uma alma que se conhece muito mais bela que o saber que me fazia inveja, e em todas as questões mais difíceis e sutis o achei sempre igual.

vii. 13. Quebrantado, assim, meu entusiasmo pelos livros de Manés, e muito mais desconfiado dos outros doutores maniqueus, quando este, tão renomado, se me havia mostrado tão ignorante em muitas das questões que me inquietavam, continuei a tratar com ele, mas por causa de seu amor ardente pelas letras, que eu ensinava aos jovens de Cartago, lendo com ele os livros que desejava conhecer por ter ouvido falar deles ou os que eu considerava apropriados à sua inteligência.

Quanto ao mais, todo o empenho que eu havia posto em progredir na seita desapareceu por completo quando apenas conheci esse homem, mas não a ponto de me separar definitivamente dela, pois, não achando na ocasião

caminho melhor que aquele por onde cegamente me lançara, determinei continuar provisoriamente na mesma, até que tivesse a fortuna de encontrar algo melhor e preferível. Foi assim que aquele Fausto que havia sido para muitos laço de morte, sem o saber nem querer, começava a desfazer o laço em que me enredara. É que tuas mãos, meu Deus, no segredo de tua providência, não abandonavam minha alma, e minha mãe, dia e noite, não deixava de te oferecer em sacrifício por mim o sangue de seu coração, que corria por suas lágrimas.

E tu, Senhor, agiste comigo de modo admirável, pois isso foi obra tua, meu Deus. Porque o Senhor é quem dirige os passos do homem e quem escolhe seu caminho. E quem poderá dar-nos a salvação, senão tua mão, que refaz o que fez?

VIII. 14. Também foi obra tua o fato de me persuadirem a ir a Roma, para ali lecionar o que ensinava em Cartago. Mas não deixarei de confessar-te o motivo que me moveu, porque também nestas coisas se descobre a profundidade de teu desígnio, e merece ser meditada e exaltada tua misericórdia sempre presente. O motivo que me levou a Roma não foram maiores lucros e maior consideração, como me prometiam os amigos que tal me aconselhavam — embora também essas razões fossem importantes para mim nesse tempo —, mas o principal e quase único motivo de minha determinação era saber que os jovens de Roma eram mais sossegados nas classes, mercê da rigorosa disciplina a que estavam sujeitos, segundo a qual não lhes era lícito entrar desordenada e turbulentamente nas aulas dos professores, dos quais não eram alunos, nem sequer entrar nas mesmas sem permissão, o contrário do que acontecia em Cartago, onde a liberdade dos estudantes é tão vergonhosa e desmedida que invadem única e furiosamente as aulas, e transtornam a ordem estabelecida pelos mestres em seu próprio interesse. Além do mais, com incrível estupidez, cometem uma multidão de insolências, que deveriam ser castigadas pelas leis, se a tradição não os protegesse. Aliás, essa tradição apenas manifesta o que há de lamentável no caso desses jovens, que já fazem como lícito o que jamais será permitido por tua lei eterna, e julgam agir impunemente, quando a cegueira com que agem é seu maior castigo, padecendo, eles incomparavelmente maiores males do que os que fazem aos outros.

Assim, pois, vi-me obrigado como mestre a suportar nos outros costumes que, quando estudante, não quis adotar como meus; e por isso agradava-me ir para uma cidade na qual, segundo me asseguravam, não aconteciam tais coisas. Mas tu, Senhor, minha esperança e minha porção na terra dos vivos, a fim de que eu mudasse de residência para a saúde de minha alma, me punhas espinhos em Cartago, para arrancar-me dali, e deleites em Roma para atrair-me para lá, por meio de homens que amavam uma vida morta: dos quais uns agiam aqui como loucos, e outros me prometiam alhures bens ilusórios, e, para corrigir meus passos, usavas ocultamente da sua e da minha perversidade. Porque os que perturbavam minha paz estavam cegos por uma raiva vergonhosa, e os que me convidavam para mudar sabiam a terra, e eu, que detestava em Cartago uma verdadeira miséria, buscava em Roma uma falsa felicidade.

VIII. 15. Mas o verdadeiro motivo de eu sair de Cartago e ir para Roma só tu, ó Deus, o sabias, sem mo indicar a mim nem à minha mãe, que chorou atrozmente minha partida, seguindo-me até o mar. Mas tive de enganá-la, porque me retinha por força, obrigando-me a desistir de meu propósito ou a levá-la comigo, para o que fingi que tinha de me despedir de um amigo que eu não queria abandonar, até que, soprando o vento, ele pudesse navegar. Assim enganei a minha mãe, e a tal mãe, e fugi, e tu também me perdoaste este pecado misericordiosamente, protegendo-me a mim, cheio de execráveis imundícies, das águas do mar para chegar às águas de tua graça, com as quais, lavado, se secassem os rios dos olhos de minha mãe, com que todos os dias regava a terra em tua presença, por minha causa.

Contudo, como se recusasse a voltar sem mim, apenas pude persuadi-la a permanecer aquela noite em uma capela próxima a nosso navio, consagrada à memória de São Cipriano. Mas naquela mesma noite parti às escondidas, deixando-a a orar e a chorar. E que te pedia ela, meu Deus, com tantas lágrimas, senão que não me deixasses navegar? Mas tu, vendo as coisas de um ponto mais alto, escutando a essência de seu desejo, não atendeste ao que ela então te pedia, para fazer-me tal como sempre te pedia.

Soprou o vento, enfunou nossas velas, e desapareceu de nossas vistas a praia, onde minha mãe, na manhã seguinte, louca de dor, enchia de queixas e de prantos teus ouvidos insensíveis, que me deixavam correr atrás de minhas paixões para dar fim às minhas concupiscências, castigando com o justo açoite

da dor a saudade demasiado carnal de minha mãe. Porque, como todas as mães, e ainda muito mais que a maioria delas, desejava manter-me a seu lado, desconhecendo as grandes alegrias que lhe preparavas com minha ausência. Não o sabia, e por isso chorava e se lamentava, denunciando com esses lamentos a herança que recebera de Eva, buscando com gemidos ao que com gemidos havia dado à luz.

Por fim, depois de me haver acusado de mentiroso e de mau filho, pôs-se de novo a rogar por mim, e voltou para sua vida habitual, enquanto eu me dirigia a Roma.

ix. 16. Em Roma fui recebido com o açoite de uma enfermidade corporal, que estive a ponto de me mandar para a sepultura carregado de todos os pecados que havia cometido contra ti, contra mim e contra o próximo, pecados numerosos e pesados, que se acrescentavam à cadeia do pecado original, pelo qual todos morremos em Adão. Ainda não me tinhas perdoado nenhum deles em Cristo, nem ele havia desfeito em sua cruz as inimizades que contraíra contigo com meus pecados. E como poderia ele desfazê-los por uma cruz onde eu não via mais que um fantasma? Porque tão falsa me parecia a morte de sua carne como verdadeira a morte de minha alma, e tão verdadeira a morte de sua carne como falsa a vida de minha alma, que disto se não persuadia. Entretanto, agravando-se as febres, eu estava a ponto de partir e de perecer. Mas, para onde iria, se então tivesse que sair deste mundo, senão para o fogo e tormentos merecidos por minhas ações, de acordo com a verdade da ordem por ti estabelecida? Minha mãe tudo ignorava, mas, ausente, orava por mim, e tu, presente em todas as partes onde ela estava, lhe davas ouvidos, e exercias tua misericórdia para comigo onde eu estava, restituindo-me a saúde do corpo; mas meu coração sacrílego continuava enfermo. Na verdade, estando em tão grande perigo, não desejava teu batismo. Quando menino, eu era melhor, porque então o supliquei à piedade de minha mãe, como já recordei e confessei. Mas, para minha vergonha, eu havia crescido, e, em minha loucura, zombava dos conselhos de tua medicina, que não me deixou morrer duas vezes em tais sentimentos.

Se o coração de minha mãe fosse transpassado por essa ferida, nunca haveria de sarar. Porque não posso declarar de modo suficiente o grande amor que me dedicava, e a que ponto seus sofrimentos para me dar à luz em espírito eram piores que os que suportara quando me deu à luz pela carne.

[...]

x. 18. Restabeleceste-me, pois, daquela doença, e por então salvaste o filho de tua serva enquanto ao corpo, a fim de poder mais tarde salvá-lo melhor e mais seguramente. Em Roma juntei-me ainda com os que se diziam santos, falsos e enganadores, e não só convivía com os ouvintes entre os quais se contava o dono da casa em que eu adoecera e convalescera — mas também com os que se chamam eleitos.

Ainda então me parecia que não éramos nós os pecadores, mas não sei que estranha natureza a que pecava em nós, razão pela qual minha soberba se deleitava em me considerar isento de culpa, e de modo algum obrigado a confessar meu pecado, quando agia mal, para que pudesses curar minha alma, que pecava contra ti. Antes, gostava de me desculpar, acusando a não sei que ser estranho que estava em mim, mas que não era eu. Mas, na verdade, eu era tudo aquilo, e minha impiedade me havia dividido contra mim mesmo. E o mais incurável de meu pecado era que não me considerava pecador, preferindo minha execrável iniquidade que fosses vencido em mim, para minha perdição, ó Deus onipotente, a que fosses vencedor de minha alma para minha salvação. Ainda não tinhas posto guarda diante de minha boca, nem porta de proteção ao redor de meus lábios, a fim de que meu coração não declinasse para as más palavras, nem buscasse desculpas para seus pecados, como os homens que obram iniquidade. Essa era a razão pela qual eu ainda mantinha relações de amizade com os eleitos dos maniqueus. Mas, desesperado de poder fazer algum progresso naquela falsa doutrina, limitava-me a segui-la até encontrar algo melhor, professando-a já com mais liberdade e negligência.

x. 19. Por esse tempo, veio-me também à ideia de que os filósofos chamados acadêmicos haviam sido mais prudentes que os outros, por sustentarem que se deve duvidar de tudo, e que nenhuma verdade pode ser compreendida pelo homem. Pareceu-me então que era esse o seu pensamento, como vulgarmente se julga, não tendo ainda compreendido suas verdadeiras intenções.

Quanto a meu hóspede, não deixei de repreendê-lo, pela excessiva credulidade com que aceitava as fábulas de que estavam cheios os livros dos maniqueus. Contudo, era mais amigo desses homens que dos que eram estranhos à sua heresia. É verdade que já não a defendia com o primitivo

entusiasmo; mas sua familiaridade — em Roma havia muitos deles ocultos — tornava-me mais preguiçoso para procurar outra coisa, sobretudo desesperando de achar a verdade em tua Igreja, ó Senhor dos céus e da terra, Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis, verdade da qual eles me afastavam, por me parecer mui torpe acreditar que tinhas figura de carne humana, e que estavas limitado pelos contornos de um corpo como o nosso. E porque, quando queria pensar em meu Deus, não sabia imaginar senão massas corpóreas — pois não me parecia que pudesse existir algo diferente —, esta foi a causa principal e quase única de meu erro inevitável.

x. 20. Daqui se originava também minha crença de que a substância do mal era também corpórea, massa negra e disforme, ora espessa — a que chamavam terra —, ora tênue e sutil, como o corpo do ar, a qual imaginavam como um espírito maligno que investia sobre a Terra. E como minha piedade, por pouca que fosse, me obrigava a pensar que um Deus bom não podia criar nenhuma natureza má, eu imaginava duas massas contrárias entre si, ambas infinitas, a do mal um pouco menor, a do bem um pouco maior; e deste princípio pestilencial originavam-se-me os demais sacrilégios. Com efeito, quando meu espírito se esforçava por voltar à fé católica, era rechaçado, porque a fé católica não era o que eu imaginava. E me parecia ser mais piedoso, ó Deus, a quem louvam em mim tuas misericórdias, julgar-te infinito por todas as partes, com exceção de um ponto, a oposição do mal, no qual era forçoso reconhecer teus limites, do que julgar-te limitado por todas as partes segundo as formas do corpo humano.

Também me parecia ser melhor admitir que não havias criado nenhum mal — o qual aparecia à minha ignorância não só como substância, mas como substância corpórea, por não poder imaginar o espírito senão como corpo sutil que se difundia pelos espaços — do que crer que a natureza do mal, tal como a imaginava, procedesse de ti.

Também supunha que nosso Salvador, teu Filho Unigênito, saíra, para nos salvar, dessa substância luzidíssima de teu corpo, e não acreditava a seu respeito senão no que me sugeria minha vaidade. E por isso julgava que tal natureza não podia nascer da Virgem Maria sem se juntar com a carne, mas não via como poderia juntar-se à carne sem se corromper, e por isso tinha medo de acreditar em sua encarnação, para não me ver obrigado a julgá-lo manchado pela carne.

Sem dúvida agora teus fiéis se rirão branda e amorosamente se lerem estas minhas confissões; mas eu, realmente, era assim.

XI. 21. Por outra parte, eu já não acreditava que se pudessem defender os pontos que os maniqueus criticavam em tuas Escrituras. Contudo, às vezes desejava sinceramente discutir cada um desses pontos com algum varão, grande conhecedor de seus livros, para ver o que realmente sentia a respeito. Quando ainda em Cartago, já me mostrara interessado pelos discursos de um tal Elpídio, que falava e discutia publicamente contra os maniqueus, alegando citações da Sagrada Escritura que não era fácil refutar.

Por sua vez, as respostas dos maniqueus me pareciam fracas, e mesmo assim não a expunham facilmente em público, mas somente a nós, e muito em segredo, dizendo que as Escrituras do Novo Testamento haviam sido falsificadas por não sei quem, com o intuito de mesclar a lei dos judeus com a fé cristã, razão pela qual eles próprios não podiam mostrar nenhum exemplar sem alteração.

Mas o que principalmente me mantinha cativo, e como que sufocado, eram as tais grandes massas, que pareciam oprimir-me, e debaixo de cujo peso, arquejante, me era impossível respirar a aura pura e simples de tua verdade.

XII. 22. Com toda a diligência começara a pôr em obra o desígnio que me levava a Roma, que era ensinar a arte retórica, começando por reunir a princípio alguns estudantes em casa, para me tornar conhecido deles, e, por seu intermédio, dos demais.

Mas logo vim a saber, com surpresa, que os estudantes de Roma faziam outras travessuras, que eu não havia experimentado na África. Porque, se era verdade, como me haviam assegurado, que em Roma não se praticavam as mesmas violências dos jovens corrompidos de Cartago, também me asseguravam que aqui os estudantes entravam em acordo para deixar de repente de assistir às aulas, passando para outro professor, com o fim de não pagar o devido salário, faltando assim à palavra dada, e desprezando a justiça por amor ao dinheiro.

Também a estes odiava meu coração, porém, não com ódio perfeito, porque, na realidade, mais os aborrecia pelo prejuízo que me podiam causar do que pela simples injustiça de seu comportamento. Sem dúvida são infames

os que assim agem, e se maculam longe de ti, amando passatempos e enganos passageiros e a recompensa de lodo, que não se pode colher com as mãos sem manchá-las, agarrando-se a um mundo que foge e desprezando a ti, que permaneces eternamente, a ti que chamas e perdoas a alma humana, quando, depois de suas prostituições, se volta para ti. Mesmo ainda agora aborrece-me gente tão depravada e sem modos, embora deseje que se corrijam, a fim de que prefiram ao dinheiro a ciência que aprendem, e a essa mesma ciência a ti, Deus, verdade e abundância de verdadeiro bem e paz castíssima. Mas naquele tempo — confesso — preferia que não fossem maus para meu interesse do que bons por teu amor.

XIII. 23. Por isso, quando a cidade de Milão escreveu ao prefeito de Roma pedindo para aquela cidade um professor de retórica, com viagem paga pelo Estado, eu mesmo solicitei esse emprego por intermédio dos mesmos amigos que estavam embriagados com as vaidades dos maniqueus, dos quais ia-me separar, sem que eles ou eu o soubéssemos. Símaco, então prefeito da cidade, propôs-me o tema de um discurso, e, sendo eu aprovado, mandou-me para Milão.

Chegado a Milão, visitei o bispo Ambrósio, famoso entre os melhores da terra, piedoso servo teu, cujos discursos distribuía zelosamente entre teu povo a flor de teu trigo, a alegria do óleo e a sóbria embriaguez de teu vinho. A ele era eu conduzido por ti sem o saber, a fim de que ele me conduzisse a ti sabendo-o.

Esse homem de Deus recebeu-me paternalmente e se interessou muito por minha viagem, como bispo. Comecei a amá-lo; a princípio, não certamente como mestre da verdade, que eu desesperava de achar em tua Igreja, mas como homem afável para comigo. Ouvia-o atentamente quando pregava ao povo, não com a devida intenção, mas como se quisesse sondar sua eloquência, para ver se correspondia à sua fama, ou se era maior ou menor que a que se apregoava, ficando suspenso com suas palavras, mas sem cuidar no que dizia, coisa que eu até desprezava. Deleitava-me com a suavidade dos sermões, os quais, embora mais eruditos que os de Fausto, eram, contudo, menos alegres e agradáveis no estilo. Quanto à substância dos mesmos não havia comparação, pois Fausto se perdia por entre as fábulas dos maniqueus, e Ambrósio ensinava salutarmente a mais sã doutrina da salvação. Mas a

salvação anda longe dos pecadores, tal como eu era então. Todavia, insensivelmente e sem o saber, ia-me aproximando dela.

xiv. 24. Embora sem cuidar de aprender o que dizia, interessado apenas em ouvir como dizia — era este gosto frívolo o único que ainda permanecia em mim, desesperado já de que se abrisse para o homem caminho que o levasse a ti —, infiltravam-se em meu espírito, juntamente com as palavras que me agradavam, as coisas que desprezava, por não poder separar umas das outras, e assim, ao abrir meu coração à sua eloquência, nele entrava ao mesmo tempo a verdade, mas isso gradualmente.

A princípio começou a aparecer-me que seus ensinamentos podiam ser defendidos e que as afirmações da fé católica — que eu julgava desarmada contra os ataques dos maniqueus — não eram absolutamente temerárias, máxime depois de me serem explicadas uma, duas e mais vezes, as passagens obscuras do Velho Testamento, que, interpretadas por mim no sentido literal, me davam a morte. Assim, pois, declarados no sentido espiritual muitos dos lugares daqueles livros, comecei a repreender aquele meu desespero, que me levava a crer na impossibilidade de resistir aos que detestavam e zombavam da lei e dos profetas.

Não obstante, não me julgava na obrigação de seguir o partido dos católicos só porque também o catolicismo podia ter defensores doutos, capazes de refutar objeções com eloquência e lógica; nem tampouco por isso me parecia que devia condenar os que antes defendia, pois as armas de defesa eram iguais. Assim, se por uma parte a fé católica não me parecia vencida, contudo ainda não me parecia vencedora.

xiv. 25. Apliquei então todas as forças de meu espírito para ver se podia de algum modo, com argumentos decisivos, convencer de falsidade os maniqueus. A verdade é que se eu não tivesse podido conceber uma substância espiritual, imediatamente todas as suas invenções se desfariam e seriam arrancadas de minha alma. Mas não podia.

Contudo, considerando e comparando sempre mais o que os filósofos haviam sentido acerca deste mundo material, e de toda a natureza, que é objeto dos sentidos da carne, cada vez mais me capacitava de que eram muito mais prováveis as doutrinas destes que as dos maniqueus. Por isso, duvidando de tudo e flutuando no meio de tudo, à maneira dos acadêmicos, como os

julga a opinião geral, determinei abandonar aos maniqueus, julgando que durante o tempo de minha dúvida não devia permanecer em uma seita à qual eu já antepunha alguns filósofos, recusando-me, contudo, de maneira categórica, a confiar-lhes a cura das enfermidades de minha alma, por ser-lhes desconhecido o nome salutar de Cristo.

Em consequência, resolvi tornar-me catecúmeno na Igreja Católica, que me havia sido recomendada por meus pais, até que alguma claridade certa viesse dirigir meus passos.

LIVRO VI

I. I. Ó minha esperança desde a minha juventude! Onde estavas para mim, ou a que lugar te havias retirado? Acaso não foste tu que me criaste, diferenciando-me dos quadrúpedes, fazendo-me mais sábio do que as aves do céu? Mas eu caminhava por trevas e resvaladouros, e te procurava fora de mim, e não encontrava o Deus de meu coração, e caí nas profundezas do mar. Eu perderei a confiança e desesperava de encontrar a verdade.

Minha mãe já viera a meu encontro, forte em sua piedade, seguindo-me por mar e por terra, confiando em ti em todos os perigos. Até nas tormentas que padeceram no mar ela encorajava os marinheiros — sendo estes os que costumam animar os navegadores inexperientes quando se perturbam —, assegurando-lhes que chegariam felizmente ao término da viagem, porque assim lho tínheis prometido em visão.

Encontrou-me em grave perigo, na desesperação de buscar a verdade. Contudo, quando lhe disse que já não era maniqueu, sem ser ainda cristão católico, não pulou de alegria, como quem ouve algo inesperado, por estar já segura sobre aquele ponto de minha miséria, que a fazia chorar diante de ti como a um morto que haveria de ressuscitar. Apresentava-me continuamente a ti em pensamento, como sobre um esquife, para que disseses ao filho da viúva: “Jovem, eu te digo: levanta-te”, e seu filho revivesse e recomeçasse a falar e o entregasses à sua mãe.

Nem se turbou seu coração com imoderada alegria ao ouvir quanto já se havia cumprido do que com tantas lágrimas te suplicava todos os dias de sua vida, vendo-me, se não na posse da verdade, já afastado do erro. Antes, porque estava certa de que lhe concederias o que faltava — pois lhe havias prometido a graça total —, respondeu-me, com muita calma e com o coração cheio de confiança, que esperava em Cristo que, antes de sair desta vida, me havia de ver católico fiel.

Foi o que me disse. Mas diante de ti, ó fonte das misericórdias, redobrava suas orações e lágrimas, para que apressasses teu auxílio e esclarecesses

minhas trevas, e corria com maior solicitude à Igreja para ficar suspensa dos lábios de Ambrósio, como da fonte de água viva que jorra para a vida eterna. Minha mãe amava a este varão como a um anjo de Deus, pois sabia que fora ele quem me fizera flutuar naquela indecisão, pela qual antevia, segura, que eu haveria de passar da enfermidade para a saúde, depois de um perigo mais grave, que os médicos chamam de crítico.

[...]

III. 4. O certo é que não se apresentava nenhuma ocasião para interrogar a teu santo oráculo que habitava em seu coração sobre as coisas que eu queria, exceto quando se tratava de uma resposta breve, e minhas inquietudes pediam muito tempo e vagar para consultá-lo, o que nunca encontrava. Ouvia-o, é certo, explicar perfeitamente ao povo a palavra da verdade todos os domingos, dando-me cada vez mais a certeza de que podiam ser desatados todos os nós das calúnias sutis que aqueles que me enganavam teciam contra os livros sagrados.

Assim, quando verifiquei que vossos filhos espirituais, a quem regeneraste no seio da santa mãe, a Igreja, não entendiam aquelas palavras, “Fizeste o homem à sua imagem”, de modo a acreditar que estavas encerrado na forma do corpo humano — embora eu então não imaginasse, nem sequer suspeitasse de longe o que fosse uma substância espiritual —, alegrei-me com isso, envergonhando-me por ter ladrado durante tantos anos, não contra a fé católica, mas contra invenções de minha inteligência carnal. Tinha sido ímpio e temerário por criticar uma doutrina que eu deveria ter procurado conhecer. Mas tu — que estás ao mesmo tempo tão alto e tão perto de nós, tão escondido e tão presente, tu que não tens membros maiores nem menores, que estás inteiro em toda parte sem estar todo em nenhum lugar, certamente não tens nossa forma corpórea, e, contudo, fizeste o homem à tua imagem, e eis que ele, da cabeça aos pés, é limitado pelo espaço.

IV. 5. Não sabendo, pois, como poderia subsistir esta tua imagem no homem, eu deveria bater na porta, procurando conhecer de que modo deveria entender essa crença, em lugar de me opor insolentemente, como se ela fosse o que eu imaginava. E assim, tanto mais fortemente me roía o coração o cuidado de ter alguma certeza, tanto mais me envergonhava de ter sido o

jogete dos que me haviam prometido a certeza, e por ter sustentado com pueril empenho e animosidade tantas coisas duvidosas como certas.

Depois vi a razão por que eram falsas. Mas já era certo que elas eram incertas, embora as tivesse julgado certas por algum tempo, quando, com minhas cegas discussões, combatia tua Igreja Católica. Embora então não a conhecesse como mestra da verdade, pelo menos sabia que não ensinava aquilo de que gravemente a acusava.

Daí minha confusão, e as mudanças que se operavam em meu pensamento, ó meu Deus, vendo que tua Igreja única, corpo de teu Filho único, na qual, ainda menino, me ensinaram o nome de Cristo, não gostava de bagatelas pueris, e que em sua doutrina sadia nada havia que te representasse, a ti, Criador de todas as coisas, limitado a um lugar, embora amplo e considerável, mas, enfim, limitado pela figura dos membros humanos.

iv. 6. Também me alegrava que as Antigas Escrituras da lei e os profetas já não me fossem propostos naquele aspecto de antes, em que me pareciam absurdas, quando eu acusava teus santos de pensamentos que nunca haviam tido. Agradava-me ouvir a Ambrósio dizer muitas vezes em seus sermões ao povo, recomendando com muito zelo a regra de que a letra mata e o espírito vivifica. E quando, levantando o véu místico, descobria o significado espiritual de textos que, entendidos segundo a letra, pareciam ensinar um erro, nada dizia que me chocasse, embora eu ainda ignorasse se ele dizia a verdade.

Abstinha meu coração de qualquer adesão, temendo cair em um precipício; mas esta suspensão matava-me muito mais, porque queria estar tão certo das coisas que não via como o estava de que sete e três são dez. Eu não estava tão louco para acreditar que nem mesmo essa verdade pudesse ser compreendida pela inteligência. Mas, assim como entendia isso, queria entender igualmente as outras verdades, quer fossem corporais, que não tinha presentes a meus sentidos, quer espirituais, nas quais não sabia pensar senão de modo material.

É verdade que poderia sarar crendo, e deste modo, purificado pela fé, o olhar de meu espírito pudesse dirigir-se de algum modo até tua verdade, sempre imutável e indefectível. Mas, como sói acontecer ao que caiu nas mãos de um mau médico, que depois receia entregar-se nas mãos de um bom, assim me sucedia a mim no que diz respeito à saúde de minha alma, que, não podendo sarar senão pela fé, recusava-se a sarar por temor de crer em

falsidades. Minha alma resistia às tuas mãos, ó meu Deus, que preparaste o remédio da fé, e o derramaste sobre as enfermidades da terra, dando-lhe tanta autoridade e eficácia.

v. 7. Contudo, desde esse tempo, comecei a dar preferência à doutrina católica, porque me parecia que nela se mandava com mais modéstia, e sem mentira, a crer no que não era demonstrado — ou porque, embora existindo provas, estas não fossem acessíveis a todos, ou porque não existiam —, o que não acontecia entre os maniqueus, que desprezavam a fé, e prometiam com temerária arrogância a ciência, e depois nos obrigavam a acreditar em uma infinidade de fábulas completamente absurdas, na impossibilidade de demonstrá-las.

Depois, com mão suavíssima e cheia de misericórdia, começaste, Senhor, a tratar e a preparar pouco a pouco meu coração, e me persuadi de tudo o que eu acreditava sem ter visto, e a cuja realização eu não havia assistido: tantos fatos da história dos povos, tantas notícias relativas a lugares e cidades que não havia visto, tudo o que admitia confiando em amigos, em médicos e em outras classes de pessoas que, se não as acreditássemos, não poderíamos dar um passo na vida. E sobretudo, de que modo inabalável eu acreditava ser filho de meus pais, coisa que não poderia saber sem prestar fé no que ouvia. Então, me persuadiste de que os culpados não são os que acreditam em teus livros, cuja autoridade estabeleceste entre quase todos os povos, mas os que não creem neles, e que eu não devia dar ouvidos aos que talvez me dissessem: “Como sabes que esses livros foram dados aos homens pelo Espírito de Deus, único e verdadeiro?” Porque precisamente isto era o que eu devia crer, porque nenhuma objeção caluniosa, por mais agressiva que fosse, que eu havia lido em muitos escritos contraditórios dos filósofos, nunca conseguiram arrancar-me a certeza de tua existência, embora ignorasse o que eras e a certeza de que o governo das coisas humanas está entre tuas mãos.

v. 8. Isto eu acreditava algumas vezes mais fortemente e outras mais debilmente; mas que existias e que cuidavas do gênero humano sempre acreditei, embora ignorasse o que devia pensar de tua natureza, ou qual o caminho que nos conduz ou reconduz a ti. Por isso, persuadido de nossa impossibilidade para achar a verdade apenas pela razão, e compreendendo que para isso nos é necessária a autoridade das Sagradas Escrituras, comecei a

entender que de nenhum modo terias conferido tão soberana autoridade a essas Escrituras em todo o mundo, se não quisesses que crêssemos em ti por elas e que te procurássemos por elas.

E, quanto aos absurdos em que antes costumava tropeçar, e que eu ouvira explicar muitas vezes de modo aceitável, eu os atribuía à profundidade dos mistérios, parecendo-me a autoridade das Escrituras tanto mais venerável e digna da fé sacrossanta quanto, de leitura fácil para todos, ela reserva a uma interpretação mais penetrante a majestade de seu mistério. Pela clareza da linguagem, a humilde familiaridade do estilo, ela se abre a todos, e, no entanto, estimula a reflexão dos que não são levianos de coração. Recebe a todos em seu vasto seio, mas não deixa ir a ti, por caminhos estreitos, senão um pequeno número; muito mais, porém, do que se ela não estivesse nesse ponto elevado de autoridade e não atraísse as turbas ao regaço de sua santa humildade.

Pensava eu nessas coisas, e me assistias; suspirava, e me ouvias; vacilava, e me governavas; andava pela via larga do século, e não me abandonavas.

vi. 9. Eu aspirava às honras, às riquezas e ao matrimônio, e tu te rias de mim. E nesses desejos sofria grandes amarguras, sendo-me tu tanto mais propício quanto menos consentias que eu achasse doçura no que não eras tu. Vê, Senhor, meu coração, tu que quiseste que eu te recordasse estas lembranças e tas confessasse. Una-se agora a ti minha alma, a quem livraste do visco tenaz da morte. Como era infeliz! E tu a picavas no mais dolorido de sua ferida, para que deixasse tudo e se convertesse a ti, que estás acima de tudo. Sem ti nada existiria. Ferias minha alma para que se voltasse para ti, e fosse curada.

Que miserável era eu, então! E como fizeste para que eu sentisse minha miséria? Era o dia em que me preparava para declamar os louvores do imperador, nos quais devia mentir muito, e, mentindo, havia de assegurar a aprovação dos que sabiam que eu não dizia a verdade. Preocupado, meu coração palpitava e se consumia com a febre de pensamentos insanos, quando, ao passar por uma das ruas de Milão, vi um mendigo já bêbado, creio eu, mas bem-humorado e divertido. Suspirei então, e discorri com os amigos que me acompanhavam sobre as muitas dores que nos acarretavam nossas loucuras. Com todos os nossos esforços, quais eram os que então me afligiam, nada mais fazia que arrastar a carga de minha infelicidade cada vez mais pesada,

aguilhado por meus apetites, para, enfim, não conseguir outra coisa que uma alegria tranquila, na qual já nos havia precedido aquele mendigo, alegria a que nós talvez não conseguíssemos chegar. O que ele havia conseguido com umas poucas moedas de esmola era exatamente ao que eu aspirava com tão trabalhosos caminhos e rodeios: a alegria de uma felicidade temporal.

É verdade que a alegria do mendigo não era verdadeira, mas a que eu buscava com minhas ambições era ainda muito mais falsa. Ele, pelo menos, estava alegre e eu, angustiado; ele seguro e eu, inquieto. Se alguém me perguntasse se preferia estar alegre ou triste, eu responderia: alegre; mas se me perguntassem novamente se queria ser como aquele mendigo ou ser como eu era, sem dúvida escolheria a mim mesmo, embora cheio de cuidados e de temores. Mas isto eu faria por minha perversidade ou por verdade? Eu não devia preferir-me ao mendigo por ser mais douto, pois a ciência para mim não era fonte de felicidade, mas um meio de agradar aos homens, e apenas agradar-lhes, e não instruí-los. Por isso, Senhor, quebravas meus ossos com a vara de tua disciplina.

vi. 10. Longe de minha alma os que dizem: “Importa levar em conta a causa da alegria, porque o mendigo se alegrava com a embriaguez e tu, com a glória.” Que glória, Senhor? Com a que não está em ti. Porque assim como aquele prazer não era verdadeira alegria, assim aquela glória não era a verdadeira glória, antes perturbava mais ainda meu coração. O bêbado, naquela mesma noite, curaria sua embriaguez, enquanto eu já dormira com a minha, e me levantara com ela, e tornaria a dormir e a me levantar com ela tu sabes quantos dias!

[...]

vii. 2. Os que convivíamos em boa amizade lamentávamos estas coisas, mas de modo especial e familiaríssimo eu o fazia com Alípio e Nebrídio. Alípio, como eu, era do município de Tagaste, nascido de uma das melhores famílias da cidade. Mas era mais jovem do que eu, pois havia sido meu discípulo quando comecei a ensinar em nossa cidade, e depois em Cartago. Ele me queria muito, por lhe parecer bom e douto, assim como eu a ele, por sua grande inclinação à virtude, que já se manifestava nele em tão tenra idade.

Contudo, o abismo dos costumes cartagineses, onde ferve o gosto dos espetáculos frívolos, engolfara-o na loucura dos jogos circenses. Alípio rolava miseravelmente por esse abismo na época em que eu ensinava publicamente retórica, mas ele não seguia minhas lições, por causa de uma desavença que surgira entre mim e seu pai. Eu sabia que Alípio amava perdidamente o circo, e isso muito me preocupava, por me parecer que se iam perder, se é que já não estavam perdidas, magníficas esperanças. Mas não encontrava modos para admoestá-lo e repreendê-lo, nem por motivos de amizade nem de magistério, pois julgava que tinha sobre mim a mesma opinião que seu pai. Mas isso não era verdade. Pondo de parte nesse assunto a vontade paterna, começou a me cumprimentar, comparecia à minha aula, ouvia-me por alguns instantes, e logo se retirava.

vii. 12. Mas já me esquecera de falar com ele para que não perdesse talento tão precioso com aquele cego e apaixonado gosto por jogos tão fúteis. Mas tu, Senhor, que governas tua criação, não te esqueceste de que Alípio deveria ser ministro de teus sacramentos entre teus filhos; e para que fosse atribuída abertamente a ti a sua emenda, a realizaste certamente por meu intermédio, mas sem que eu o soubesse.

Um dia, estando sentado no lugar de costume, diante de meus discípulos, veio Alípio, saudou-me, sentou-se, atento ao assunto de que eu tratava; e por casualidade trazia eu entre as mãos uma lição que, para melhor explaná-la, e tornar mais clara e agradável sua explicação, pareceu-me oportuno fazer uma comparação com os jogos circenses, zombando até com sarcasmo dos escravos dessa loucura. Mas tu sabes, Senhor, que então não pensei em curar Alípio dessa parte. Mas ele tomou para si o que eu havia dito, e acreditou que eu só o dissera por sua causa. Qualquer outro tomaria isso como motivo de desgosto; mas ele, jovem virtuoso, tomou-o como causa para censurar a si próprio, e para me estimar ainda mais.

Já havias dito em outro tempo, escrevendo-o em teus livros: “Corrige ao sábio, e ele te amará.” Eu não o repreenderia, mas tu, servindo-te de todos, quer eles o saibam ou não, de acordo com a ordem que conheces — e essa ordem é justa —, fizeste de meu coração e de minha língua carvões abrasadores, para queimar e curar aquela alma de boa esperança, mas pervertida.

Senhor, cale teus louvores quem não percebe tuas misericórdias, que eu te confesso do mais íntimo de meu ser. Depois de ouvidas minhas palavras, Alípio saiu daquele fosso profundo, onde gostosamente se enterrara, experimentando o inefável prazer, e sacudiu da cegueira, e sacudiu sua alma com grande temperança, lançando para longe todas as imundícies dos jogos circenses, onde nunca mais voltou.

Depois venceu a resistência paterna para me escolher como mestre, e seu pai cedeu e consentiu. Voltando a ser meu discípulo, foi envolvido comigo na superstição dos maniqueus, apreciando neles aquela ostentação de continência, que ele julgava legítima e sincera. Na realidade, era uma loucura sedutora, um laço onde caíam almas preciosas, ainda inábeis para sondar o fundo da virtude, e, por isso mesmo, vítimas fáceis da aparência que mascarava uma virtude hipócrita e fingida.

VIII. 13. Não querendo de nenhum modo deixar a carreira do mundo, tão decantada por seus pais, partira antes de mim para Roma, a fim de estudar direito, e lá se deixou arrebatado de novo, de modo incrível e com incrível paixão, pelos espetáculos de gladiadores.

A princípio, detestava e aborrecia espetáculos semelhantes. Mas certo dia, encontrando-se por casualidade com alguns amigos e condiscípulos, que voltavam de um jantar, não obstante negasse energicamente e resistisse, foi arrastado por eles com amigável violência para o anfiteatro, onde naquele dia se celebravam jogos funestos e cruéis.

Dizia-lhes Alípio: “Mesmo que arrasteis para lá meu corpo, e o retenhais ali, podereis por acaso obrigar minha alma e meus olhos a contemplar tais espetáculos? Estarei ali como se não estivera, e assim triunfarei deles e de vós.” Mas eles, não fazendo caso de tais palavras, levaram-no, talvez desejando averiguar se poderia ou não cumprir a palavra.

Quando chegaram, colocando-se nos lugares que puderam, todo o anfiteatro já fervia nas paixões mais selvagens. Mas Alípio, fechando as portas dos olhos, proibiu que sua alma participasse de tanta maldade. E oxalá também tivesse tapado os ouvidos! Porque, em um lance da luta, foi tão grande e veemente o clamor da turba, que, vencido pela curiosidade, e julgando-se suficientemente forte para desprezar e vencer o que visse, fosse o que fosse, abriu os olhos, e foi ferido na alma mais gravemente do que a ferida física do gladiador a quem desejou contemplar; caiu, e sua queda foi mais

miserável que a do gladiador, causa de tantos gritos. Estes, entrando-lhe pelos ouvidos, abriram-lhe os olhos, para ferir e derrubar sua alma, mais temerária do que forte, e tanto mais fraca quanto mais se apoiava em si mesma, em lugar de se apoiar em ti. Logo que viu sangue, dessedentou-se de crueldade e não se afastou do espetáculo; pelo contrário, prestou mais atenção. Assim, sem o saber, bebia o furor popular, e se deleitava naquela luta criminosa, embriagado de sangrento prazer.

Já não era o mesmo que ali viera, mas um da turba, com a qual se misturara, digno companheiro daqueles que para ali o arrastaram.

Que mais direi? Contemplou o espetáculo, gritou, apaixonou-se, e foi atacado da loucura, que havia de estimulá-lo a voltar, não só com os que a princípio o haviam levado, mas à sua frente, e arrastando a outros consigo! Mas tu te dignaste, Senhor, livrá-lo deste estado com mão poderosa e cheia de misericórdia, ensinando-o a não confiar em si, mas em ti, embora isto acontecesse muito tempo depois.

[...]

x. 17. Também Nebrídio deixou sua pátria, vizinha de Cartago, e a própria Cartago, que costumava visitar frequentemente — abandonando as magníficas propriedades do pai, a casa e até a própria mãe, que não o podia seguir; viera para Milão não por outro motivo que para viver comigo na procura apaixonada da verdade e da sabedoria. Como eu, ele suspirava, participando de minha perplexidade, mostrando-se investigador ardente da vida feliz e indagador acérrimo das questões mais difíceis.

Eram três bocas famintas que comunicavam mutuamente a própria fome, esperando que lhes desse comida no tempo oportuno. Na amargura, que por tua misericórdia se seguia a todas as nossas ações mundanas, se desejávamos averiguar a causa de tais sofrimentos, encontrávamos trevas. Afastávamo-nos gemendo e clamando: até quando durará este sofrimento? E isto repetíamos frequentemente, mas, dizendo-o, não abandonávamos nosso modo de vida, porque não víamos nenhuma certeza a que nos pudéssemos abraçar, se o abandonássemos.

[...]

xii. 21. Proibia-me Alípio que me casasse, dizendo-me repetidas vezes que, se o fizesse, não poderíamos dedicar-nos juntos, com segura tranquilidade, ao amor da sabedoria, como há muito desejávamos. Alípio, nessa matéria, era castíssimo, de tal modo que causava admiração, porque, no princípio de sua juventude, experimentara o prazer carnal, mas não se prendera a ele. Antes, arrependeu-se muito e o desprezou, vivendo depois em perfeita continência.

Eu lhe retrucava com os exemplos dos que, embora casados, haviam-se dedicado ao estudo da sabedoria, servindo a Deus e guardando fidelidade e amor aos amigos. Na verdade, eu estava longe dessa grandeza de alma. Prisioneiro da enfermidade da carne, arrastava com mortal delícia minha cadeia, temendo que ela se rompesse e repelindo as palavras dos que me aconselhavam, como o ferido repele a mão que lhe quer desatar as ligaduras.

Além do mais, a serpente infernal falava por minha boca a Alípio, e por minha língua lhe tecia e armava doces laços em seu caminho, para que seus pés honestos e livres se enredassem.

xii. 22. Alípio admirava-se de que eu, a quem tanto estimava, estivesse tão preso ao visco do prazer, a ponto de afirmar, todas as vezes que tratávamos desse assunto, que eu não podia de modo algum levar vida casta. Para me defender ante sua admiração, dizia-lhe que havia muita diferença entre sua rápida e furtiva experiência do prazer, de que apenas se lembrava, e que, pela mesma razão, podia desprezar facilmente, e as delícias de uma ligação como a minha, à qual, se juntasse o honesto nome de matrimônio, já não deveria admirar-se de que eu não pudesse desprezar aquela vida. Alípio também começou a desejar o matrimônio, não certamente vencido pelo apetite do prazer, mas pela curiosidade. Desejava saber, dizia ele, o que era aquele bem, sem o qual minha vida — que ele tanto apreciava — não me parecia vida, mas tormento. Com efeito, livre desse vínculo, sua alma pasmava de tal servidão, e do espanto passava ao desejo de experimentá-la, para depois talvez cair naquela mesma escravidão que ele estranhava, pois queria fazer um pacto com a morte, e o que ama o perigo nele cairá.

Certamente que nem ele nem eu dávamos muita importância ao que há de decoroso ou honesto no matrimônio, como a direção da família e a educação dos filhos. Mas o que me mantinha cativo e me atormentava violentamente era o hábito de saciar minha insaciável concupiscência, e a ele era a admiração que o arrastava para o mesmo cativo. Assim éramos,

Senhor, até que tu, ó Altíssimo, que não desamparas nosso lodo, compadecido, por modos maravilhosos e ocultos, viestes em socorro destes infelizes.

XIII. 23. Instavam sollicitamente comigo para que me casasse. Já havia feito o pedido, já havia recebido uma promessa, ajudado principalmente por minha mãe, que esperava que eu, uma vez casado, seria regenerado nas águas salutares do batismo. Minha mãe alegrava-se por me ver cada dia mais apto para recebê-lo, vendo que na minha fé se realizavam seus votos e tuas promessas.

Contudo, minha mãe, por meu pedido como por seu desejo, te suplicava com forte clamor de coração todos os dias que lhe revelasses alguma coisa sobre meu futuro matrimônio. Mas nada lhe revelaste. Via, sim, algumas coisas vãs e fantásticas, que o espírito humano engendra quando preocupado. Ela as revelava a mim, mas sem a confiança que costumava dar às visões que lhe enviavas, mas com desprezo. Costumava dizer que distinguia, por um gosto que não podia explicar com palavras, a diferença que há entre tuas revelações e os sonhos de sua alma.

Contudo, insistia no matrimônio, e pediu-se a mão de uma jovem, a que ainda faltavam dois anos para ser núbil; mas, como ela agradava, era preciso esperar.

XIV. 24. Éramos muitos os amigos que detestávamos as turbulentas preocupações da vida humana. Em nossas conversas havíamos debatido e quase resolvido separar-nos de todos para viver sossegadamente. Tínhamos pensado em organizar esse modo de vida de tal sorte que tudo o que tivéssemos seria posto em comum, formando de todos os patrimônios um patrimônio único. Graças à nossa amizade sincera não haveria mais a fortuna deste ou daquele, mas uma só fortuna comum.

Seríamos cerca de dez homens os que desejávamos formar essa sociedade, alguns muito ricos, como Romaniano, meu conterrâneo a quem graves cuidados de negócios haviam trazido à corte. Era muito amigo meu desde menino, e um dos que mais instavam nesse projeto, tendo seu parecer muita autoridade, pois sua fortuna era muito maior que a dos demais. Havíamos combinado que todos os anos seriam nomeados dois que, como magistrados, cuidassem de todo o necessário, ficando os outros em paz. Mas quando se começou a discutir se nossas mulheres consentiriam nesse acordo — alguns

dentre nós eram casados e outros pensavam em casar —, todo o plano, tão bem construído, se desvaneceu entre nossas mãos, fez-se em pedaços e foi esquecido.

Voltamos novamente aos suspiros e gemidos, e a caminhar pelos largos e batidos caminhos do século, porque em nosso coração havia mil pensamentos, mas teu conselho permanece eternamente. Do alto de tua sabedoria te rias de nossos projetos e preparavas o cumprimento dos teus, a fim de dar-nos alimento no tempo oportuno, abrindo tuas mãos e enchendo-nos de bênçãos.

xv. 25. Entretanto, multiplicavam-se meus pecados, e quando arrancaram de meu lado, como empecilho para meu casamento, aquela com quem partilhava meu leito, meu coração, ao qual ela estava unida, ficou ferido e ensanguentado. Ela, por sua vez, voltando para a África, fez-te voto, Senhor, de não conhecer outro homem, deixando em minha companhia o filho natural que dela tivera.

Mas eu, desgraçado, incapaz de imitar uma mulher, e não podendo suportar o prazo de dois anos que deveria transcorrer até receber por esposa a que pedira em casamento — e porque eu não era amante do matrimônio, mas escravo da sensualidade —, procurei outra mulher, não na qualidade de esposa, mas para alimentar e manter íntegra ou agravada a enfermidade de minha alma, sob a guarda do mau hábito, até o advento do reino da esposa.

Mas nem por isso sarava a chaga causada pela separação da primeira mulher; mas, depois de ardor e sofrimento agudíssimos, começava a se corromper, doendo tanto mais desesperadamente quanto menos ardente se tornava.

[...]

LIVRO VII

I. I. Já estava morta minha adolescência má e nefanda; entrava na juventude, e quanto mais avançava em idade, mais vergonhosa se tornava minha vaidade, a ponto de não poder imaginar uma substância que não se pudesse perceber com os olhos.

Não te imaginava mais, meu Deus, sob a forma de um corpo humano, desde que comecei a entender algo da sabedoria — sempre fugi dessa opinião, e me alegrava encontrar essa doutrina na fé de nossa mãe espiritual, a Igreja Católica; mas não me ocorria outro modo de pensar em ti. E sendo eu homem, e que homem, esforçava-me em imaginar a ti, o sumo, o único e verdadeiro Deus. Com toda a minha alma eu te julgava incorruptível, inviolável e imutável. Não sabia de onde nem como me vinha essa certeza, mas via com evidência e tinha como certo que o que não se corrompe é melhor do que o que se pode corromper. Sem hesitar, colocava o que não pode ser vencido acima do que o pode ser, e o que não sofre mudança alguma parecia-me melhor do que o que está sujeito a mudanças.

Meu coração clamava violentamente contra todas essas minhas imaginações, e me esforçava por afugentar com um golpe o enxame de imagens imundas que voluteavam a meu redor. Mas, apenas disperso, em um abrir e fechar de olhos tornava a se formar para cair em tropel sobre minha vista, obscurecendo-a. Sem te dar uma figura humana, eu, contudo, não te podia conceber como algo corporal, situado no espaço, quer imanente ao mundo, quer difundido por fora do mundo, através do infinito; tal era o ser incorruptível, inviolável e imutável que eu colocava acima do que é corruptível, sujeito à deterioração e a mudanças. O que não ocupava espaço me parecia nada, mas um nada perfeito, e não um simples vazio, como quando se tira um corpo de um lugar, permanecendo o lugar vazio de todo o corpo, terrestre, úmido, aéreo ou celeste, mas, enfim, um lugar vazio, como que um nada espaçoso.

I. 2. Assim, pois, com o coração pesado, sem consciência clara de mim mesmo, considerava um perfeito nada tudo o que não se estendesse por determinado espaço, ou não se difundisse, ou não se juntasse, ou não se dilatasse, ou não assumisse ou pudesse assumir um desses estados. Era sobre as formas percorridas por meus olhos que se modelavam as imagens pelas quais andava meu espírito, e não via que a mesma faculdade com que formava essas imagens não era da mesma natureza que elas, não obstante não pudesse formá-las se ela não fosse por sua vez algo grande.

E também a ti, vida de minha vida, te imaginava como um Ser imenso, penetrando, por todas as partes, através dos espaços infinitos, toda a massa do mundo, alastrando-se sem limites na imensidão, de sorte que a terra, o céu e todas as coisas te continham, e tudo isso tinha em ti seu limite, sem que te limitasses em parte alguma. Mas assim como a massa do ar — deste ar que está sobre a terra — não impede que passe por ele a luz do Sol, não o impede de a atravessar, de a penetrar sem romper ou cortar, antes enchendo-a totalmente, assim eu pensava que não somente o corpo do céu, do ar e do mar, mas também o da terra, se deixava atravessar e penetrar por ti em todas as suas partes, grandes e pequenas, para captar tua presença, que, com secreta inspiração, governa interior e exteriormente tudo o que criaste. Assim conjecturava eu, por não poder imaginar outra coisa; mas minha hipótese era falsa. Porque, se fosse assim, uma parte maior da terra conteria maior parte de ti; e uma parte menor da terra conteria uma parte menor. E de tal modo estariam as coisas cheias de ti, que o corpo de um elefante ocuparia tanto mais de teu ser que o corpo do passarinho, pois aquele é maior do que este, e ocupa mais espaço. Assim, fragmentado entre as partes do Universo, estarias presente nas grandes partes do Universo por grandes partes de ti, e nas pequenas por pequenas, o que não acontece. Mas ainda não tinhas iluminado minhas trevas.

II. 3. Bastava-me, Senhor, para arruinar aqueles enganados enganadores e mudos charlatães — porque tua palavra não soava em sua boca —, bastava-me, certamente, o argumento que há muito tempo, estando ainda em Cartago, costumava opor-lhes Nebrídio, impressionando a todos os que então o ouvimos.

“Que podia fazer contra ti”, dizia, “aquela não sei que raça de trevas, que os maniqueus costumam opor-te como massa inimiga, se não quisesses lutar contra ela?”

Se respondiam que te podia ser nociva em algo, então serias violável e corruptível. Se diziam que não te podia prejudicar em nada, não havia razão para luta. E que luta? Uma luta em que uma parte de ti mesmo, um de teus membros, produto de tua própria substância, se misturava às forças adversas, a naturezas não criadas por ti, corrompendo-se assim e degradando-se a ponto de mudar sua felicidade em miséria e de ter necessidade de auxílio para se libertar e purificar. E essa parte de ti seria a alma que teu Verbo devia salvar de sua escravidão, ele que é livre de suas impurezas, ele que é puro de sua corrupção, ele que é intacto sem deixar de ser corruptível, sendo feito de uma só e mesma substância.

E assim, se os maniqueus declaram incorruptível tudo o que és, isto é, a substância de que te formas, todas essas proposições são erros execráveis; e se eles te consideram corruptível, essa mesma afirmação também é falsa, e logo à primeira palavra abominável.

Bastava-me, pois, este argumento contra aqueles homens para lançá-los completamente de meu peito angustiado, porque, sentindo e dizendo de ti tais coisas, não tinham outra saída que um horrível sacrilégio de coração e de língua.

III. 4. Mas eu, mesmo quando afirmava e cria firmemente que és incorruptível, inalterável, absolutamente imutável, nosso Senhor, Deus verdadeiro, que não só és criador de nossas almas, mas de nossos corpos, e não somente de nossas almas e corpos, mas de todas as criaturas e de todas as coisas. Contudo, eu não tinha ainda a explicação, a solução do problema da causa do mal, qualquer que ela fosse, estava certo de que deveria procurá-la de modo que não me visse obrigado por sua causa a julgar mutável a um Deus imutável, porque isso seria transformar-me no que procurava.

Por isso, buscava-a com segurança, certo de que não era verdade o que diziam os maniqueus, dos quais fugia com toda a alma, porque via-os em sua pesquisa sobre a origem do mal cheios de malícia, preferindo crer que tua substância era capaz de padecer o mal do que a deles ser suscetível de o cometer.

III. 5. Esforçava-me por compreender a tese que ouvira professar, de que o livre-arbítrio da vontade é a causa do mal que fazemos, e de que teu reto juízo é a causa do mal de que padecemos. Mas não era capaz de entender isso

nitidamente. E assim, esforçando-me por apartar desse abismo os olhos de minha alma, nele me precipitava de novo, e, tentando sair dele repetidas vezes, outras tantas voltava a me precipitar.

Erguia-me para tua luz o fato de eu ter a consciência de possuir uma vontade como tinha consciência de minha vida. Assim, quando queria ou não queria alguma coisa, estava certíssimo de que era eu, e não outro, o que queria ou não queria, e então quase me convencia de que ali estava a causa do meu pecado. Quanto ao que fazia contra a vontade, notava que isso mais era padecer o mal do que praticá-lo, e julgava que isso não era culpa, mas castigo, pelo qual não hesitava em me confessar justamente ferido por ti, considerando tua justiça.

Mas de novo refletia: “Quem me criou? Por acaso não foi Deus, que não só é bom, mas a própria bondade? De onde, pois, me veio essa vontade de querer o mal e de não querer o bem? Acaso para que eu sofra as penas merecidas? Quem depositou em mim e semeou em minha alma esta semente de amargura, sendo ela obra exclusiva de meu dulcíssimo Deus? Se foi o demônio que me criou, de onde procede ele? E se este, de anjo bom, se fez demônio, por decisão de sua vontade perversa, de onde lhe veio essa vontade perversa que o transformou em demônio, tendo sido criado anjo por um Criador boníssimo?”

Esses pensamentos tornavam a me deprimir e sufocar, mas não me arrastavam até esse abismo de erro onde ninguém te confessa, e onde se prefere fazer-te escravo do mal que pensar considerar o homem capaz de o cometer.

iv. 6. Assim, pois, empenhava-me por descobrir as outras verdades, como havia descoberto que o incorruptível é melhor que o corruptível, e por isso confessava que tu, qualquer que fosse tua natureza, devias ser incorruptível. Porque ninguém pôde nem poderá jamais conceber algo melhor do que tu, que és o sumo bem por excelência. Por isso, sendo certíssimo e absolutamente verdadeiro que o incorruptível deve ser preferido ao corruptível, o que eu já fazia, meu pensamento já poderia conceber algo melhor do que o meu Deus, se não fosse incorruptível.

Portanto, logo que vi que o incorruptível deve ser preferido ao corruptível, imediatamente deveria procurar-te no incorruptível, e depois indagar a causa do mal, isto é, a origem da corrupção, que de nenhum modo pode violar tua

substância. Porque, nem por vontade, nem por necessidade, nem por nenhum acontecimento imprevisto, pode a corrupção causar danos a nosso Deus, porque ele é Deus, e não pode querer senão o que é bom, e ele próprio é o sumo bem, e estar sujeito à corrupção não é nenhum bem.

Tampouco podes ser obrigado, contra tua vontade, seja ao que for, porque tua vontade não é maior do que teu poder. Seria maior caso pudesses ser maior do que és, pois a vontade e o poder de Deus são o mesmo Deus. E que pode haver de imprevisto para ti, se conheces todas as coisas, e se todas elas existem porque as conheces?

Mas por que tantas palavras para demonstrar que a substância de Deus não é corruptível, já que, se o fosse, não seria Deus?

v. 7. Buscava eu a origem do mal, mas buscava-a mal, e não via o mal que havia em meu modo de buscá-la. Diante dos olhos de minha alma colocava toda a Criação, tanto o que podemos ver, como a terra, o mar, o ar, as estrelas, as árvores, os animais, como o que não podemos ver, como o firmamento, e todos os anjos e seres espirituais, porém, estes como se fossem corpos colocados nos respectivos lugares, de acordo com minha fantasia. Fiz de tua criação uma espécie de massa imensa, especificada por diversos gêneros de corpos, corpos verdadeiros e espíritos, que eu imaginava como corpos.

E eu a imaginava imensa, não quanto ela era realmente — que isto era impossível —, mas quanto me agradava, embora limitada por todos os lados. E a ti, Senhor, como a um ser que a rodeava e penetrava por todas as partes, embora infinito em todas as direções, como se fosses um mar imenso, que tivesse dentro de si uma esponja tão grande quanto possível, embora limitada, a qual estivesse cheia, em todas as suas partes, desse imenso mar.

É assim que eu imaginava tua Criação finita, cheia de ti, infinito, e dizia: “Eis aqui Deus, e eis aqui as coisas que Deus criou; Deus é bom, imenso e infinitamente mais excelente que suas criaturas; mas, como é bom, fez boas todas as coisas; e vede como as abraça e penetra! Mas, se é assim, onde está o mal, e de onde e por onde conseguiu penetrar no mundo? Qual é sua raiz e qual sua semente? Será que não existe? Então, por que tememos e evitamos o que não existe? E se tememos em vão, esse mesmo temor já é certamente um mal que atormenta e despedaça sem motivo nosso coração, e tanto mais grave quanto é certo que não há razão para temer. Portanto, ou o mal que tememos existe ou esse temor é o mal. De onde, pois, procede o mal, se Deus, que é

bom, fez boas todas as coisas? Bem superior a todos os bens, o Bem soberano, criou sem dúvida bens menores do que ele. De onde vem o mal? Acaso a matéria de que se serviu para a criação era má, e, dando-lhe forma e organização, deixou nela algo que não converteu em bem? E por que isto? Acaso, sendo onipotente, não podia mudá-la, transformá-la por inteiro, de modo que nela nada ficasse de mal? Finalmente, por que se quis servir dessa matéria para criar? Por que não usou dessa mesma onipotência para destruí-la totalmente? Poderia ela existir contra sua vontade? E, se era eterna, por que deixou-a existir por tanto tempo no infinito do passado, resolvendo tão tarde servir-se dela para fazer alguma coisa? Ou, já que repentinamente quis fazer algo, não teria sido melhor, sendo onipotente, suprimir a matéria, ficando ele só, bem total verdadeiro, sumo e infinito? E, se não era justo que, sendo bom, não criasse nem produzisse bem algum, por que não destruiu e aniquilou essa matéria má, criando uma que fosse boa, e com a qual faria toda a Criação? Porque ele não seria onipotente se não pudesse criar algum bem sem a ajuda dessa matéria que não havia criado.

Tais eram os pensamentos de meu coração miserável, oprimido pelos devoradores cuidados da morte e por não ter encontrado a verdade. Contudo, de modo estável, firmara-se em meu coração a fé de teu Cristo, nosso Senhor e Salvador, professada pela Igreja Católica, ainda informe, certamente, em muitos pontos, e como que flutuando fora das normas da doutrina; contudo, minha alma não a abandonava, mas cada dia mais se abraçava a ela.

vi. 8. Também já havia rechaçado as enganosas predições e os ímpios delírios dos astrólogos.

Ainda por isso, meu Deus, quero confessar-te tuas misericórdias desde o mais íntimo de minhas entranhas! Foste tu, tu, e só tu — pois, quem nos poderá apartar da morte do erro, senão a Vida que ignora a morte, a Sabedoria que ilumina as pobres inteligências, sem necessidade de outra luz, e que governa o mundo até nas folhas trêmulas das árvores? —, foste tu que medicaste a pertinácia com que me opunha a Vindiciano, sábio ancião, e a Nebrídio, jovem de alma admirável, que diziam — o primeiro, com firmeza; o segundo, com alguma hesitação, mas frequentemente — que não existia a tal arte de predizer as coisas futuras, e que as conjecturas dos homens muitas vezes têm o apoio da sorte, e que, à força de falar, acertavam em predizer algumas coisas, sem que os mesmos que as diziam o soubessem.

Foste tu que me proporcionaste um amigo mui afeiçoado na consulta aos astrólogos, não muito entendido nessa ciência, mas que os consultava, como disse, por curiosidade, apesar de conhecer uma história, que ouvira do pai, segundo dizia. Ignorava ele até que ponto essa história era eficaz para destruir a autoridade daquela arte.

Esse homem, chamado Firmino, douto nas artes liberais e instruído na eloquência, veio-me consultar, como a amigo caríssimo, acerca de alguns assuntos sobre os quais alimentava esperanças segundo o mundo, para ver o que eu pensava dos mesmos de acordo com suas constelações, como eles dizem. Eu, que nessa matéria já começara a me inclinar ao parecer de Nebrídio, embora não me negasse a fazer-lhe o horóscopo, e dizer-lhe o que, segundo ele, se deduzia, acrescentei, contudo, que estava já quase persuadido de que tudo aquilo era fútil e ridículo.

Então ele me contou que seu pai era grande apaixonado pela leitura de tais livros e que tivera um amigo igual e simultaneamente apaixonado. Conversando ambos sobre a matéria, entusiasmaram-se cada vez mais no estudo daquelas bagatelas, e chegaram ao ponto de observar os momentos de nascer até dos animais domésticos, notando a posição das estrelas a fim de coligir dados para as experiências daquela quase arte.

Firmino dizia ter ouvido o pai contar que, estando sua mãe para o dar à luz, também estava grávida uma criada daquele amigo de seu pai, coisa que não poderia passar despercebida a seu senhor, que cuidava com extrema diligência e precisão de conhecer até o parto das cadelas.

E sucedeu que, contando com o maior cuidado os dias, horas e as partes mínimas das horas, da esposa e da escrava, ambas as mulheres deram à luz no mesmo momento, vendo-se desse modo obrigados a fazer até em seus menores detalhes os mesmos horóscopos para os nascidos, um para o filho e outro para o servo.

Tendo começado o parto, ambos comunicaram o que se passava em suas casas e prepararam criados para mandar um ao outro, a fim de anunciar com igual rapidez o nascimento das crianças, o que conseguiram fazer facilmente, como se o fato se passasse em suas próprias casas. E Firmino contava que os mensageiros que haviam sido enviados vieram a se encontrar tão igualmente equidistantes de suas respectivas casas, que nenhum deles podia notar a menor diferença na posição das estrelas, assim como nas demais frações de tempo. E, contudo, Firmino, como filho de grande família, corria pelos mais felizes

caminhos do século, crescia em riquezas e era exaltado com honras, enquanto que o escravo, sujeito ao jugo da escravidão, tinha que servir a seus senhores, segundo ele próprio contava, pois o conhecia.

vi. 9. Ouvindo essa história, na qual acreditei em razão do crédito que merecia seu narrador, toda aquela minha resistência se quebrou e caiu por terra, esforçando-me eu em seguida para afastar Firmino daquela curiosidade, dizendo-lhe que, vistas as suas constelações, para prognosticar-lhe conforme a verdade, deveria certamente ver nelas a seus pais, primeiros entre seus concidadãos; o renome de sua família, a mais nobre da cidade; seu nascimento ilustre, sua educação esmerada e seus conhecimentos nas artes liberais. E, pelo contrário, se aquele servo me consultasse sobre suas constelações — que eram as mesmas de Firmino —, se também tivesse de lhe dizer a verdade, deveria ver nos mesmos signos sua família paupérrima, sua condição servil, e tantas outras coisas, tão diferentes e opostas às primeiras.

Tanto que, para dizer a verdade, vendo as mesmas constelações deveria tirar horóscopos divergentes, porque fazer prognósticos semelhantes seria mentir.

De onde concluí com toda a certeza que os horóscopos verdadeiros não se podem atribuir a uma arte, mas ao acaso, e que os falsos não se devem atribuir à ignorância dessa arte, mas à mentira do acaso.

vi. 10. Mas, apoiando-me nisso, e ruminando dentro de mim tais coisas, para que nenhum daqueles loucos que buscam nisso o lucro, e a quem eu então desejava refutar e ridicularizar não me objetasse que Firmino podia ter me contado mentiras, ou a ele seu pai, fixei minha atenção nos que nascem gêmeos, muitos dos quais saem do ventre materno com tão pequeno intervalo de tempo, que por maior influência que isto tenha na ordem das coisas, como pretendem, não pode ser apreciada pela observação humana, nem de modo algum consignado nos signos de que depois deverá usar o astrólogo para fazer um horóscopo verdadeiro. Mas seu horóscopo não será verdadeiro, porque, contemplando os mesmos signos, deveria predizer a mesma sorte para Esaú e para Jacó, sendo que os sucessos da vida de ambos foram muito diversos.

O astrólogo, portanto, deveria prognosticar coisas falsas, ou, no caso de falar coisas verdadeiras, estas forçosamente deveriam ser diferentes, a despeito da identidade das observações. Logo, se seus prognósticos fossem verdadeiros,

não o seriam por efeito da arte, mas do acaso. Porque tu, Senhor, governador justíssimo do Universo, por inspiração secreta, desconhecida dos consulentes e astrólogos, fazes que cada um receba a resposta que lhe convém, de acordo com os méritos das almas, do fundo do abismo de teu justo juízo, ao qual o homem não pode dizer: “Que é isto? Por que isto?” Não o diga, não o diga, porque é um simples homem.

[...]

IX. 13. Querendo tu mostrar-me como resistes aos soberbos e dás tua graça aos humildes, e com quanta misericórdia mostraste aos homens a senda da humildade, por se ter feito carne teu Verbo, e ter habitado entre os homens, me deparaste, por meio de um homem inchado de monstruosa soberba, alguns livros dos platônicos, traduzidos do grego para o latim.

Neles — não certamente com estas palavras, mas substancialmente o mesmo — vi expresso com muitas e diversas razões que “no princípio era o Verbo, e o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus. Este estava desde o princípio em Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada foi feito do que foi feito. O que foi feito é vida nele, e a vida era a luz dos homens. E a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a compreenderam”. Diziam também esses livros que a alma do homem, embora dê testemunho da luz, não é a luz, mas o Verbo, Deus, é a verdadeira luz, que ilumina todo homem que vem a este mundo. E que neste mundo estava, e que o mundo é criatura sua, e que o mundo não o conheceu.

Mas que ele veio para sua casa, e que os seus não o receberam, e que a quantos o receberam deu o poder de se tornarem filhos de Deus, desde que acreditem em seu nome, não o li nesses livros.

IX. 14. Também neles li que o Verbo, Deus, não nasceu de carne nem de sangue, nem por vontade do homem, nem por vontade da carne, mas de Deus. Mas que o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, isso não o li naqueles livros.

Igualmente achei nesses livros, dito de diversas e múltiplas maneiras, que o Filho, consubstancial ao Pai, não considerou rapina o ser igual a Deus, porque o é por natureza. Mas que se aniquilou a si mesmo, tomando a forma de escravo, que se fez semelhante aos homens, sendo julgado homem por seu

exterior; e que se humilhou, fazendo-se obediente até a morte, e morte de cruz, pelo que Deus o ressuscitou de entre os mortos, e lhe deu um nome sobre todo nome, para que ao nome de Jesus se dobrem todos os joelhos no céu, na terra e no inferno, e toda língua confesse que o Senhor Jesus está na glória de Deus Pai, não o dizem aqueles livros.

Neles se diz também que antes de todos os tempos e sobre todos os tempos, teu Filho único permanece imutável, coeterno a ti, e que de sua plenitude recebem as almas para serem felizes, e que, para serem sábias, elas são renovadas participando da sabedoria que permanece em si mesmas. Mas que morreu, segundo o tempo, pelos ímpios, e que não perdoaste a teu Filho único, mas que o entregaste por todos nós, não se encontra ali. Porque escondeste estas coisas aos sábios e as revelaste aos humildes, a fim de que os sofredores e sobrecarregados viessem a ele e os reconfortasse, porque ele é manso e humilde de coração, e dirige aos mansos na justiça e ensina aos pacíficos seus caminhos, vendo nossa humildade e nosso trabalho, e perdando todos os nossos pecados.

Mas aqueles que, elevando-se no coturno de uma doutrina, digamos, mais sublime, não ouvem ao que lhes diz: “Aprendeis de mim que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas”, embora conheçam a Deus, não o glorificam como a Deus, nem lhe dão graças, mas se desvanecem em seus pensamentos, e seu coração insensato se obscurece, e, dizendo que são sábios, se tornam néscios.

IX. 15. E por isso lia também aí que a glória de tua natureza incorruptível havia sido adulterada em ídolos e simulacros vários, à semelhança da imagem do homem corruptível, das aves, dos quadrúpedes e serpentes, isto é, naquele manjar do Egito pelo qual Esaú perdeu sua primogenitura, porque teu povo primogênito, voltando o coração para o Egito, honrou em teu lugar a cabeça de um quadrúpede, inclinando sua alma, tua imagem, diante da imagem de um bezerro comendo feno.

Foi o que encontrei nesses livros, mas não me alimentei dessas afirmações, porque agradou-te, Senhor, tirar de Jacó o opróbrio de sua inferioridade, a fim de que o maior servisse ao menor, chamando os gentios para tua herança.

Também eu vinha dentre os gentios para ti, e pus minha atenção no ouro que quiseste que teu povo levasse do Egito, pois era teu onde quer que estivesse. E disseste aos atenienses, por boca de teu Apóstolo, que em ti

vivemos, nos movemos e existimos, como alguns deles o disseram, e é deles que vinham os livros que me ocupavam. Mas não me fixei nos ídolos dos egípcios, aos quais ofereciam teu ouro os que mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo antes à criatura do que ao Criador.

x. 16. Admoestado por essas leituras a voltar a mim mesmo, entrei guiado por ti em meu interior, e o pude fazer porque te fizeste minha ajuda. Entrei e vi com os olhos de minha alma, fosse como fosse, acima desses mesmos olhos, acima de minha inteligência, a luz imutável; não esta vulgar e visível a toda carne, nem outra quase do mesmo gênero, embora maior, mas aparentemente mais poderosa, e enchendo com sua força todo o espaço. Não, não era esta luz, mas uma luz diferente, completamente diferente.

Ela não estava sobre meu espírito como o azeite sobre a água, como o céu sobre a terra, mas estava sobre mim porque me criou; eu lhe era inferior por ter sido criado por ela. Quem conhece a verdade conhece esta luz, e quem a conhece conhece a eternidade. Quem a conhece é o amor!

[...]

E conheci então que “castigaste o homem por causa de sua iniquidade”, e “que secaste minha alma como uma teia de aranha”; e eu disse: “Porventura não é nada a verdade, porque não se acha difundida pelos espaços finitos e infinitos?” E tu me gritaste de longe: “Pelo contrário. Eu sou o que sou” — e eu ouvi como se costuma ouvir no coração, sem deixar lugar para dúvidas; antes, mais facilmente duvidaria de minha vida que da existência da verdade, que se manifesta à inteligência pela Criação.

xi. 17. E contemplei as outras coisas que estão abaixo de ti, e vi que nem existem absolutamente nem absolutamente deixam de existir. Certamente existem, porque procedem de ti; mas não existem, pois não são o que tu és, porque só existe verdadeiramente o que permanece imutável. Mas para mim é bom apegar-me a Deus, porque, se não permaneço nele, tampouco poderei permanecer em mim. Ele, porém, permanecendo em si, renova todas as coisas, e tu és meu Senhor, porque não necessitas de meus bens.

xii. 18. Do mesmo modo se me deu a entender que também são boas as coisas que se corrompem. Se fossem sumamente boas, não poderiam se corromper, como tampouco o poderiam se não fossem boas de algum modo. Com efeito, se fossem sumamente boas, seriam incorruptíveis; e se não tivessem nenhuma bondade, nada haveria nelas que se pudesse corromper. Porque a corrupção é nociva, e não poderia ser nociva se não diminuísse o que é bom. Logo, ou a corrupção é inofensiva, o que não é possível, ou, o que é certíssimo, tudo o que se corrompe é privado de algum bem. E assim, se algo for privado de todo o bem, ficará reduzido a nada. E se algo subsiste escapando à corrupção, seria ainda melhor, porque permaneceria incorruptível. E que há de mais monstruoso do que afirmar que uma coisa se torna melhor pela perda do que tem de bom? Logo, ser privado de todo bem é o nada absoluto. De onde se segue que, enquanto as coisas existem, elas são boas. Portanto, tudo o que existe é bom; e o mal, cuja origem eu procurava, não é uma substância, porque se fosse substância seria um bem. Ou ele seria uma substância incorruptível, e, conseqüentemente, um grande bem; ou seria uma substância corruptível, que não se poderia corromper se não fosse boa.

Vi, pois, e me foi manifestado que tu eras o autor de todos os bens, e que não há em absoluto substância alguma que não tenha sido criada por ti. E como não fizeste todas as coisas iguais, por isso todas elas existem, porque cada uma de *per se* é boa, e todas juntas muito boas, porque nosso Deus fez todas as coisas boas em extremo.

xiii. 19. E certamente para ti, Senhor, não existe absolutamente o mal; e não só para ti, mas nem para a universalidade de tua Criação, porque nada existe fora dela capaz de romper ou de corromper a ordem que tu lhe impuseste. Mas, porque, nos pormenores, determinados elementos não se harmonizam com outros, estes são considerados maus. Mas, como esses mesmos elementos convêm a outros, são da mesma forma bons, e bons em si mesmos. E mesmo esses elementos, que não concordam entre si, concordam com a parte inferior das criaturas que chamamos terra, com seu céu cheio de nuvens e de ventos, como lhe é conveniente. Não queira Deus que eu diga: “Oxalá não existissem estas coisas!” Embora, considerando-as separadamente, eu as desejasse melhores, somente o fato de existirem deveria bastar para eu te louvar, porquelouváveis se mostram na terra os dragões e todos os abismos; o fogo, o granizo, a neve, o vento da tempestade, que executam tuas ordens; os

montes e todas as colinas; as árvores frutíferas e todos os cedros; as feras e todos os gados; os répteis e todos os voláteis empenhados; os reis da terra e todos os povos; os príncipes e todos os juízes da terra, os jovens e as virgens, os anciões e as crianças; todos louvam teu nome.

Mas como também do alto dos céus és louvado, sim, louvado, nosso Deus, porque lá no alto todos os teus anjos, todas as tuas virtudes, o Sol e a Lua, todas as estrelas e a luz, os céus dos céus, e as águas que estão sobre os céus glorificam teu nome, eu não desejava nada melhor, porque, considerando o todo, os elementos superiores me pareciam sem dúvida melhores que os inferiores; mas um julgamento mais sadio me fazia considerar o todo melhor que os elementos superiores tomados à parte.

[...]

xvii. 23. Admirava-me de já te amar, e não a um fantasma em teu lugar; mas não me repousava no gozo de meu Deus. Era arrebatado a ti por tua beleza, e logo apartado de ti por meu peso e me precipitava sobre estas coisas a gemer. Meu peso eram os hábitos carnavais. Mas tua lembrança me acompanhava. Nem de modo algum duvidava já de que existia um ser a quem eu devia unir-me, mas a quem eu não estava em condições de me unir, porque o corpo, que se corrompe, sobrecarrega a alma, e a morada terrena deprime a mente que pensa em muitas coisas. Assim mesmo estava certíssimo de que tuas belezas invisíveis se descobrem à inteligência desde a criação do Universo através de tuas obras, bem como tua virtude sempiterna e tua divindade.

Com efeito, procurando saber de onde procedia minha faculdade de apreciar a beleza dos corpos — quer celestes, quer terrestres — e o que me permitia julgar rápida e cabalmente as coisas mutáveis quando dizia: “Isto deve ser assim, aquilo não deve ser assim”, procurando, digo, a origem de minha faculdade de julgar quando assim julgava, achei a eternidade imutável e verdadeira da verdade acima de meu espírito mutável.

E, gradualmente, fui subindo dos corpos para a alma, que sente por intermédio do corpo; e dela à sua força interior à qual os órgãos dos sentidos anunciam as coisas exteriores, até onde alcançam os animais. Daqui passei novamente para a potência raciocinante, à qual pertence julgar as percepções dos sentidos corporais, e que, por sua vez, julgando-se sujeita a mudanças, levantou-se até a sua própria inteligência, e afastou o pensamento de suas

cogitações habituais, e se apartou da multidão de fantasmas contraditórios, para ver de que luz estava inundada quando, sem nenhuma dúvida, clamava que o imutável deve ser preferido ao mutável, e de onde tirava o conhecimento do próprio imutável, porque, se não tivesse dele alguma noção, de nenhum modo o preferira ao mutável com tanta certeza. E, finalmente, chegou ao que é num abrir e fechar de olhos. Foi então que tuas perfeições invisíveis se manifestaram à minha inteligência através de tuas obras, mas não pude fixar nelas os olhos; minha fraqueza recuou, e voltei a meus hábitos, não levando comigo senão uma lembrança amorosa, que, por assim dizer, desejava o perfume de manjares saborosos, que eu ainda não podia provar.

xviii. 24. Buscava um meio de adquirir a fortaleza necessária para te gozar, e não a encontrei enquanto não me abracei ao Mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus, que está sobre todas as coisas, Deus bendito por todos os séculos, o qual clama e diz: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”, e o alimento unido à carne (que eu não tinha forças para tomar), porque o Verbo se fez carne, a fim de que fosse amamentada nossa infância pela tua sabedoria, pela qual criaste todas as coisas.

Sem humildade, eu não possuía o Deus da humildade, e não sabia o que nos poderia ensinar sua fraqueza. Porque teu Verbo, verdade eterna, dominando as partes superiores de tua Criação, levanta a si as que se lhe sujeitam, e, nas partes inferiores, construiu para si, com o nosso lodo, uma casa humilde, para humilhar e afastar de si aqueles que deseja sujeitar e atrair, curando-lhes a soberba e alimentando-lhes o amor, para que, confiados em si, não se afastassem para mais longe, mas, pelo contrário, se humilhassem, vendo a seus pés a humildade de um Deus que também se vestiu de nossa túnica de carne, e, cansados, se prostrem diante dela, para que, ao se levantar, a exaltem.

[...]

xxi. 27. Por isso lancei-me avidamente sobre as veneráveis Escrituras inspiradas por teu Espírito, sobretudo as do Apóstolo Paulo. E se desvaneceram todas aquelas dificuldades nas quais julguei descobrir contradições entre ele e seu texto, em desacordo com os testemunhos da lei e

dos profetas. Descobri a unidade daqueles castos oráculos, e aprendi a me alegrar com tremor.

Comecei a lê-los e compreendi que tudo o que lera de verdadeiro nos tratados dos neoplatônicos se encontrava aqui, mas realçado por tua graça, a fim de que o que vê não se glorie, como se não houvesse recebido, não só o que vê, mas também o poder ver. Com efeito, que tem ele que não haja recebido? E quiseste ainda, tu, que és imutável, que não só ele seja advertido para que te veja, mas também para que seja curado, a fim de que te possua; e para que o que está muito longe para te ver, tome, contudo, caminho para chegar a ti, para te ver e te possuir.

Com efeito, embora o homem se deleite com a lei de Deus segundo o homem ulterior, que fará dessa outra lei que luta em seus membros contra a lei de seu espírito, e que o traz cativo debaixo da lei do pecado, que está em seus membros? Porque tu és justo, Senhor; nós, porém, pecamos, cometemos iniquidades; procedemos como ímpios, e tua mão se fez pesada sobre nós, e é justamente que fomos entregues ao pecador antigo, ao príncipe da morte, porque ele persuadiu nossa vontade a se tornar semelhante à sua, que não quis persistir em tua verdade.

Que fará esse homem infeliz? Quem o livrará do corpo desta morte, senão tua graça, por Jesus Cristo, nosso Senhor, a quem tu geraste coeterno e criaste no princípio de teus caminhos, ele, em quem o príncipe deste mundo não achou nada digno de morte, e a quem, contudo, matou, com o que foi anulada a sentença que havia contra nós?

Nada disto dizem aqueles livros. Nem têm aquelas páginas esse ar de piedade, essas lágrimas da confissão, esse teu sacrifício, essas tribulações espirituais, esse coração contrito e humilhado, nem a salvação de teu povo, nem a cidade prometida, nem o penhor do Espírito Santo, nem o cálice de nossa redenção.

Nos livros platônicos ninguém canta: “Minha alma não estará sujeita a Deus. Porque dele procede minha salvação, pois é meu Deus, e meu amparo, do qual não me separarei jamais.”

Ninguém ali ouve esta voz: “Vinde a mim os que sofreis.” Desdenham teus ensinamentos, porque és manso e humilde de coração. Porque escondeste essas coisas aos sábios e prudentes e as revelaste aos pequeninos.

Uma coisa é ver uma colina agreste a pátria da paz, e não encontrar o caminho que conduz a ela, e fatigar-se debalde por lugares sem caminhos,

entre os ataques e emboscadas dos desertores fugitivos, com seu chefe, o leão ou dragão; e outra coisa conhecer o caminho que conduz até lá, defendido pelos cuidados do imperador do céu, e onde não roubam os desertores da celestial milícia, porque eles o evitam como um suplício.

Esses pensamentos penetravam-me as entranhas por modos maravilhosos, quando eu lia ao menor de teus Apóstolos. Considerava tuas obras, e me enchia de assombro.

LIVRO VIII

I. I. [...] Quanto à minha vida temporal, tudo eram vacilações, e era necessário que meu coração se purificasse do velho fermento. Agradava-me o caminho, que é o próprio Salvador, mas hesitava ainda em caminhar por seus estreitos desfiladeiros.

Então me inspiraste a ideia — que me pareceu excelente — de me dirigir a Simpliciano, que eu considerava um de teus bons servidores, em quem brilhava tua graça.¹ Ouvira também dele que desde sua juventude te consagrava devotamente sua vida, e como já era ancião, parecia-me que em tão longa vida, empregada no estudo de teus caminhos, teria grande experiência e instrução, e verdadeiramente assim era. Por isso desejava confiar-lhe minhas inquietações, a fim de que me indicasse um método de vida que permitisse a um homem com minhas disposições interiores caminhar por teus caminhos.

[...]

II. 3. Dirigi-me, portanto, a Simpliciano, pai espiritual do então bispo Ambrósio, que o amava verdadeiramente como pai. Conte-lhe os labirintos de meu erro. Mas quando lhe disse que havia lido alguns livros dos platônicos, traduzidos em latim por Vitorino, outrora retórico em Roma — e do qual ouvira dizer que morrera cristão² —, ele me felicitou por não ter lido as obras de outros filósofos, cheias de erros e de enganos, segundo os elementos deste mundo, mas apenas estes, que insinuam por mil modos a Deus e a seu Verbo.

Depois, para me exortar à humildade de Cristo, escondida aos sábios e revelada aos humildes, evocou a lembrança do próprio Vitorino, que conhecera intimamente, quando estava em Roma. Não guardarei silêncio sobre o que me contou dele, porque é um dever publicar os grandes louvores de tua graça a seu respeito. Esse doutíssimo ancião, grande conhecedor de todas as ciências liberais, e que havia lido e criticado tantos livros de filosofia,

mestre de tantos nobres senadores, a quem o prestígio de seu magistério valera uma estátua no foro romano, que ele aceitara (coisa que os cidadãos deste mundo têm em grande conta), ele que, até aquela idade avançada, havia adorado os ídolos, participando dos cultos sacrílegos, objeto do fervor de quase toda a orgulhosa nobreza romana da época, que inspirava ao povo sua devoção por Osíris, por “toda sorte de monstros divinizados, pelo ladrador Anúbis”,³ monstros que em outros tempos “pegaram em armas contra Netuno, Vênus e Minerva”, e a quem, vencidos, a própria Roma dirigia súplicas, esse velho Vitorino, que durante tantos anos havia defendido esses deuses com sua terrível eloquência, não se envergonhou de se fazer escravo de teu Cristo e criança de tuas águas, sujeitando sua cerviz ao jugo da humildade, e dobrando sua fronte ante o opróbrio da cruz.

II. 4. Senhor, Senhor, que inclinaste os céus e desceste, que tocaste os montes e fumegaram, de que modo te insinuaste naquele coração?

Segundo disse Simpliciano, Vitorino lia as Escrituras e investigava e esquadrihava com grande curiosidade toda a literatura cristã, e dizia a Simpliciano, não em público, mas muito em segredo e familiarmente: “Sabes que já sou cristão?” Ao que respondia aquele: “Não hei de acreditar, nem te contarei entre os cristãos enquanto não te vir na Igreja de Cristo.” Mas ele ria e dizia: “Por acaso são as paredes que fazem os cristãos?” E isto de que já era cristão o dizia muitas vezes, contestando-lhe Simpliciano outras tantas vezes com a mesma resposta, opondo-lhe sempre Vitorino o gracejo das paredes.

Vitorino temia ofender a seus amigos, soberbos adoradores dos demônios, julgando que desde o cimo de sua babilônica dignidade, como cedros-do-líbano ainda não abatidos pelo Senhor, haviam de cair sobre ele suas pesadas inimizades.

Mas depois que hauriu forças nessas leituras maravilhosas, temendo ser renegado por Cristo diante de seus anjos, se tivesse medo de o confessar diante dos homens, pareceu-lhe cometer um grande crime por se envergonhar dos mistérios de humildade de teu Verbo, não se envergonhando do culto sacrílego de demônios soberbos, de que ele próprio se fizera soberbo imitador; envergonhou-se da vaidade, e se enrubesceu diante da verdade. De improviso, disse a Simpliciano, segundo este mesmo contava: “Vamos à Igreja: quero me tornar cristão.” Simpliciano, não cabendo em si de alegria, foi com ele. Uma vez instruído nos primeiros sacramentos da religião, não muito depois, deu

seu nome para receber o batismo que regenera, para admiração de Roma e alegria da Igreja. Viram-no os soberbos, e se encheram de raiva; rangiam os dentes e se consumiam. Mas teu servo havia posto no Senhor Deus sua esperança, e não tinha mais olhos para as vaidades e as loucuras enganadoras.

II. 5. Enfim, chegou a hora da profissão de fé. Em Roma, os que se preparam para receber tua graça pronunciam de um lugar elevado, na presença do povo fiel, palavras consagradas, aprendidas de memória. Os sacerdotes, dizia-me Simpliciano, haviam proposto a Vitorino que recitasse a profissão de fé em segredo, como era costume fazer-se com os que julgavam capazes de se perturbar pela timidez. Mas ele preferiu confessar sua salvação na presença da plebe santa, porque nenhuma salvação havia na retórica que ensinava, e, contudo, a havia ensinado publicamente. Quanto menos, pois, devia temer diante de tua mansa grei pronunciar tua palavra, ele que não havia temido as turbas de loucos em seus discursos!

Assim, logo que subiu para fazer a profissão, todos unanimemente, conforme o iam conhecendo, repetiram seu nome como um murmúrio de regozijo — e quem ali não o conhecia? —, e um grito reprimido saiu da boca de todos os que com ele se alegravam: “Vitorino! Vitorino!” Ao verem-no, logo se puseram a gritar de júbilo, mas logo se calaram pelo desejo de ouvi-lo. Vitorino pronunciou sua profissão da verdadeira fé com grande firmeza, e todos queriam raptá-lo para dentro de seus corações. E realmente o fizeram: seu amor e alegria eram as mãos que o arrebatavam.

[...]

V. 10. Mas apenas teu servo Simpliciano me contou a conversão de Vitorino, inflamei-me no desejo de imitá-lo; era esta a finalidade da narração de Simpliciano. Mas quando depois acrescentou que nos tempos do imperador Juliano uma lei proibia aos cristãos ensinar literatura e oratória, Vitorino, dócil à lei, preferiu abandonar a escola de palradores a abandonar teu Verbo, que torna eloquentes as línguas dos meninos, não me pareceu tão valente como afortunado por ter encontrado ocasião de se consagrar a ti. Por isso eu suspirava, atado não com os ferros de uma vontade estranha, mas por minha férrea vontade.

O inimigo dominava o meu querer, e dele havia feito uma corrente, com a qual me mantinha prisioneiro. Porque da vontade perversa nasce o apetite, e do apetite obedecido procede o hábito, e do hábito não contrariado provém a necessidade, e com estes como anéis enlaçados entre si — por isso lhes chamei corrente — me mantinha preso em dura servidão. A nova vontade, que começara a nascer em mim, de te servir sem interesse, de me alegrar em ti, ó meu Deus, única alegria verdadeira, ainda não era capaz de vencer a vontade antiga e inveterada. Deste modo minhas duas vontades, a velha e a nova, a carnal e a espiritual, lutavam entre si, e, discordando, dilaceravam-me a alma.

[...]

v. 12. Deste modo, sentia-me docemente oprimido pelo peso do século, como em um sonho, e os pensamentos com que meditava em ti eram semelhantes aos esforços dos que desejam despertar, mas, vencidos pelo peso do sono, de novo se põem a dormir. Não há ninguém que queira estar sempre dormindo, e, segundo o modo comum de pensar, é melhor velar que dormir. Não obstante, às vezes retarda-se o despertar, quando o torpor sobrecarrega os membros; e, mesmo que desagrade, continua-se a dormir com gosto, mesmo depois de chegada a hora de despertar. Assim, eu estava certo de que era melhor entregar-me a teu amor que ceder à minha paixão. O primeiro partido me agradava, me dominava; o segundo me encantava, me prendia.

[...]

vi. 13. Também contarei de que modo me livraste do vínculo do desejo carnal, que me prendia fortemente, e da servidão dos negócios do mundo, e confessarei teu nome, ó Senhor, meu auxílio e minha redenção. Levava a vida de costume com crescente angústia; todos os dias suspirava por ti, frequentava tua Igreja, quando me deixavam livre os negócios, cujo peso me fazia gemer.

Comigo estava Alípio, livre de seus trabalhos de jurisconsulto, depois de ter sido assessor pela terceira vez. Ele aguardava a quem vender de novo seus conselhos, como eu vendia arte da eloquência, se é que, pelo ensino, a podemos transmitir.

Nebrídio, por sua vez, cedendo à nossa amizade, auxiliava na escola a nosso amigo íntimo, Verecundo, gramático e cidadão milanês, que desejava

grandemente, e nos pedia, a título de amizade, que um de nós se tornasse seu fiel colaborador, pois necessitava de alguém que o ajudasse.

Não foi, pois, o interesse que moveu a Nebrídio — que poderia ganhar mais se quisesse ensinar as letras —, mas, como amigo dulcíssimo e mansíssimo, não quis desprezar nosso pedido em obséquio à amizade. Agia, porém, com muita prudência, evitando ser conhecido dos grandes deste mundo, para poupar preocupações de espírito, que ele queria manter livre e o mais desocupado possível para investigar, ler ou ouvir algo sobre a sabedoria.

VI. 14. Mas certo dia em que Nebrídio estava ausente, não sei por que motivo, Alípio e eu recebemos a visita de um tal Ponticiano, nosso compatriota da África, que servia em alto cargo no palácio. Não sei mais o que queria de nós.

Sentamo-nos a conversar, e, por casualidade, deu com os olhos em um livro que estava sobre a mesa de jogo, à nossa frente. Pegou-o, abriu-o, e, com grande surpresa sua, por certo, viu que eram as cartas do Apóstolo Paulo, porque pensava que se tratasse de algum dos livros cujo estudo me preocupava. Então sorriu, olhou para mim e, cumprimentando-me, manifestou-me sua admiração por ter encontrado diante de meus olhos aquele livro, e só aquele. Ponticiano era um cristão fiel, e muitas vezes prostrava-se diante de ti, nosso Deus, na Igreja, em frequentes e prolongadas orações.

E quando lhe disse que as Escrituras ocupavam o melhor de minha atenção, tomando a palavra, começou a falar-nos de Antão, monge do Egito, cujo nome era celebrado entre teus fiéis, mas que nós desconhecíamos até aquela hora. Sabendo disto, continuou a falar, descobrindo esse grande homem à nossa ignorância, que muito admirou.

Estupefatos, ficamos ouvindo tuas autênticas maravilhas, realizadas na verdadeira fé, na Igreja Católica, tão recente e quase contemporâneas.⁴ Todos nos admiramos: nós, por serem coisas tão grandes; e ele, por ser-nos tão desconhecidas.

VI. 15. Daqui passou a falar das multidões que vivem em mosteiros, e de seus costumes, cheios de teu doce perfume, e dos férteis desertos do ermo, coisas todas que desconhecíamos. Havia mesmo em Milão, fora dos muros, um mosteiro cheio de bons irmãos sob a direção de Ambrósio, de que também nada sabíamos.

Ponticiano prosseguia, e falava sempre mais, e nós o ouvíamos atentos e calados. E assim veio a nos contar que um dia, não sei quando, estando em Tréveris, saiu em companhia de três companheiros, enquanto o imperador se encontrava nos jogos circenses da tarde, para dar um passeio pelos jardins que rodeavam os muros da cidade. Por acaso, passeando dois a dois, um com Ponticiano, e os outros dois juntos, em grupos afastados, tomaram caminhos diferentes.

Caminhando sem rumo fixo, estes últimos foram dar em uma cabana, habitada por alguns servos teus, pobres de espírito, a quem pertence o reino dos céus. Nela encontraram um exemplar manuscrito da *Vida de Santo Antônio*.⁵ Um deles começou a lê-lo, e, admirado, entusiasmado, pôs-se a pensar, enquanto lia, em abraçar aquele gênero de vida, abandonando a milícia do mundo, para servir unicamente a ti.

Estes dois eram cortesãos dos chamados agentes de negócios do imperador. Então, repentinamente tomado de amor santo e casto pudor, irado consigo mesmo, olha para o companheiro e lhe diz: “Dize-me, te peço, onde pretendemos chegar com todos estes nossos trabalhos? Que procuramos? Qual é o fim de nossa milícia? Podemos aspirar mais no palácio do que ser amigos do César? E mesmo nisto, quanta incerteza, quantos perigos! E por quantos perigos teremos de passar para chegar a um perigo maior! E depois, quando chegaremos a isso? Mas, se eu quiser, agora mesmo posso ser amigo de Deus.” Disse essas palavras e, perturbado com aquela gestação de vida nova, voltou os olhos para o livro, e continuou a ler, e se transformava interiormente onde só tu sabias, e seu espírito se despia do mundo, como logo se viu.

Enquanto lia, e se agitavam as ondas de seu coração, sentiu de vez em quando frêmitos, e, distinguindo o melhor partido a tomar, resolveu-se a abraçá-lo, dizendo ao amigo: “Já rompi com nossas esperanças: decidi dedicar-me ao serviço de Deus, e isso quero começar agora mesmo e neste mesmo lugar. Se não me queres imitar, não me contraries.”

O amigo respondeu que desejava ficar com ele, e ser companheiro de tão grande mercê e de tão grande milícia. Ambos já te pertenciam, e começavam a construir, com as convenientes despesas, uma torre de salvação, deixando tudo para te seguir.

Então Ponticiano e seu companheiro, que passeavam em outro local do jardim, procurando-os, deram também com a mesma cabana, e advertiram-nos de que voltassem, pois já chegava a noite. Mas eles, referindo-lhes sua

determinação e propósito, e o modo como nascera e se confirmara neles tal desejo, pediram-lhes que, se não queriam juntar-se a eles, que não os incomodassem. Mas estes, sem se converterem, choraram-se a si mesmos, no dizer de Ponticiano, e, felicitando-os piedosamente, recomendaram-se às suas orações; depois, arrastando o coração pela terra, voltaram ao palácio, enquanto que os convertidos, fixando seu coração no céu, ficaram na cabana.

Ambos estavam noivos; mas, quando suas futuras esposas ouviram o sucedido, também te consagraram sua virgindade.

vii. 16. Eis o que me contou Ponticiano. E tu, Senhor, enquanto ele falava, me fazias refletir, tirando-me da posição de costas, em que me tinha colocado, para não me ver a mim mesmo. Tu me colocavas diante de meu rosto para que visse como estava feio, disforme, sujo, manchado e ulceroso.

Eu me via, e me enchia de horror, mas não tinha para onde fugir de mim mesmo. Se experimentava afastar de mim meu olhar, Ponticiano prosseguia com a narração, e de novo me punhas diante de mim, e me lançavas contra meus olhos, para que eu descobrisse minha iniquidade, e a odiasse. Eu bem a conhecia, mas a dissimulava, reprimia, esquecia.

vii. 17. Então, quanto mais ardentemente amava aqueles jovens, de cujas salutareis disposições ouvia relatar, por se terem entregue todos a ti a fim de que os curasses, tanto mais execravelmente me odiava ao me comparar a eles. Com efeito, já se tinham passado muitos anos — aproximadamente 12 — desde que, aos 19 anos, lendo o *Hortênsio* de Cícero, sentira-me atraído para o estudo da sabedoria; mas ia adiando sempre a hora de me entregar à sua investigação, desprezando a felicidade terrena, quando não somente sua descoberta, mas apenas sua investigação deveria ser preferida aos maiores tesouros e reinos do mundo e aos maiores prazeres corporais, que, a um aceno, afluíam a meu redor.

Mas eu, jovem miserável, sim, miserável desde o limiar da adolescência, já te havia pedido a castidade, dizendo: “Dá-me castidade e continência, mas não agora”, pois temia que me escutasses muito depressa, e que me curasses logo da enfermidade de minha concupiscência, que eu mais queria saciar do que extinguir. E continuei pelas sendas perversas de uma superstição sacrílega, não porque estivesse certo dela, mas porque a preferia às demais doutrinas, que eu não buscava piedosamente, mas que hostilmente combatia.

vii. 18. [...] Assim me roía interiormente, devorado por violenta e horrível vergonha, enquanto Ponticiano referia tais coisas. Finda a conversa, e resolvida a questão que motivara sua vinda, Ponticiano voltou para sua casa, e eu para mim. Que coisas não disse contra mim? Com que açoitado de palavras não flagelei minha alma, a fim de obrigá-la a me seguir em meus esforços para te alcançar. Ela resistia, recusava-se, sem alegar a menor desculpa. Todos os argumentos já estavam esgotados e refutados. Nada lhe restava, senão uma angústia muda: tinha medo, como da morte, de ser desviada da corrente do hábito, onde se corrompia mortalmente.

viii. 19. Então, em meio àquela grande luta interior que eu travava contra minha alma na câmara secreta que é nosso coração perturbado no rosto e no espírito, lanço-me sobre Alípio exclamando: “Que se passa conosco? Ouviste? Levantam-se os ignorantes e arrebatam o céu, e nós, com todo nosso saber, sem coração, nos revolvemos na carne e no sangue! Acaso temos vergonha de segui-los porque nos precederam, e não temos vergonha de os não seguir?”

Foi mais ou menos o que eu lhe disse, e depois a violência de minha emoção arrancou-me da companhia de Alípio, que me olhava atônito e em silêncio. Porque eu não falava como de ordinário, e, muito mais que as palavras, minha fronte, minhas faces, meus olhos, minha cor e o tom de minha voz declaravam o estado de minha alma.

Nossa casa tinha um pequeno jardim, de que usávamos, assim como do restante da casa, pois o proprietário que nos hospedava não a habitava. Para ali me levava a tormenta de meu coração, onde ninguém pudesse estorvar o ardente combate que eu travava comigo mesmo, até que se resolvesse o assunto conforme tu sabias e eu ignorava. Mas eu delirava para reencontrar a razão, e morria para reviver; conhecia minha maldade, mas desconhecia o bem que depois haveria de me possuir.

Retirei-me, pois, para o jardim, e Alípio seguiu-me passo a passo; mas, embora ele estivesse presente, eu não me encontrava menos só. E como haveria ele de me deixar naquele estado? Sentamo-nos o mais longe possível da casa. Presa da mais tumultuosa indignação, eu me enraivecia por não poder seguir teu agrado e aliança, ó meu Deus, aliança pela qual clamavam todos os meus ossos, que te exaltavam com louvores até o céu. E para ir a ti não há necessidade de navios nem de carros, nem mesmo de dar aqueles poucos passos que separavam da casa o lugar onde estávamos sentados. Não somente

ir, mas chegar até onde estavas, nada mais era do que querer ir, mas querer de modo enérgico, e plenamente, e não com vontade vacilante, que se lança em todos os sentidos, e se agita, e luta, dividida entre duas partes contrárias, levantando-se uma enquanto a outra torna a cair.

VIII. 20. Enfim, nas angústias da indecisão, fazia mil gestos, como costumam fazer os homens que querem e não podem, ou porque não possuem membros, ou porque os têm ligados com cadeias, debilitados pela fraqueza ou paralisados de qualquer outro modo. Se puxei os cabelos, se feri a fronte, se apertei os joelhos entre os dedos entrelaçados, eu o fiz porque quis. Não poderia querer fazê-lo e não o fazer, se a flexibilidade de meus membros não me obedecesse. Portanto, fazia muitas coisas nas quais o querer não se confundia com o poder.

E, contudo, eu não fazia o que desejava com ardor incomparavelmente maior, e que eu poderia fazer desde que o quisesse, porque para o querer efetivamente bastava que o quisesse plenamente, pois nisto o poder é o mesmo que o querer, e querer já era agir.

Contudo, nada fazia, e meu corpo obedecia mais facilmente ao mais leve desejo de minha alma, movendo seus membros segundo sua vontade, do que a própria alma a si mesma para realizar seu grande desejo apenas com a vontade.

[...]

XI. 25. Assim sofria e me atormentava, acusando-me mais duramente que de costume, rolando-me e debatendo-me sobre minhas cadeias, para ver se se quebravam por completo. Elas me prendiam apenas, mas ainda me prendiam. E tu, Senhor, me apressavas no segredo de minha alma, e com severa misericórdia redobravas os açoites do temor e da vergonha, a fim de que eu não me abandonasse de novo e se quebrasse minha pequena e leve cadeia, para que não readquirisse forças para me prender mais energicamente.

E dizia para mim mesmo em meu íntimo: “Eia! Mãos à obra sem mais delongas!” E já quase passava da palavra à ação. Estava a ponto de agir, mas não me decidia. Contudo, já não recaía nas antigas paixões, mas detinha-me ao pé delas, e tomava alento, e intentava de novo. Já quase a atingia, faltava pouco, cada vez menos, e já quase chegava ao termo e a segurava; mas não a

alcançava, nem a tocava, hesitando entre morrer na morte e viver na vida. O mal inveterado dominava-me mais do que o bem, cujo hábito eu não possuía; e à medida que se ia aproximando do momento em que me devia tornar outro homem, maior era o horror que me incutia, sem contudo fazer-me voltar para trás ou mudar de caminho. Simplesmente continuava a hesitar.

xi. 26. Mantinham-me preso umas bagatelas de bagatelas, umas vaidades de vaidades, antigas amigas minhas, que me puxavam por minhas vestes da carne e me diziam baixinho: “Então, nos abandonas? De agora em diante nunca mais estaremos contigo? Desde este momento nunca mais te será lícito isto e aquilo?”

E que coisas, meu Deus, que pensamentos me sugeriam com o que chamei de isto e aquilo! Por tua misericórdia, afasta-as da alma de teu servo! Oh! Que imundícies me sugeriam, que indecências! Mas eu já as ouvia de longe, pela metade, não como se me contradissem abertamente, de frente, mas segredando-me por cima dos ombros, e como que beliscando-me furtivamente, se me afastava, para que me voltasse para trás.

Contudo, faziam com que eu, vacilante, tardasse em me separar delas para correr para onde era chamado, enquanto o hábito violento me dizia: “Quê? Pensas que poderás viver sem elas?”

xi. 27. Mas isto já dizia com voz muito débil. Porque do lado para onde voltava o rosto, e onde temia passar, mostrava-se para mim a casta dignidade da continência, serena e alegre, sem desordens, acariciando-me honestamente para que me aproximasse sem medo, estendendo para mim, para me acolher e abraçar, suas mãos piedosas, cheias de uma multidão de bons exemplos.

Junto dela, uma turba de meninos e meninas, uma juventude numerosa, e homens de toda idade, viúvas veneráveis e virgens idosas, e em todas essas almas a mesma continência, não estéril, mas fecunda mãe de filhos nascidos nas alegrias do esposo, que eras tu, Senhor!

E ela zombava de mim com ironia alentadora, como se dissesse: “Então, não serás capaz de fazer o que fizeram estes jovens e estas mulheres? Ou será que estes e estas encontraram forças em si mesmos, e não no Senhor, seu Deus? Foi o Senhor, seu Deus, quem me entregou a eles. Por que te apoias em ti, se não podes manter-te de pé? Lança-te nele, não temas, que ele não se

afastará para que caias. Lança-te com confiança, que ele te receberá e te curará.”

E enchia-me de grande vergonha, porque ainda ouvia o murmúrio daquelas bagatelas, e, vacilante, continuava indeciso.

Mas de novo aquela voz parece que me dizia: “Não dês ouvidos às tentações de teus membros impuros neste mundo, a fim de que sejam mortificados. Eles te falam de deleites, porém não conformes à lei do Senhor, teu Deus.”

Essa luta se desenrolava em meu coração, de mim contra mim mesmo. Alípio, sem se afastar de meu lado, aguardava em silêncio o desenlace de minha insólita emoção.

xii. 28. Mas logo que uma análise profunda tirou do abismo misterioso de minha alma e amontoou toda a minha miséria à vista de meu coração, caiu sobre minha alma enorme tormenta, portadora de copiosa chuva de lágrimas; e, para derramá-las todas com seus gemidos, afastei-me de Alípio. A solidão parecia-me mais cômoda para chorar, e, me afastei o mais longe possível, para que sua presença não me fosse embaraçosa. Tal era o estado em que me encontrava! Alípio percebeu-o, pois, não sei o que eu disse ao me levantar, com um timbre de voz que parecia carregado de lágrimas.

Alípio continuou no lugar em que estávamos sentados, muito admirado; mas eu, não sei como, afastei-me para a sombra de uma figueira, e dei vazão às lágrimas, e dois rios brotaram de meus olhos, sacrifício agradável a teu coração. E embora não com estas palavras, mas com o mesmo sentido, te disse muitas coisas como esta: “E tu, Senhor, até quando? Até quando, Senhor, hás de estar irritado! Esquece-te de minhas iniquidades passadas!” Sentia-se ainda preso a elas, e gemia, e lamentava: “Até quando? Até quando direi amanhã, amanhã? Por que não hoje? Por que não pôr fim imediatamente às minhas torpezas?”

xii. 29. Assim falava, e eu chorava com amarguíssima contrição de meu coração. Mas eis que ouço da casa vizinha uma voz, de menino ou menina, não sei, que dizia cantando, e repetia muitas vezes: “Toma e lê, toma e lê.”

E logo mudando de semblante, pus-me a procurar com toda a atenção em minhas lembranças se porventura havia alguma espécie de jogo em que as crianças costumassem cantar algo parecido, mas não me lembrava de ter

ouvido nada semelhante. Reprimindo o ímpeto das lágrimas, levantei-me. Uma só interpretação se me oferecia: a vontade divina mandava-me abrir o livro e ler o primeiro capítulo que encontrasse.

Tinha ouvido dizer que Antão, assistindo por acaso a uma leitura do Evangelho, tomara para si esta advertência: “Vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu, e depois vem e segue-me”, e que esse oráculo decidira imediatamente sua conversão.

Por isso, voltei depressa para o lugar onde Alípio estava sentado, e onde eu deixara o livro do Apóstolo ao me levantar. Peguei-o, abri-o e li em silêncio o primeiro capítulo que me caiu sob os olhos: “Não caminheis em glotonarias e embriaguez, não nos prazeres impuros do leito e em leviandades, não em contendas e emulações, mas revesti-vos de nosso Senhor Jesus Cristo, e não cuideis da carne com demasiados desejos.”

Não quis ler mais, nem era necessário, pois, quando cheguei ao fim da frase, uma espécie de luz de segurança se infiltrou em meu coração, dissipando todas as trevas da incerteza.

xii. 30. Então, marcando com o dedo, ou não sei com quê, fechei o livro e, com o rosto já tranquilo, revelei a Alípio o que se passara. Ele, por sua vez, me revelou o que acontecera com ele, e que eu ignorava. Pediu para ver o que eu tinha lido; mostrei-lhe, e ele prosseguiu a leitura. Eu ignorava o texto seguinte, que era este: “Recebei ao fraco na fé”, palavras que aplicou para si e mas comunicou. Fortificado por essa advertência sem nenhuma perturbação e hesitação, firmou-se nessa resolução e santo propósito, tão conforme com seus costumes, nos quais já há muito tempo se distanciava vantajosamente de mim.

Entramos depois à procura de minha mãe, que ao saber do sucedido ficou muito alegre. Contamos-lhe como o caso se passara: ela exulta, triunfa e bendiz a ti, que és poderoso para dar-nos mais do que pedimos ou entendemos, porque via que lhe havias concedido, a meu respeito, muito mais do que constantemente te pedia com tristes gemidos e lágrimas.

De tal forma me converteste a ti, que já não procurava esposa nem abrigava esperança alguma deste mundo, estando já naquela “regra de fé” sobre a qual há tantos anos me havias mostrado à minha mãe. E assim converteste seu pranto em alegria, muito mais fecunda do que havia desejado, e muito mais cara e pura que a que podia esperar dos netos nascidos de minha carne.

Notas

1. São Simpliciano, presbítero da Igreja de Roma, fora mandado a Milão para instruir Santo Ambrósio nas Sagradas Escrituras e nos santos padres, sucedendo-o como bispo em 397.
2. C. M. Vitorino mereceu uma estátua em Roma, no foro de Trajano. Escreveu muito sobre retórica, filosofia e métrica. Traduziu, para o latim, entre outras obras, a *Isagoge*, de Porfírio, as *Enéadas*, de Plotino, e as *Categorias*, de Aristóteles.
3. Virgílio, *Eneida*, VIII, 698-9.
4. Santo Antão nasceu em 251 e morreu em 356, com 105 anos, dois anos depois de ter nascido Santo Agostinho. É considerado o fundador da vida monástica no Ocidente e no Oriente.
5. Vida escrita por Santo Atanásio e traduzida por Evágrio para o latim, em 371.

LIVRO IX

I. I. Ó Senhor, sou teu servo e filho de tua serva. Rompeste minhas prisões: eu te sacrificarei uma hóstia de louvor. Louvem-te meu coração e minha língua, e que todos os meus ossos te digam: “Senhor, quem semelhante a ti?” Que eles te digam essas palavras e que me respondas e digas à minha alma: “Eu sou tua salvação.”

Quem era eu, e como era? Que males não tive em minhas obras, ou, se não em minhas obras, em minhas palavras, ou, se não em minhas palavras, em meus desejos! Mas tu, Senhor, bom e misericordioso, puseste os olhos na profundidade de minha morte, exaurindo com tua destra o abismo de corrupção do fundo de minha alma. Tratava-se agora apenas de não querer o que eu queria, e de querer o que tu querias.

Mas onde estava meu livre-arbítrio durante tantos anos? De que profundo e misterioso abismo foi ele chamado, para que eu sujeitasse a cerviz a teu jugo suave e o ombro a teu leve peso, ó Cristo Jesus, meu auxílio e redenção?

Oh! Que doçura foi para mim carecer de repente de doçuras fúteis! Temia então perdê-las, como agora sentia prazer em deixá-las! Porque tu as lançavas de mim, e entravas em seu lugar mais doce que qualquer leite, mas não para a carne e o sangue; mais claro que toda luz, mas mais escondido que qualquer segredo; mais sublime que todas as honras, mas não para os que se levantam sobre si.

Livre estava já minha alma dos devoradores cuidados da ambição, do ganho, e do lodo em que se revolia, e do prurido dos apetites carnaís; e falava muito contigo, ó Deus e Senhor meu, minha luz, minha riqueza, minha salvação!

II. 2. Pareceu-me bem, em tua presença, não abandonar de modo ostensivo, mas retirar suavemente do mercado da loquacidade o ministério de minha língua, para que dali por diante os jovens que não se preocupam com tua lei ou paz, mas com as enganosas loucuras e contendias forenses, não

comprassem de minha boca armas para seu furor. Felizmente faltavam pouquíssimos dias para as férias das vindimas.¹ Decidi suportá-los até lá. Então me retiraria, como de costume, e, resgatado por ti, não tornaria mais a me vender.

Esta minha determinação era conhecida de ti; dos homens, só a conheciam os de minha intimidade. E, mesmo assim, tínhamos combinado de nada deixar transpirar. Contudo, quando subíamos do vale de lágrimas, cantando o cântico dos degraus, nos tinhas dado setas agudas e carvões destruidores contra a língua pérfida que contradiz sob o pretexto de aconselhar e como quem se alimenta consome o que ama.

II. 3. Tinhas ferido nosso coração com teu amor, e levávamos tuas palavras cravadas em nossas entranhas; os exemplos de teus servos, que de negros tornaras resplandecentes, e de mortos-vivos, reuniam-se no fundo de nosso espírito em uma espécie de fogueira, que inflamava e consumia nosso torpor, para que não mais nos inclinássemos para as baixezas. Estávamos inflamados de tal ardor, para que o vento da contradição das línguas dolosas não nos apagasse, antes nos incendiasse mais ardentemente.

Contudo, por causa de teu nome, que santificaste em toda terra, nossa decisão e propósito haviam de ter também seus panegiristas. Pareceria de certo modo vaidade não aguardar as férias tão próximas. Abandonar antes dessa data uma profissão pública, e tão à vista de todos, seria atrair sobre minha conduta todos os olhares, provocando comentários. Dir-se-ia que eu, intencionalmente, me adiantara às férias tão próximas por desejo de parecer grande personagem. E de que me valeria que pensassem ou discutissem sobre minhas intenções, blasfemando sobre o meu bem?

[...]

IV. 7. Por fim, chegou o dia em que me libertaria da profissão de retórico, da qual já me libertara em pensamento. Assim aconteceu. Livraste minha língua de onde já havias tirado meu coração. Eu te bendizia contente, e parti com todos os meus, a caminho da quinta de Verecundo. Os trabalhos literários que lá executei, já com o pensamento de te servir, mas ainda com a respiração ofegante do lutador durante uma pausa, ainda me ressentindo da soberba da escola, são atestados pelos livros nos quais anotava meus debates com meus

amigos ou comigo mesmo em tua presença.² Do que tratei com Nebrídio, então ausente, claramente o indicam minhas cartas. Mas quando encontraria bastante tempo para recordar todos os teus grandes benefícios para comigo, sobretudo nessa época de minha vida, pois tenho pressa para chegar a outros assuntos mais importantes? Porque me vinha à memória — e me é doce confessá-lo, Senhor — a lembrança dos estímulos internos com que me domaste; o modo como aplanaste minha alma abatendo as colinas e montanhas de meus pensamentos; como endireitaste meus caminhos tortuosos e suavizaste minhas asperezas; como venceste a Alípio — o irmão de meu coração — em nome de teu Filho único, Jesus Cristo, Senhor e Salvador nosso, nome que seu desprezo não podia admitir em minhas obras, porque preferia que cheirassem como os cedros das escolas, já abatidos pelo Senhor, e não como as salutares ervas de tua Igreja, antídoto para o veneno das serpentes.

[...]

v. 13. Terminadas as férias, informei aos milaneses que providenciassem para seus estudantes outro vendedor de palavras, visto que me decidira a consagrar-me a teu serviço, e, porque, aliás, não podia exercer aquela profissão pela dificuldade de respirar e pelas dores que sentia no peito.

Também insinuei por escrito a teu bispo e santo varão Ambrósio, com meus antigos erros, minha intenção atual, a fim de que me indicasse o que deveria ler de preferência em tuas Escrituras, a fim de me preparar e dispor melhor para receber tão grande graça.

Ele me indicou o profeta Isaías, creio que porque anuncia mais claramente que os demais o Evangelho e vocação dos gentios. Contudo, nada tendo compreendido na primeira leitura, e julgando que toda a obra era assim, decidi voltar a ela quando estivesse mais familiarizado com a palavra divina.

vi. 14. Chegado o tempo em que nos deveríamos inscrever, deixamos o campo e voltamos para Milão.

Alípio também quis renascer em ti comigo, já revestido da humildade tão conveniente a teus sacramentos. Era tão enérgico para disciplinar seu corpo, que caminhava com os pés descalços, sem estar a isso acostumado, sobre o chão glacial da Itália.

Juntamos também a nós o jovem Adeodato, filho carnal de meu pecado, a quem dotaste de grandes qualidades. Tinha cerca de 15 anos, mas por sua inteligência já ultrapassava a muitos homens idosos e doutos. Confesso-te que eram dons teus, meu Senhor e meu Deus, criador de todas as coisas, tão poderoso para reformar nossas deformidades, pois, neste menino nada havia de meu, senão meu pecado. Se o criei em tua disciplina, foste tu, e mais ninguém, quem o inspirou. Sim, confesso que eram dons teus.

Há um livro meu que se intitula *O mestre*, no qual Adeodato dialoga comigo.³ Tu sabes que todos os conceitos que ali se atribuem a meu interlocutor são dele, quando tinha 16 anos. Muitas outras maravilhas notei ainda nele, admirado por sua inteligência. Mas quem, além de ti, poderia ser o autor dessas maravilhas? Logo o arrebataste da terra, e minha lembrança se torna mais tranquila, nada mais tendo a temer por sua infância, por sua adolescência ou por toda a sua vida de homem. Associamo-lo a nós como irmão na graça, para educá-lo em tua disciplina. Fomos batizados, e os remorsos de nossa vida passada se afastaram de nós.

[...]

VIII. 17. Tu, que fazes morar na mesma casa os que têm uma só alma, trouxeste para nossa companhia a Evódio, jovem de nosso município que, militando como agente de negócios do imperador, se convertera antes de nós, e recebendo o batismo abandonara a milícia do século, alistando-se na tua.

Estávamos juntos, e juntos pensávamos viver em santa concórdia. Buscávamos um lugar onde nos pudéssemos instalar mais comodamente para te servir e juntos voltávamos para a África, quando, chegando a Óstia Tiberina, morreu minha mãe.

Muitas coisas passo por alto, porque tenho pressa. Recebe minhas confissões e ações de graças, meu Deus, pelas inúmeras bondades que passo em silêncio. Mas não calarei o que minha alma sugere a respeito desta tua serva, que me gerou na carne para a luz temporal, e no coração para a luz eterna. Não referirei os seus dons, mas os dons que lhe deste, porque nem ela se fez a si mesma, nem a si mesma se havia educado. Foste tu quem a educaste, pois nem seu pai, nem sua mãe sabiam o que viria a ser aquela a quem geraram. A disciplina de teu Cristo, a doutrina de teu Filho único foi

quem a educou em teu temor em uma família fiel, digno membro de tua Igreja.

[...]

x. 23. Estando já próximo o dia em que teria de partir desta vida — que tu, Senhor, conhecias, e nós ignorávamos —, sucedeu, creio, por disposição de teus ocultos desígnios, que nos encontrássemos sós, eu e ela, apoiados a uma janela, que dava para o jardim interior da casa em que morávamos em Óstia Tiberina, de onde, separados de todos, depois das fadigas de uma longa viagem, recobrávamos forças para a viagem por mar.

Ali, sozinhos, conversávamos com grande doçura, esquecendo o passado, ocupados apenas no porvir, e indagávamos juntos, na presença da Verdade, que és tu, qual seria a vida eterna dos santos, que nem os olhos viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração do homem pôde conceber. Abríamos ansiosos os lábios de nosso coração aos caudais celestes de tua fonte — da fonte de vida que está em ti — para que, orvalhados segundo nossa capacidade, pudéssemos de algum modo formar ideia de coisa tão grande.

x. 24. E como nossa conversa chegasse à conclusão de que qualquer prazer dos sentidos carnis, por maior que seja, e por mais brilhante que seja o esplendor sensível que o cerca, não parece digno de ser comparado à felicidade dessa vida a teu lado, elevando nosso espírito para mais alto, com um movimento mais ardente, em direção ao Ser por excelência, percorremos umas após outras todas as criaturas corporais, até o próprio céu, de onde o Sol, a Lua e as estrelas lançam sobre a Terra sua luz.

E ainda subimos mais, meditando, descrevendo e admirando tuas obras, e chegamos até nossas almas, e também fomos além delas, a fim de atingir a região da abundância inesgotável, onde apascentas eternamente a Israel com o pasto da verdade, lá, onde a vida é a sabedoria, por quem todas as coisas existem, tanto as que já existem como as que ainda não existem, sem que ela própria se crie a si mesma, pois existe agora, como antes existiu e como sempre existirá. Antes, nela não há nem passado nem futuro: ela apenas é, porque é eterna; mas ter existido ou haver de existir não é ser eterno.

E enquanto falávamos dessa sabedoria, e suspirávamos por ela, chegamos a tocá-la momentaneamente com todo o ímpeto de nosso coração; e

suspirando, e deixando ali prisioneiras as primícias de nosso espírito, voltamos ao ruído vazio de nossos lábios, onde tem princípio e fim o verbo humano, em nada semelhante a teu Verbo, nosso Senhor, que permanece em si sem envelhecer, renovando todas as coisas!

x. 25. E dizíamos: suponhamos uma criatura na qual se calasse o tumulto da carne, as imagens da terra, da água, do ar e até dos céus; em quem a própria alma se calasse, e se elevasse sobre si própria não pensando mais em si; se calassem os sonhos e revelações imaginárias, e, finalmente, se calasse por completo toda língua, todo sinal, e tudo quanto se faz passando — posto que todas essas coisas digam a quem lhes presta ouvido: não nos fizemos a nós mesmas; fez-nos o que permanece eternamente —, se, dito isto, se calassem, atentas a seu Criador. Admitamos que então o Criador fale sozinho, não por suas obras, mas por si mesmo, de modo que ouvíssemos sua palavra não por uma língua de carne, nem pela voz de um anjo, nem pelo ruído das nuvens, nem por enigmas de semelhança, mas o ouvíssemos a ele mesmo, a quem amamos nestas coisas, mas sem o intermédio delas, como agora acabamos de experimentar, atingindo em um relance do pensamento a eterna sabedoria, que permanece sobre todas as coisas, suponhamos que essa visão se prolongasse, que todas as outras visões inferiores cessassem, e unicamente esta arrebatasse a alma de seu contemplador e a absorvesse e abismasse em íntimas delícias, de modo que a vida eterna seja semelhante a este momento de intuição que nos fez suspirar, não seria isto a realização do entrar no gozo de teu Senhor? Mas quando se dará isto? Por acaso quando todos ressuscitarmos? Mas então não seremos todos transformados?

x. 26. Tais coisas dizia eu, embora não deste modo, nem com estas palavras. Mas tu sabes, Senhor, que naquele dia, enquanto falávamos destas coisas — e à medida que falávamos nos parecia mais vil este mundo, com todos os seus deleites —, disse-me minha mãe: “Filho, quanto a mim, já nada mais me atrai nesta vida. Não sei o que faço ainda aqui, nem por que ainda continuo viva, se já se desvaneceram para mim todas as esperanças do mundo. Uma só coisa me fazia desejar viver um pouco mais, e era ver-te cristão e católico antes de morrer. Deus me concedeu esta graça superabundantemente, pois, desprezada a felicidade terrena, já vejo que és seu servo. Que faço, pois, aqui?”

xi. 27. Não recordo bem o que respondi a essas palavras. Mas cerca de cinco dias mais tarde, ou pouco mais, caiu de cama com febres. Estando enferma, teve um dia um desmaio, ficando por pouco tempo privada dos sentidos. Acudimos correndo, mas logo voltou a si, e vendo-nos presentes a mim e a meu irmão,⁴ disse-nos, como quem pergunta algo: “Onde estava eu?”

Depois, vendo-nos atônitos de tristeza, nos disse: “Sepultareis aqui a vossa mãe.” Eu me calava, retendo as lágrimas, mas meu irmão disse não sei que palavras, com as quais parecia desejar-lhe, como algo mais feliz, morrer na pátria e não em terras distantes. Ao ouvi-lo, minha mãe repreendeu-o com o olhar, e com o rosto aflito por ter pensado em tais coisas; e depois, olhando para mim, disse: “Ouça o que ele diz.” E depois, dirigindo-se a nós dois: “Sepultem este corpo em qualquer lugar, e não se preocupem mais com ele. Peço apenas que se lembrem de mim diante do altar do Senhor, onde quer que estejam.” E tendo-nos explicado seu pensamento com as palavras que pôde, calou-se, seu estado piorou e suas dores tornaram-se mais agudas.

[...]

xii. 29. Fechei-lhe os olhos, e uma tristeza imensa me afluiu ao coração, e já me ia desfazer em lágrimas, quando ao mesmo tempo meus olhos, dóceis ao enérgico poder de minha vontade, fechavam sua fonte até secá-la. Como foi dolorosa essa luta! Foi então, quando ela deu o último suspiro, que o menino Adeodato se pôs a chorar aos gritos; mas, reprimido por todos nós, se calou. Deste modo sua voz juvenil, voz do coração, reprimiu em mim essa espécie de emoção pueril que me provocava o pranto. Porque não julgávamos conveniente celebrar aquele luto com queixas lastimosas e gemidos, com os quais se costuma deplorar frequentemente o triste destino dos que morrem ou sua total extinção. A morte de minha mãe nada tinha de triste, e ela não morria por completo, e disto estávamos certos pelo testemunho de seus costumes, por sua fé não fingida e outras razões irrefutáveis.

[...]

xii. 32. Quando chegou o momento dos funerais, fui e voltei sem derramar uma lágrima. Nem mesmo nas orações que te fizemos, enquanto se oferecia o sacrifício de nosso resgate por intenção da morta, cujo cadáver jazia junto ao

sepulcro antes de ser depositado, como ali é costume, nem mesmo nessas orações, digo, chorei. Mas durante todo o dia andei muito triste, interiormente, pedindo-te como podia, com a mente perturbada, que aliviasses minha dor. Mas não me ouvias, sem dúvida para que fixasse bem na memória, ao menos por esta única experiência, como são poderosos os laços do costume, mesmo em uma alma que já não se alimenta de palavras mentirosas.

[...]

XIII. 37. Que ela repouse em paz com seu marido, antes do qual e depois do qual não teve outro; a quem serviu com uma paciência cujo fruto te oferecia, a fim de o ganhar também para ti. Mas inspira-nos, meu Senhor e meu Deus, inspira a teus servos, meus irmãos, a teus filhos, meus senhores, a quem sirvo de coração, com a palavra e com a pena, para que quantos lerem estas páginas se lembrem ante teu altar de Mônica, tua serva, e de Patrício, outrora seu esposo, pelos quais me introduziste nesta vida, não sei como. Que eles se lembrem com piedoso afeto dos que foram meus pais nesta luz transitória, e meus irmãos em ti, ó Pai, na Igreja Católica, nossa mãe, e meus concidadãos na Jerusalém eterna, objeto dos suspiros de teu povo em sua peregrinação desde a saída até o regresso. Assim, graças às minhas confissões, seu último desejo será mais amplamente satisfeito com essas numerosas orações do que só pelas minhas.

Notas

1. É provável que as férias de outono dos estudantes coincidissem com as férias dos tribunais, que se iniciavam a 22 de agosto e terminavam a 15 de outubro.
2. Refere-se aos seguintes livros: *Contra academicos*, *De beata vita*, *De ordine* e *Solilóquios*.
3. Adeodato nasceu em 372 e morreu em 388.
4. Chamava-se Návio e era o mais velho dos irmãos.

SOBRE O AUTOR

Aurélio Agostinho, Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho — um dos mais eminentes doutores da Igreja ocidental — foi bispo católico, teólogo e filósofo, nascido em 354 em Tagaste (norte da África).

Filho de um pagão, Patrício, e de Santa Mônica, iniciou os estudos na cidade natal e completou sua formação em retórica em Madaura e Cartago. Viveu uma juventude desregrada, mas permanentemente atormentada pela procura da verdade. Depois de aderir ao maniqueísmo e ao ceticismo, converteu-se à fé cristã e foi batizado aos 33 anos. Ensinou retórica nas cidades italianas de Roma e Milão, e nesta teve contato com o neoplatonismo cristão. Em 395, passou a ser bispo, atuando em Hipona. Exerceu o cargo até a morte, em 28 de agosto de 430.

Entre seus escritos, destacam-se os tratados teológicos *A doutrina cristã* e *A trindade*; *Confissões*, obra autobiográfica; e *A cidade de Deus*, livro que estabelece, pela primeira vez, uma filosofia da história. Escreveu ainda importantes textos filosóficos, apologéticos e exegéticos, além de numerosos comentários bíblicos, sermões e cartas.

DIREÇÃO EDITORIAL
Daniele Cajueiro

EDITORA RESPONSÁVEL
Ana Carla Sousa

PRODUÇÃO EDITORIAL
Adriana Torres
Mariana Bard
Juliana Borel

REVISÃO
Alessandra Volkert

PROJETO GRÁFICO
Rafael Nobre

DIAGRAMAÇÃO
Futura

PRODUÇÃO DO E-BOOK
Ranna Studio